MEMORIAL ACADÊMICO DESCRITIVO

Prof.ª Dr.ª SIGRID BITTER

Memórias Vivas de Uma Jornada: Entrelaçam se Que Espirais

UFU

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

B624m
2025

Bitter, Sigrid, 1959-
Memórias vivas de uma jornada [recurso eletrônico] : espirais que se entrelaçam / Sigrid Bitter. - 2025.

Memorial Descritivo (Promoção para classe E - Professor Titular) - Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5077
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de Uberlândia. Faculdade de Educação Física e Fisioterapia. II. Título.

CDU: 378.124

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408

SIGRID BITTER

MEMÓRIAS VIVAS DE UMA JORNADA:

Espirais Que se Entrelaçam

Memorial Acadêmico Descritivo apresentado à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos exigidos para Promoção da Classe de Professora Associada IV para a Classe de Professora Titular da Carreira de Magistério Superior, conforme a Portaria do Ministério da Educação nº 982/2013 e a Resolução nº 3/2017 do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia.

Uberlândia
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA

COMISSÃO ESPECIAL DE AVALIAÇÃO

Prof. Dr. Narciso Larangeira Telles da Silva
(**UFU** – Artes Cênicas)

Prof. Dr. Marco Túlio de Mello
(**UFMG** – Educação Física)

Profa. Dra. Margareth Martins de Araújo
(**UFF** – Educação)

Profa. Dra. Eliana Lucia Ferreira
(**UFJF** – Educação Física)

Suplente: Prof. Dr. Romualdo Rodrigues Palhano
(**UNIFAP** – Artes Cênicas)

Suplente: Profa. Dra. Aline da Silva Nicolino
(**UFU** – Educação Física)

Uberlândia
2025

DEDICATÓRIA

Gratidão aos seres visíveis e invisíveis que me acompanham.

Gratidão aos meus familiares: ao meu pai (in memoriam), Helmut Heinrich Georg Bitter; à minha mãe (in memoriam), Marie Antonette Ficker Bitter; às minhas três irmãs, Barbara Oswald, Martina Bitter e Rebeca Bitter; ao meu irmão; ao meu filho, Rene; e ao meu neto, Igor Vilela Rosa Bitter. Agradeço também a todos os meus antepassados, que me deram suporte para ser quem fui e quem sou até hoje.

Gratidão a todos os técnicos, professores e orientadores, pelos quais eu tive a possibilidade de crescer. Gratidão aos livros e artigos com os quais eu pude dialogar.

Gratidão a todos os alunos que por mim passaram e que para mim representam estrelinhas especiais que constituem um grande universo.

Gratidão aos amigos que passaram pela minha vida, aos que ainda possuo e aos que virão.

Gratidão aos inimigos que me mostraram tudo o que eu não poderia ser.

Gratidão à Gaia, por ter vindo em um momento difícil, trazendo alegria, afeto e energia

Gratidão pelos pilares de VIDA que me sustentam: a música, o movimento e a natureza!

Uberlândia
2025

Somos criaturas finitas, num mundo cheio de desafios, com mais perguntas do que respostas. Fatos, valores, crenças e tradições formam uma teia em que é fácil se perder (Marcelo Gleiser)[1]

1 Para Marcelo Gleiser, físico teórico brasileiro, cientista e escritor, não há verdades absolutas pois o conhecimento é processo e está em curso. Segundo ele, a ciência aumenta nossa capacidade de descrever fenômenos e fatos da realidade, mas é incapaz de abranger sua totalidade: à medida que o conhecimento avança, também nos aproximamos de novas fronteiras do desconhecido (Leituras Livres, 2024.)

RESUMO

Afinal, o que é realmente um "memorial"? A palavra vem do latim *memorialis*, ou seja, algo que ajuda a memória. São fatos memoráveis, que precisam ser lembrados. O termo pode ser usado como adjetivo ou substantivo. Como substantivo, pode significar um documento escrito que relata a vivência ou lembrança de alguém. Como adjetivo, refere-se a algo que traz à memória ou que é digno de ser lembrado. Enfim, descrevo aqui, em forma de narrativa, minha vida profissional, a qual se entrelaça com minhas vivências pessoais. Não consigo falar de uma sem referenciar a outra. Inicio minha escrita explicando como surgiu o título e defendendo as inúmeras imagens que trago, já que estas, muitas vezes, contam para além das palavras. Esse exercício de resgatar memórias, lembranças, e desvelar o que o tempo insiste em apagar, foi um processo muito rico de resgates, reflexões, *insights* e até mesmo terapêutico. Em seguida, reverencio meus antepassados, familiares, amigos, técnicos, professores, orientadores e alunos, com os quais, juntos, fomos tecendo a grande teia de vida que se formou até o momento. Fui lembrando de cada detalhe da fase de atleta, contando as estórias envolvidas nesse período, sempre com muitos desafios e sempre com muita predisposição em vencê-los. Recordo as medalhas que conquistei e meu momento de arbitragem e gestão esportiva no ambiente da ginástica. Passo, em seguida, a descrever itens importantes da minha jornada holística, espiritualista e metafísica. Segui enfrentando desafios, e ainda assim, insistindo, pude aprender muito sobre ser uma pessoa mais inteira, mais em conexão com o todo, e, principalmente, sobre onde as coisas faziam mais sentido para mim. Chego, então, à grande parte deste memorial, em que apresento meu processo no ensino formal, desde a educação infantil até o doutorado. Os aprendizados, para muito além desse ensino formal, foram acrescentando bagagem não só ao conhecimento acadêmico, mas também a valores mais humanos, com mais consciência e respeito ao próximo[2] e à natureza. O mestrado na Alemanha ocorrido em períodos sombrios. O doutorado na UNIRIO, o qual me trouxe mais fôlego e me mostrou um outro mundo, com outras cabeças, com mais respeito e sentido. Na sequência, trago todo o meu percurso profissional, passando pelo ensino e pela extensão, pesquisa e gestão. Descrevo as disciplinas que lecionei e que foram mudando com o passar do tempo. Os projetos de extensão, duradouros e repletos de significado para aqueles que por eles transitaram, seja como participantes, estagiários ou monitores. As pesquisas, por meio das quais pude adquirir novos saberes, refletir e discutir assuntos, muitas vezes polêmicos, mas que me fizeram crescer. E, na gestão, participando coletivamente com os meus pares, professores da Educação Física e da Fisioterapia, e para além da FAEFI. Trago ainda a forma simbólica de reconhecimento por aqueles com quem trabalhei com muito afeto, respeito e dedicação: meus alunos e minhas alunas, representados pelas homenagens e escritas de *feedbacks*. Encerro, fechando este grande ciclo com muitas lembranças e muitas saudades!

Palavras-chave: Memorial. Ciclos acadêmicos. Jornadas de vida.

2 Considero o Ser Humano também natureza, pois tudo é natureza; até o que o homem constrói é constituído de matéria advinda da natureza. É uma discussão bastante interessante, porém não cabe neste momento.

ABSTRACT

What, after all, is a “memorial”? The word originates from the Latin memorialis, meaning something that aids memory. It refers to memorable facts or events worth preserving. The term can function as both an adjective and a noun. As a noun, it signifies a written document recounting someone’s lived experiences or memories. As an adjective, it describes something evocative or worthy of remembrance. Here, I narrate my professional journey, deeply intertwined with my personal life—one cannot be separated from the other. I begin by explaining the origin of this memoir’s title and defending the inclusion of numerous images, as they often convey meaning beyond words. This process of recovering memories, reflecting on forgotten moments, and confronting the passage of time proved profoundly enriching, therapeutic, and filled with insights.

Next, I honor my ancestors, family, friends, coaches, professors, mentors, and students, all of whom contributed to weaving the intricate web of life that has shaped me. I recount details of my athletic career, sharing stories of challenges met with relentless determination. I reflect on the medals I earned and my experiences in sports arbitration and management within gymnastics. I then describe pivotal moments in my holistic, spiritualist, and metaphysical journey, where perseverance through adversity taught me to embrace wholeness, connection with the universe, and clarity of purpose.

The heart of this memorial lies in my formal education, spanning early childhood schooling to doctoral studies. Beyond academia, these experiences enriched not only my scholarly knowledge but also my humanity—fostering awareness, respect for others[3], and reverence for nature. My Master’s program in Germany, undertaken during dark periods, contrasts with my revitalizing doctoral journey at UNIRIO, which introduced me to new perspectives, deeper respect, and renewed meaning.

Subsequently, I outline my professional trajectory across teaching, extension projects, research, and administrative roles. I detail the evolution of the disciplines I taught, the enduring significance of extension initiatives for participants and collaborators, and the growth spurred by researching contentious yet transformative topics. In administrative roles, I highlight collaborative efforts with peers in Physical Education, Physiotherapy, and beyond FAEFI.

I also pay symbolic tribute to those with whom I worked passionately: my students, represented by their heartfelt feedback and tributes. Finally, I close this expansive cycle with nostalgia and gratitude for the memories that define it.

Keywords: Memorial. Academic cycles. Life journeys.

3 I consider humans as part of nature, for all things are nature; even human creations derive from natural matter. This is a compelling discussion, though beyond the scope of this text.

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 – Helmut Heinrich Georg Bitter, especialista em arte sacra, principalmente esculturas e capelas. Trabalhava muitas vezes com uma prótese externa, devido à ausência de sua mão direita, que fora extirpada na II Guerra Mundial. Na foto, trabalhando com uma aluna	24
Imagem 2 – Essa peça foi feita com uma chapa inteiriça de cobre martelada numa bigorna. Refere-se ao busto de Cristo. Obra de Helmut Heinrich Georg Bitter	25
Imagem 3 – Escultura de Helmut Heinrich Georg Bitter, três metros, em bronze, instalada na Igreja Nossa Senhora da Ressureição, Rio de Janeiro/ RJ	25
Imagem 4 – Trabalho de Maria Antonette Ficker Bitter em cobre esmaltado, com moldura de madeira torneada	26
Imagem 5 – Maria Antonette Ficker Bitter durante seu labor	26
Imagem 6 – Peça decorativa de Maria Antonette Ficker Bitter, em vidro com a técnica de Murano	27
Imagem 7 – Emblema do Grupo Unido de Ginástica (GRUGIM)	30
Imagem 8 – Emblemas utilizados nos uniformes da Seleção Brasileira de Ginástica Rítmica Desportiva	31
Imagem 9 – Foto da fase de atleta com aparelho Fita	32
Imagem 10 – Foto da fase de atleta com aparelho Bola (1)	32
Imagem 11 – Foto da fase de atleta com aparelho Bola (2)	32
Imagem 12 – Foto da fase de atleta com aparelho Bola (3)	32
Imagem 13 – Foto da fase de atleta – mãos livres	32
Imagem 14 – Foto da fase de atleta com aparelho Arco (1)	33
Imagem 15 – Foto da fase de atleta com aparelho Arco (2)	33
Imagem 16 – Foto da fase de atleta com aparelho Corda (1)	34
Imagem 17 – Foto da fase de atleta com aparelho Corda (2)	35

Imagem 18 – Foto da fase de atleta com aparelho Maças	35
Imagem 19 – Fase de atleta, em plena competição apresentando uma série individual com o aparelho fita (campeã de fita no Campeonato Brasileiro de Ginástica Rítmica Desportiva (1977)	35
Imagem 20 – Cartaz do VII Campeonato Mundial, Madrid/Espanha (novembro de 1975 – 7ª colocação)	36
Imagem 21 – Certificado de participação no VII Campeonato Mundial, Madrid/Espanha (novembro de 1975 – 7ª colocação)	36
Imagem 22 – Crachá do VII Campeonato Mundial, Madrid/Espanha (novembro de 1975)	37
Imagem 23 – Equipe brasileira no VII Campeonato Mundial - Madrid/ Espanha (novembro de 1975)	37
Imagem 24 – Passaporte da FIG recebido durante o VIII Campeonato Mundial, em Basiléia/Suíça (1977)	37
Imagem 25 – VIII Campeonato Mundial de Ginástica Rítmica Desportiva, Suíça (1977)	38
Imagem 26 – Diploma de participação no VIII Campeonato Mundial, em Basiléia/Suíça (1977 – 18ª colocação)	38
Imagem 27 – Medalha (frente) de participação do Festival de Ginástica Moderna, Alemanha (1977)	38
Imagem 28 – Medalha (verso) de participação do Festival de Ginástica Moderna, Alemanha (1977)	38
Imagem 29 – Certificado de participação no I Pan Pacific Championship, em Montreal, Canadá (novembro de 1978 – 2ª colocação)	39
Imagem 30 – Agradecimento da Federação de Ginástica do Canadá pela participação no I Pan Pacific Championship, em Montreal, Canadá (novembro de 1978 – 2ª colocação)	39
Imagem 31 – Boton do I Pan Pacific Championship, em Montreal, Canadá (novembro de 1978)	39
Imagem 32 – Recebendo a premiação do I Pan Pacific Championship, em Montreal, Canadá (novembro de 1978 – 2ª colocação)	39
Imagem 33 – Participação no IX Campeonato Mundial, em Londres, Inglaterra (julho de 1979 – 21ª colocação)	40

Imagem 34 – Boton do IX Campeonato Mundial, em Londres, Inglaterra (julho de 1979)	40
Imagem 35 – Convite do Jantar de Gala do IX Campeonato Mundial, em Londres, Inglaterra (julho de 1979)	40
Imagem 36 – Campeonato Internacional em Bradford, campeã de conjunto, Inglaterra (1979)	40
Imagem 37 – Jornal não identificado (1977). Preparação para o VIII Campeonato Mundial de GR em Basiléia, Suíça	41
Imagem 38 – Reportagem do Jornal do Brasil (1977)	41
Imagem 39 – Primeiro pernoite em Söst, Alemanha (1977)	42
Imagem 40 – Casa onde ficamos "presas" em Söst, Alemanha (1977)	43
Imagem 41 – Reportagem sobre o "sequestro-aventura" na Alemanha (1977)	44
Imagem 42 – Reportagem do Jornal dos Esportes de 1978. Campeonato dos Quatro Continentes de Ginástica Rítmica, em Montreal/Canadá (1978)	45
Imagem 43 – Reportagem de Jornal não identificado (1978), relatando um pouco das ginastas explicando o que é a Ginástica Rítmica	45
Imagem 44 – Revista de divulgação das ginastas campeãs brasileiras de Ginástica Rítmica (1978)	45
Imagem 45 – Em uma das viagens internacionais representando o Brasil.	46
Imagem 46 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Campeonato Brasileiro (frente)	47
Imagem 47 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Campeonato Brasileiro (verso)	47
Imagem 48 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Campeonato Brasileiro e Torneio Nacional Interclubes (frente)	47
Imagem 49 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Campeonato Brasileiro e Torneio Nacional Interclubes (verso)	47
Imagem 50 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Campeonato Brasileiro (frente)	48
Imagem 51 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Campeonato Brasileiro (verso)	48

Imagem 52 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Jogos Escolares Brasileiros em Natal-RN, Inauguração da nova sede do Minas Tênis Clube Unidade Serra, Belo Horizonte-MG (1985); Semana do Exército, Belo Horizonte-MG (1975); Aniversário de Brasília/DEFER; Federação Mineira de Ginástica; Federação Carioca de Ginástica; Competição de GA Brasil/México/Venezuela (1979) (frente)	48
Imagem 53 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Jogos Escolares Brasileiros em Natal-RN, Inauguração da nova sede do Minas Tênis Clube Unidade Serra, Belo Horizonte-MG (1985); Semana do Exército, Belo Horizonte-MG (1975); Aniversário de Brasília/DEFER; Federação Mineira de Ginástica; Federação Carioca de Ginástica; Competição de GA Brasil/México/Venezuela (1979) (verso)	48
Imagem 54 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Secretaria Municipal de Esportes de SP; Festival de Ginástica de São Paulo (1974); 44º Jogos Abertos do Interior, Araçatuba/SP, Federação Paulista de Ginástica (frente)	49
Imagem 55 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Secretaria Municipal de Esportes de SP; Festival de Ginástica de São Paulo (1974); 44º Jogos Abertos do Interior, Araçatuba/SP, Federação Paulista de Ginástica (verso)	49
Imagem 56 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – medalha de participação do VII Campeonato Mundial de Ginástica Rítmica Desportiva, em Madrid, Espanha (1975) (frente)	49
Imagem 57 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – medalha de participação do VII Campeonato Mundial de Ginástica Rítmica Desportiva, em Madrid, Espanha (1975) (verso)	49
Imagem 58 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – homenagem da Bahia (1978) (frente)	50
Imagem 59 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – homenagem da Bahia (1978) (verso)	50
Imagem 60 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – homenagem ao Ano Internacional da Pessoa Deficiente, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais (1981) (frente)	50
Imagem 61 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – homenagem ao Ano Internacional da Pessoa Deficiente, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais (1981) (verso)	50
Imagem 62 – Medalha conquistada no percurso gímnico - 2º lugar no Pan Pacific Championship, Canadá (1978) (frente)	50
Imagem 63 – Medalha conquistada no percurso gímnico - 2º lugar no Pan Pacific Championship, Canadá (1978) (verso)	50

Imagem 64 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – variedades (frente)	51
Imagem 65 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – variedades (verso)	52
Imagem 66 – Boton do Campeonato Internacional Konica Cup, em Princeton, Estados Unidos (1987)	54
Imagem 67 – Crachá como Árbitra Internacional no Konica Cup, em Princeton, Estados Unidos (1987) (frente)	54
Imagem 68 – Crachá como Árbitra Internacional no Konica Cup, em Princeton, Estados Unidos (1987) (verso)	54
Imagem 69 – Participação no Kinderturnfest, Alemanha (1990) (frente)	54
Imagem 70 – Participação no Kinderturnfest, Alemanha (1990) (verso)	54
Imagem 71 – Participação como árbitra nacional de Ginástica Rítmica dos Jogos Escolares Brasileiros (1981, 1982 e 1983)	55
Imagem 72 – Participação como árbitra nacional Ginástica Rítmica dos Jogos Escolares Brasileiros (1988)	56
Imagem 73 – Com o renomado professor de Yoga, José Hermógenes de Andrade (*in memoriam*), autor de vários livros na área	59
Imagem 74 – Primeiro Curso de Formação em Yoga da Suddha Dharma Mandalam, em Uberlândia-MG (2000)	60
Imagem 75 – Segunda iniciação na Escola de Yoga Shudha Dharma Mandalam	60
Imagem 76 – Arte feita por uma monitora para o Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas, na Universidade Federal de Uberlândia	74
Imagem 77 – Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas. Projeto de Extensão da FAEFI/UFU, desenvolvido sob a coordenação da Profa. Sigrid Bitter, entre 1993 e 1997. Foi um trabalho inédito – Conjunto	75
Imagem 78 – Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas. Projeto de Extensão da FAEFI/UFU, desenvolvido sob a coordenação da Profa. Sigrid Bitter entre 1993 e 1997. Foi um trabalho inédito – Aparelho corda	75
Imagem 79 – Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas. Projeto de Extensão da FAEFI/UFU, desenvolvido sob a coordenação da Profa. Sigrid Bitter entre 1993 e 1997. Foi um trabalho inédito – Aparelho bola	75
Imagem 80 – Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas. Projeto de Extensão da FAEFI/UFU, desenvolvido sob a coordenação da Profa. Sigrid Bitter entre 1993 e 1997. Foi um trabalho inédito – Aparelho arco	76

Imagem 81 – Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas. Projeto de Extensão da FAEFI/UFU, desenvolvido sob a coordenação da Profa. Sigrid Bitter entre 1993 e 1997. Foi um trabalho inédito – Aparelho fita	76
Imagem 82 – Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas. Projeto de Extensão da FAEFI/UFU, desenvolvido sob a coordenação da Profa. Sigrid Bitter entre 1993 e 1997. Foi um trabalho inédito – Dupla de cadeirantes	76
Imagem 83 – Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas. Projeto de Extensão da FAEFI/UFU, desenvolvido sob a coordenação da Profa. Sigrid Bitter entre 1993 e 1997. Foi um trabalho inédito – Dupla cadeirante/andante	76
Imagem 84 – Participação no III Parapan-Américas (2007)	79
Imagem 85 – Participação no III Parapan-Américas (2007)	80
Imagem 86 – 1º FAGI, realizado em 27 de novembro de 1987	85
Imagem 87 – 2º FAGI, realizado em 30 de junho de 1988	85
Imagem 88 – 3º FAGI, realizado em 25 de novembro de 1988	85
Imagem 89 – Encontro Gímnico, realizado em 25 de agosto de 1989	86
Imagem 90 – 6º FAGI, realizado em 3 de dezembro de 1994	86
Imagem 91 – Reportagem em jornal da UFU (1994)	86
Imagem 92 – Capa do jornal da UFU (1994)	87
Imagem 93 – VII Painel de Dança da UFU	87
Imagem 94 – 3º Painel de dança do Uniaraxá, realizado no período de 14 a 17 de agosto de 2003	88
Imagem 95 – 5º Painel de dança do Uniaraxá, realizado em 24 de novembro de 2005	88
Imagem 96 – X Painel de Dança do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia	88
Imagem 97 – XXVIII Painel de Dança do curso de Educação Física da UFU, realizado em 4 de julho de 2009	89
Imagem 98 – XXIX Painel de Dança do curso de Educação Física da UFU, realizado em 11 de dezembro de 2009	89

Imagem 99 – XXX Painel de Dança do curso de Educação Física da UFU, realizado em junho de 2010	89
Imagem 100 – XXXI Painel de Dança do curso de Educação Física da UFU, realizado em 3 de dezembro de 2010	89
Imagem 101 – XXXII Painel de Dança do curso de Educação Física da UFU, realizado em 17 de junho de 2011	90
Imagem 102 – XXXIII Painel de Dança do curso de Educação Física da UFU, realizado em 2 de dezembro de 2011	90
Imagem 103 – XXXIV Painel de Dança do curso de Educação Física da UFU, realizado em 27 de outubro de 2012	90
Imagem 104 – XXXV Painel de Dança do curso de Educação Física da UFU, realizado em 5 de abril de 2013	90
Imagem 105 – Homenagem da Secretaria de Educação e Cultura de Florianópolis/SC, dezembro de 1977	101
Imagem 106 – Homenagem da Federação Paulista de Ginástica, dezembro de 1977	101
Imagem 107 – Homenagem da Federação Pernambucana de Ginástica pela participação no Curso Internacional de Ginástica Rítmica, julho de 1986	101
Imagem 108 – Homenagem da 1ª turma de Educação Física da PUC/Ipatinga, julho de 1989 (capa)	101
Imagem 109 – Homenagem como Paraninfa da 1ª turma de Educação Física da PUC/Ipatinga, julho de 1989 (interno)	101
Imagem 110 – Homenagem da 2ª turma do curso de Educação Física diurno do UNIPAM, janeiro 2007	102
Imagem 111 – Homenagem como Patronesse da 1ª turma de Educação Física noturno UNIPAM, janeiro 2006	102
Imagem 112 – Presente da 1ª turma do UNIPAM noturno, abril de 2005	102
Imagem 113 – Homenagem da 23ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 1989 (capa)	103
Imagem 114 – Homenagem da 23ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 1989 (interno)	103
Imagem 115 – Homenagem da 29ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 1992 (capa)	103

Imagem 116 – Homenagem da 29ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 1992 (interno)	103
Imagem 117 – Homenagem da 38ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, janeiro de 1997	104
Imagem 118 – Placa de formatura da 38ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, janeiro de 1997	104
Imagem 119 – Homenagem da 39ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 1997, como nome da turma	105
Imagem 120 – Placa de formatura da 39ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 1997, como nome da turma	105
Imagem 121 – Homenagem da 40ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, fevereiro de 1998	105
Imagem 122 – Placa de formatura da 40ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, fevereiro de 1998	105
Imagem 123 – Placa de formatura da 44ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, janeiro de 2000	106
Imagem 124 – Homenagem da 45ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, agosto de 2000	106
Imagem 125 – Placa de formatura da 45ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, agosto de 2000	106
Imagem 126 – Homenagem da 46ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, dezembro de 2000, como madrinha da turma	107
Imagem 127 – Placa de formatura da 46ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, dezembro de 2000, como madrinha da turma	107
Imagem 128 – Homenagem da 47ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, agosto de 2001, como madrinha da turma	107
Imagem 129 – Placa de formatura da 47ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, agosto de 2001, como madrinha da turma	107
Imagem 130 – Homenagem da 51ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 2003	108
Imagem 131 – Placa de formatura da 51ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 2003	108

Imagem 132 – Placa de formatura da 56ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, 2005	108
Imagem 133 – Homenagem da 60ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, 2008	109
Imagem 134 – Placa de formatura da 60ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, 2008	109
Imagem 135 – Presentes recebidos da 63ª e 64ª turmas de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 2009	109
Imagem 136 – Homenagem da 63ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 2009	109
Imagem 137 – Placa de formatura da 63ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 2009	109
Imagem 138 – Homenagem da 64ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 2010	110
Imagem 139 – Placa de formatura da 64ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 2010	110
Imagem 140 – Placa de formatura da 68ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia	110
Imagem 141 – Homenagem da formanda Priscilla Sagário Silva, do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, fevereiro de 2014	111
Imagem 142 – Placa de formatura da 72ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, dezembro de 2014	111
Imagem 143 – Presente recebido da 73ª turma de Educação Físicas da Universidade Federal de Uberlândia, fevereiro de 2015, como madrinha de turma	111
Imagem 144 – Placa de formatura da 73ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, fevereiro de 2015	111
Imagem 145 – Homenagem sem referência.	112
Imagem 146 – Homenagem da formanda Giuliana, do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia	112
Imagem 147 – Depoimento dos alunos da pós-graduação da Unimontes, janeiro de 2000	113

Imagem 148 – Dinâmica em sala de aula. Cada participante escrevia as características da pessoa que estava com uma folha colada nas costas (primeira metade da folha)	114
Imagem 149 – Dinâmica em sala de aula. Cada participante escrevia as características da pessoa que estava com uma folha colada nas costas (segunda metade da folha)	114
Imagem 150 – Dinâmica em sala de aula. Cada participante escrevia as características da pessoa que estava com uma folha colada nas costas (terceira metade da folha)	114
Imagem 151 – Relatório solicitado ao final do semestre, descrevendo aspectos positivos, negativos e sugestões da disciplina (1)	115
Imagem 152 – Relatório solicitado ao final do semestre, descrevendo aspectos positivos, negativos e sugestões da disciplina (2)	115
Imagem 153 – Relatório solicitado ao final do semestre, descrevendo aspectos positivos, negativos e sugestões da disciplina (3)	116
Imagem 154 – Relatório solicitado ao final do semestre, descrevendo aspectos positivos, negativos e sugestões da disciplina (4)	116
Imagem 155 – Relatório solicitado ao final do semestre, descrevendo aspectos positivos, negativos e sugestões da disciplina (5)	117
Imagem 156 – Relatório solicitado ao final do semestre, descrevendo aspectos positivos, negativos e sugestões da disciplina (6)	117

Gostaria, antes de tudo, de trazer a música *Costuras da Vida*, de Sérgio Pererê, para a abertura deste Memorial, já que menciono espirais e ele, linhas. Metaforicamente, essa letra nos remete à trajetória de nossas vidas: nossas dificuldades, nossos acertos, as enrascadas por onde adentramos, nossa ignorância (no sentido de não saber), nossas conquistas, nossos fracassos, nosso fôlego e nossa falta de ar. Pela falta de coragem de sermos nós mesmos, perdemos momentos sublimes, prazerosos e cheios de vida. A vida não perdoa, é fugaz. Mas, por outro lado, há a força e a potência que alcançamos quando estamos por inteiro na relação com a natureza, conectados e atentos, desde o micro ao macrocosmo.

Costuras da Vida,

de Sérgio Pererê,
interpretado pelo grupo Quatro vozes,
pode ser acessado em:
www.youtube.com/watch?v=4vGkEdYuU2M&t=3s

Letra

Eu tentei compreender a costura da vida
Me enrolei, pois a linha era muito comprida, ô
Eu tentei compreender a costura da vida
Me enrolei, pois a linha era muito comprida

E como é que eu vou fazer para desenrolar
Para desenrolar
Mas como é que eu vou fazer para desenrolar
Para desenrolar

Se na linha do céu sou estrela
Na linha da terra sou rei
Mas na linha das águas sou triste
Pelo fogo que um dia apaguei

Na linha do céu sou estrela
Na linha da terra sou rei
Mas na linha do fogo sou triste
Pelos mares que eu não naveguei

Como é que eu vou fazer para desenrolar
Para desenrolar
Mas como é que eu vou fazer para desenrolar
Para desenrolar

(Sérgio Pererê, *Costuras da Vida,* 2022)

SUMÁRIO

1. Introdução ____ 21

2. Percursos de uma Longa Jornada ____ 23

2.1 Origens Espiraladas ____ 23

2.2 Trajetórias esportivas ____ 29

2.2.1 Fase de atheta ____ 29

2.2.1.1 Medalhas ____ 47

2.2.2 Arbitragem ____ 54

2.2.3 Gestão Esportiva ____ 56

2.3 Andanças em trilhas que se entrelaçam ____ 57

2.4 Espirais conquistadas e espirais partilhadas ____ 64

2.4.1 Formação ____ 64

2.4.2 Extensão ____ 73

2.4.3 Ensino ____ 92

2.4.4 Pesquisa ____ 94

2.4.5 Gestão ____ 98

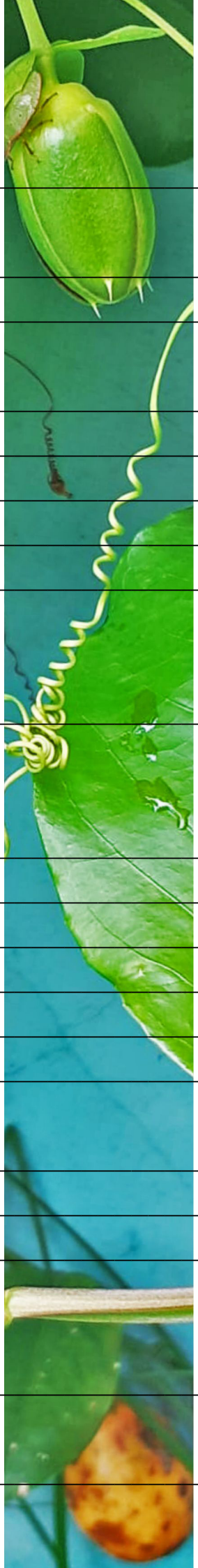
2.5 Recompensas simbólicas valiosas ____ 99

2.5.1 Homenagens ____ 99

2.5.2 Relatórios dos discentes ____ 113

3. Conclusão: fechando um grande ciclo ____ 118

Referências ____ 121



1. Introdução

Dou início a este Memorial revelando o porquê do título **"MEMÓRIAS VIVAS DE UMA JORNADA: ESPIRAIS QUE SE ENTRELAÇAM"**. São memórias vivas, pois ainda estão latentes em cada célula do meu corpo. E são espirais, representando a dança da vida, num crescente ir e vir, por diversos lugares, pontos, curvas e esquinas. Espirais de partida e de chegada, de encontros e desencontros. Espirais que tomam força e também se enfraquecem, que se entrelaçam e tecem acontecimentos, fatos, eventos, histórias, e tudo mais que forma e constitui minha vida! Escrita esta que traz lembranças, memórias, surpresas do que foi esquecido e que, de repente, emerge, resgates, saudades...

Sobre o porquê de optar pelo grande número de imagens, explico: como diz Etienne Samain (2012), pesquisador na área da antropologia da comunicação e antropologia da imagem, as imagens já falam por si só. Elas também trazem um conteúdo textual, pois toda imagem nos faz pensar, além de moldar o nosso próprio olhar. Para Jack Goody (1988), a fala, a escrita, o cinema, o vídeo e a fotografia, são "modos de pensar singulares e complementares, são maneiras próprias de nos organizarmos so-

cialmente". A imagem é indizível e uma riqueza polissêmica do sensorial humano. Para Tomás de Aquino, "nada há no intelecto que não tenha estado nos sentidos". László Moholy-Nagy entende "a fotografia como instauradora de um novo modo de ver, uma pedagogia do olhar". Ao ver uma imagem, nós a observamos e a retratamos, ou seja, contemplamos e pensamos sobre ela. Gregory Bateson "concebe a comunicação humana tanto como um fato cultural quanto como uma orquestração ritual, sensível e sensorial, sempre inserida num contexto, isto é, em um circuito de fenômenos conectados". Eduardo Peñuela Cañizal, junto a Walter Benjamin, desvenda "a capacidade que tem a fotografia de revelar constructos do inconsciente ótico, assim como a psicanálise há de desvendar elementos do inconsciente pulsional"[4].

Em resumo, acredito que as imagens trazidas aqui possam comunicar muito mais do que qualquer palavra possa expressar. São registros que eternizam momentos fugazes, repletos de história, simbologia, expressão e significado, e que jamais se apagarão, como pode acontecer com as memórias humanas.

Este Memorial, como a própria palavra sugere, será a escrita do meu percurso acadêmico, que, indubitavelmente, passará por momentos da minha vida pessoal, pois ambos estão entrelaçados. É impossível falar de um sem referenciar o outro. Relato aqui episódios da minha biografia, desde minha infância até hoje, aos 65 anos de idade, sendo que 50 deles foram dedicados ao trabalho.

Gostaria que fosse um relato completo, pois essa escrita e tudo o que ela envolve me parecem muito interessantes, instigantes e prazerosos. Para isso, precisei entrar em contato com pessoas que há muito não via. Tive que remover a poeira de milhares de folhas empilhadas e encaixotadas, em busca de registros interessantes e significativos. Tive que passar os olhos por todas as fotos que possuo, e elas me convidaram a novas viagens, fazendo passar um filme em minha mente e meus olhos marejarem. Mas, como se trata de um Memorial pleiteando o lugar máximo da carreira docente, ou seja, o cargo de Titular, o foco da minha escrita recairá em minha formação e atuação profissional.

Desejo a todos que se interessarem em acompanhar este percurso "uma boa viagem"!

4 Fragmentos extraídos de Samain, Etienne (org.). *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

2. Percursos de uma Longa Jornada

2.1 Origens Espiraladas

Antes mesmo de iniciar minha escrita, gostaria de destacar que esta não é nem um pouco linear, pois minhas experiências se entrelaçam em várias espirais, moldando-se em contínuo fazer e desfazer de um fluxo ininterrupto de lapidação que, hoje, se apresenta como facetas de um cristal e continua formando outras facetas que ainda estão por vir. É a minha vida profissional que, indubitavelmente, se mescla com minha vida pessoal, tornando-se impossível separá-las.

Parto do princípio de que a minha formação física, emocional, mental e espiritual foi influenciada não só pelos meus pais, mas também pelo meio social em que estive presente e, com certeza, pelas influências de todos os meus antepassados. Hoje, tenho a consciência de que também sou fruto das memórias celulares que trago, somadas às que fui adquirindo, mesmo que inconscientemente, e que, por interferirem em minhas decisões, são tão importantes. O que gosto, o que repudio, o que admiro, o que odeio são registros em mim que orientam o meu caminho. Registros que carregam a força de todos os meus ancestrais e daquilo que fui me tornando nos meus 65 anos de vida terrena.

Portanto, acredito que o meu veio artístico é bastante ancião, oriundo de uma linhagem bem longínqua. Sou Sigrid Bitter, filha de um casal de artistas alemães que imigraram para o Brasil após a Segunda Guerra Mundial. Pude ser agraciada pela vinda de um filho, Rene, e de um neto, Igor.

Meu pai, Helmut Heinrich Georg Bitter, escultor, foi mutilado na Frente Russa quando um estilhaço de granada decepou-lhe a mão direita. Após a guerra, partiu em busca de seus avós, com quem havia passado a adolescência e que para ele representavam o seu norte, o seu colo, o símbolo de uma existência que valia a pena. Porém, ao chegar à Iugoslávia, terra onde viviam, deparou-se com uma informação um tanto quanto forte demais: seus avós haviam sido deportados para um campo de concentração por possuírem, em seus nomes, a insígnia "Stein"[5]. Com os avós, ele aprendera o ofício do plantio de uvas para a produção de vinho, e foi com essa intenção que decidiu embarcar em um navio rumo à Argentina. No entanto, no entre caminho marítimo, informaram-lhe que não conseguiria desembarcar nesse país, pois era considerado um mutilado de guerra. Viu-se, então, forçado a desembarcar no Rio de Janeiro. Não foi tão simples, mas, após duas semanas com o navio já ancorado, conseguiu finalmente pisar em terra firme.

Imagem 1 – Helmut Heinrich Georg Bitter, especialista em arte sacra, principalmente esculturas e capelas. Trabalhava muitas vezes com uma prótese externa, devido à ausência de sua mão direita, que fora extirpada na II Guerra Mundial. Na foto, trabalhando com uma aluna.

Aqui no Brasil, nessa terra fértil, primeiramente tomou conta de uma fazenda em Miguel Pereira/RJ; depois conseguiu um emprego na Mannesmann[6], em Belo Horizonte/MG, mas por pouco tempo, já que não compartilhava com o sistema da empresa. Somente mais tarde pôde, enfim, prosseguir com sua arte. Meu pai foi uma prova viva do quão intrigante, complexo e adaptável pode ser o corpo humano: frágil e forte ao

5 Stein é um sobrenome judeu.
6 Mannesmman é uma empresa alemã que atuava na mineração e na siderurgia em Minas Gerais.

mesmo tempo! Logo, ele conseguiu transferir sua habilidade para a mão esquerda e, quando necessário, utilizava uma prótese para criar suas esculturas e outras obras de arte sacra.

Mais tarde, enveredou-se na criação de joias em prata e pedras semipreciosas. Vendia sua arte como um caixeiro viajante, percorrendo as feiras hippies de Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, e eu era a filha que sempre o acompanhava.

Fonte: Foto de Sigrid Bitter (2014).

Imagem 2 – Essa peça foi feita com uma chapa inteiriça de cobre martelada numa bigorna. Refere-se ao busto de Cristo. Obra de Helmut Heinrich Georg Bitter.

Fonte: Foto de Sigrid Bitter (2014).

Imagem 3 – Escultura de Helmut Heinrich Georg Bitter, três metros, em bronze, instalada na Igreja Nossa Senhora da Ressureição, Rio de Janeiro/RJ

Minha mãe, Maria Antonette Ficker Bitter, muito a contragosto de seu próprio pai, casou-se com esse artista e decidiu também vir para o Brasil. Mulher orgulhosa, determinada e muito corajosa – diga-se de passagem, uma taurina nata –, além de amar seu companheiro quase que incondicionalmente. Digo "quase" porque reservou o totalmente incondicional para seus cinco filhos, que veio a ter mais tarde: Bárbara Bitter (em 1957), Sigrid Bitter (em 1959), Martina Bitter (em 1960), Jonas Bitter (em 1967) e Rebeca Bitter (em 1969).

Guerreira sim, e muito guerreira! Suas marcas germânicas nunca desapareceram, inclusive em seu sotaque. Trabalhava dia e noite, de domingo a domingo, das sete da manhã até noite adentro, sempre com um sorriso largo estampado no belo rosto. Criou bordados em tapetes, depois joias em cobre esmaltado e, por fim, peças de vidro para decoração, inspiradas na técnica de Murano. Chegou, inclusive, a viajar com a sua filha mais velha para Veneza e Murano, na Itália, com o intuito de observar e aprender essa arte.

Imagem 4 – Trabalho de Maria Antonette Ficker Bitter em cobre esmaltado, com moldura de madeira torneada

Fonte: Foto de Sigrid Bitter (2014)

Fonte: Acervo da autora (fotógrafo e ano não identificados).

Imagem 5 – Maria Antonette Ficker Bitter durante seu labor

Nunca deixava passar despercebida uma data comemorativa, como a Páscoa, o Natal e os aniversários, preocupando-se sempre em enfeitar a casa e preparar guloseimas irresistíveis. Mesmo após sua separação conjugal, tentava reunir os filhos, quase sempre sem êxito, pois, com o passar do tempo, o afastamento geográfico de cada um de nós dificultou essa aproximação. No entanto, por ironia do destino, conseguiu esse êxito no momento do seu enterro.

Imagem 6 – Peça decorativa de Maria Antonette Ficker Bitter, em vidro com a técnica de Murano

A transcendência dos dois me foi muito dolorosa: a de meu pai, no ano de 2000, e de minha mãe, 13 anos mais tarde.

Aos nove dias do mês de julho do ano de 1959 eu nasci. Sempre fui uma criança curiosa, questionadora, fiel e, apesar de rebelde, muito obediente. Um fato importante é que eu tinha certa simpatia por duendes. Tanto é que, quase todas as noites, assim que todos da família adormeciam, eu me dirigia a um penico que minha mãe deixava no corredor. Esse penico era ali posicionado porque a casa estava em construção e não

havia ainda um banheiro no andar de cima, onde ficavam os quartos. A escada também não possuía corrimão, que estava sendo esculpido por meu pai. Por representar um risco real de queda escada abaixo, minha mãe tomava esse cuidado.

Eu ficava horas sentada naquele penico, observando a paisagem ao final do corredor, que, por sinal, me fazia muito bem. Qual era a cena? Vários duendes bem coloridos trabalhando. Havia uma casinha, com árvores em volta, uma cisterna e uma cerca de madeira. Era tudo muito verde e florido. Além disso, eu também tinha uma fantasia, que, para mim, naquela fase de vida, era bastante real: acreditava que dentro da gente existia um corredor que ligava a boca à região genital. E, nesse corredor, encontravam-se várias portinhas, habitadas pelos duendes, que trabalhavam incansavelmente dentro da gente. Nem preciso pontuar a criatividade que já abarcava o meu universo.

Voltando à casa em construção, destaco outro fato: o de ter escolhido um tapume que cobria duas enormes fossas para ser um palco. Gastei todos os rolos de papel higiênico da casa confeccionando a cortina. Coloquei várias cadeiras na sala, voltadas para esse palco, no intuito de que os amigos dos meus pais pudessem assistir às peças que eu criava com as minhas irmãs. O círculo de amizade dos meus pais era bastante extenso, e meu pai gostava muito de oferecer festas naquele local, já que era uma área ampla e arejada. Portanto, nunca tivemos problemas com uma possível falta de público.

Nessa fase, despertou-se em mim uma qualidade que, mesmo que timidamente, eu me arrisco a mencionar sem medo: algo como as artes da cena.

2.2 Trajetórias esportivas

2.2.1 Fase de atleta

A casa era grande, com um enorme quintal e muito aconchegante. Tinha espaço até para pendurar um *kit* de trapézios vindos da Alemanha, que eu ganhei em um Natal. Adorava ir ao circo e, quando chegava em casa, tentava reproduzir o que havia visto lá. Sonhava em ser trapezista. E aqui começa a minha história gímnica.

Porém, apenas mais tarde, na Escola Estadual da Serra, em Belo Horizonte/MG, onde eu estudava, fui convidada a fazer parte de um grupo de ginástica e dança. E aqui tudo começou! Um dos objetivos desse grupo era a preparação para apresentações comemorativas. Dessa forma, entre outras apresentações, fui ser baliza nos desfiles de Sete de Setembro.

Outro fato marcante é que sempre fui uma pessoa bastante competitiva. Os desafios sempre me moviam, e, por consequência, conquistava o reconhecimento e o afeto dos meus pais, mas também enfrentava dificuldades no relacionamento com meus irmãos que, de certa forma, perduram até hoje.

Com certeza, essa característica me possibilitou, mais tarde, fazer parte de uma experiência muito importante em minha vida: integrar a equipe da Seleção Brasileira de Ginástica Rítmica, de 1974 a 1980, porém, também com ganhos e perdas. Como aspectos positivos, posso citar as vitórias, a superação, o controle, a garra, a persistência, a determinação, o foco etc. Por outro lado, esse treinamento deixou sequelas

estruturais na minha coluna vertebral e no quadril, além de me afastar, nesse período, do convívio social, entre outros impactos. Enfim, aprendi, e continuo ainda a aprender, o valor do ganhar e do perder.

Após participar do grupo na escola, segui para o próximo passo: ingressar em um clube, o Grupo Unido de Ginástica (GRUGIM), e treinar Ginástica Olímpica[7].

Imagem 7 – Emblema do Grupo Unido de Ginástica (GRUGIM)
Fonte: Foto de Sigrid Bitter (2024).

Eu amava estar ali todos os dias e, por isso, os meus estudos foram ficando em segundo plano. Acabei tendo que repetir um ano. Isso me custou, por castigo do meu pai, a minha exclusão do GRUGIM. Mas, como sempre lutei pelos meus ideais, planejei uma fuga para voltar a treinar. No entanto, logo no primeiro dia, para meu infortúnio, fui informada de que meu pai havia descoberto. Para evitar apanhar quando chegasse em casa, pedi carona a um dos ginastas, que também levava outras pessoas do grupo. Assim, cheguei em casa em um fusquinha cheio de homens grandes e fortes, sentindo-me totalmente protegida. Minha estratégia havia dado certo! Não apanhei e pude continuar com os treinos. Cheguei, inclusive, a conquistar o título de campeã mineira.

Paralelamente, iniciava-se um grupo de Ginástica Rítmica Desportiva (GRD)[8], do qual passei a fazer parte. Não demorou muito, fui convocada para integrar a Seleção Brasileira, onde permaneci durante seis anos. Entretanto, para concretizar esse convite, tive que mudar de cidade, de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro, sede dos treinamentos.

7 Atualmente recebe a denominação de Ginástica Artística. É uma modalidade esportiva composta de quatro aparelhos femininos (solo, trave, paralelas assimétricas e mesa de salto) e de seis aparelhos masculinos (solo, paralelas, barra, mesa de salto, argolas e cavalo com alças).

8 Essa modalidade sofreu várias mudanças em sua nomenclatura no decorrer da história. Foram as seguintes denominações: Ginástica Feminina (GF), Ginástica Feminina Moderna (GFM), Ginástica Moderna (GM), Ginástica Rítmica Desportiva (GRD) e, atualmente, Ginástica Rítmica (GR). Ela se caracteriza pelo trabalho individual e de conjunto e utiliza tanto aparelhos oficiais para competições (corda, bola, arco, maças e fita) quanto alternativos (implementos vistosos e funcionais utilizados para apresentações com grande público).

Essa transição, porém, foi gradativa. Inicialmente, viajava de ônibus para o Rio de Janeiro a cada quinze dias, com o objetivo de treinar com a equipe e receber orientações para os treinos em Belo Horizonte. Porém, eu não relatei isso à minha treinadora de Belo Horizonte, por medo de que ela não aceitasse e me impedisse de seguir esse sonho, já que, naquela época, as técnicas "se olhavam torto", ou seja, mantinham uma relação competitiva e nós, ginastas, não podíamos conversar com atletas de outras equipes. Quando, finalmente, ela descobriu, a situação não foi nada agradável. Em um dia normal de treino, ela esperou todos chegarem e, após o aquecimento, reuniu o grupo. Nessa reunião, despejou toda a sua indignação e raiva e, diante de todos, me expulsou do Clube. Saí com a cabeça erguida, mas, ao pisar no meio-fio, senti como se o mundo estivesse desabando sobre mim.

Apesar disso, outra fase se iniciava com o meu estabelecimento no Rio de Janeiro. Minha dedicação era intensa, quase exclusiva, o que me permitiu conquistar títulos importantes no país e no exterior. Como atleta, participei dos seguintes Campeonatos Mundiais: VII, em Madrid, Espanha (1975 – 7ª colocação); o VIII, em Basiléia, Suíça (1977 – 18ª colocação); e o IX, em Londres, Inglaterra (1979 - 21ª colocação). Esses campeonatos representavam o grau competitivo mais elevado da GRD, pois, até então, a modalidade ainda não fazia parte dos Jogos Olímpicos.

Além desses, participei de outros campeonatos e apresentações internacionais como em Sindelfingen, Alemanha, a convite da Mercedes-Benz (1977); em Montreal, Canadá, no Pan Pacific Championship (1978 – 2ª colocação); em Princepton, Estados Unidos, (1978); e em Bradford, Inglaterra (1979 - campeã na modalidade conjunto). Em 1980 fui selecionada para participar da competição de individual em Sofia/Bulgária e Corbeil-Essones/França porém, como eu teria que arcar com todos os gastos, acabei não indo.

Imagem 8 – Emblemas utilizados nos uniformes da Seleção Brasileira de Ginástica Rítmica Desportiva

Fonte: Foto de Sigrid Bitter (2024)

Imagem 9 – Foto da fase de atleta com aparelho Fita

Imagem 10 – Foto da fase de atleta com aparelho Bola (1)

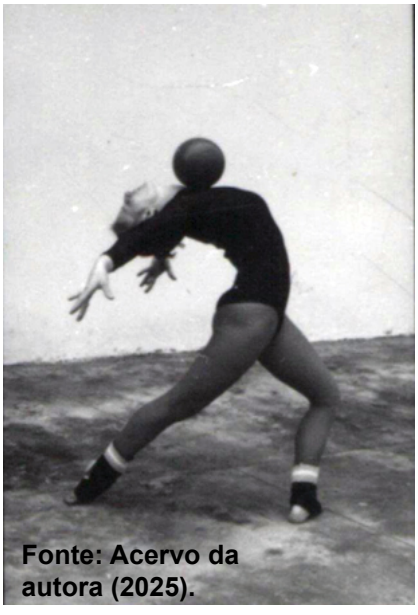


Imagem 11 – Foto da fase de atleta com aparelho Bola (2)

Imagem 12 – Foto da fase de atleta com aparelho Bola (3)

Imagem 13 – Foto da fase de atleta – mãos livres

Fonte: Acervo da autora (2025).

Imagem 14 – Foto da fase de atleta com aparelho Arco (1)

Fonte: Acervo da autora (2025).

Imagem 15 – Foto da fase de atleta com aparelho Arco (2)

Imagem 16 – Foto da fase de atleta com aparelho Corda (1)

Fonte: Acervo da autora (2025).

Fonte: Acervo da autora (2025).

Imagem 17 – Foto da fase de atleta com aparelho Corda (2)

Fonte: Acervo da autora (2025).

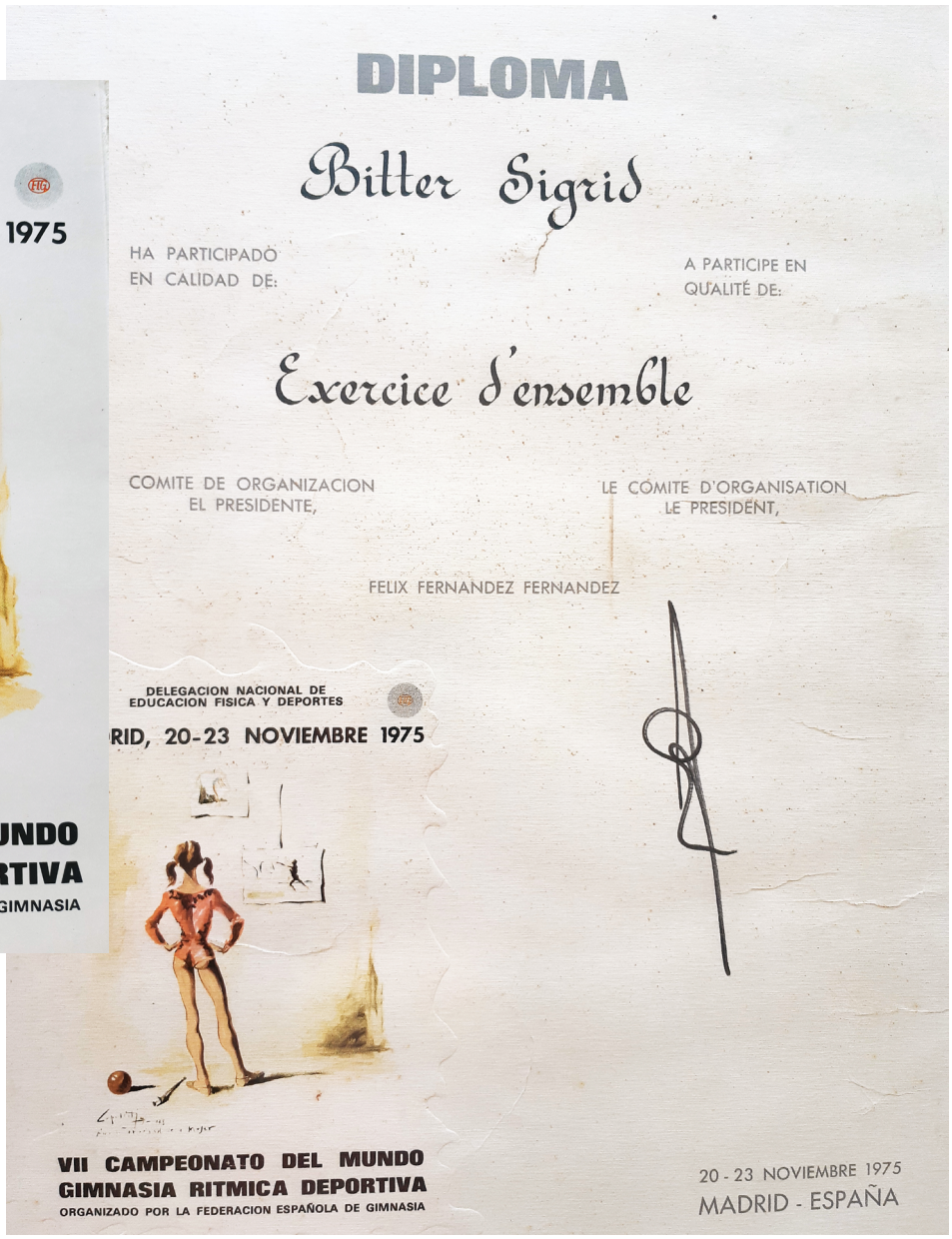
Imagem 18 – Foto da fase de atleta com aparelho Maças

Fonte: Acervo da autora (2025).

Imagem 19 – Fase de atleta, em plena competição apresentando uma série individual com o aparelho fita (campeã de fita no Campeonato Brasileiro de Ginástica Rítmica Desportiva (1977)

Fonte: Acervo da autora (2025).

Imagem 20 – Cartaz do VII Campeonato Mundial, Madrid/ Espanha (novembro de 1975 – 7ª colocação)



Fonte: Acervo da autora (2025).

Imagem 21 – Certificado de participação no VII Campeonato Mundial, Madrid/Espanha (novembro de 1975 – 7ª colocação)

Fonte: Acervo da autora (2025).

Imagem 22 – Crachá do VII Campeonato Mundial, Madrid/ Espanha (novembro de 1975)

Fonte: Acervo da autora (2025).

Imagem 23 – Equipe brasileira no VII Campeonato Mundial - Madrid/Espanha (novembro de 1975)

Imagem 24 – Passaporte da FIG recebido durante o VIII Campeonato Mundial, em Basiléia/Suíça (1977)

Fonte: Acervo da autora (2025).

Photo

Nation: B R È S I L

Nom de famille / Surname: Bitter — homme/male femme/female

Prénoms / First names: Sigrid

Nationalité / Nationality: brésilienne

Date de naissance / Date of birth: 9 jour/day — 07 mois/month — 1959 an/year

Lieu de naissance / Place of birth: Minas Gerais

Adresse / Address: Rua Lima Duarte 218 rue/street — no — Belo Horizonte ville/town

Signature du titulaire / Signature of bearer: Sigrid Bitter

Qualité / Status: Gymnaste

Fédération Internationale de Gymnastique

International Gymnastic Federation

Le Président / The President: **Arthur Gander**

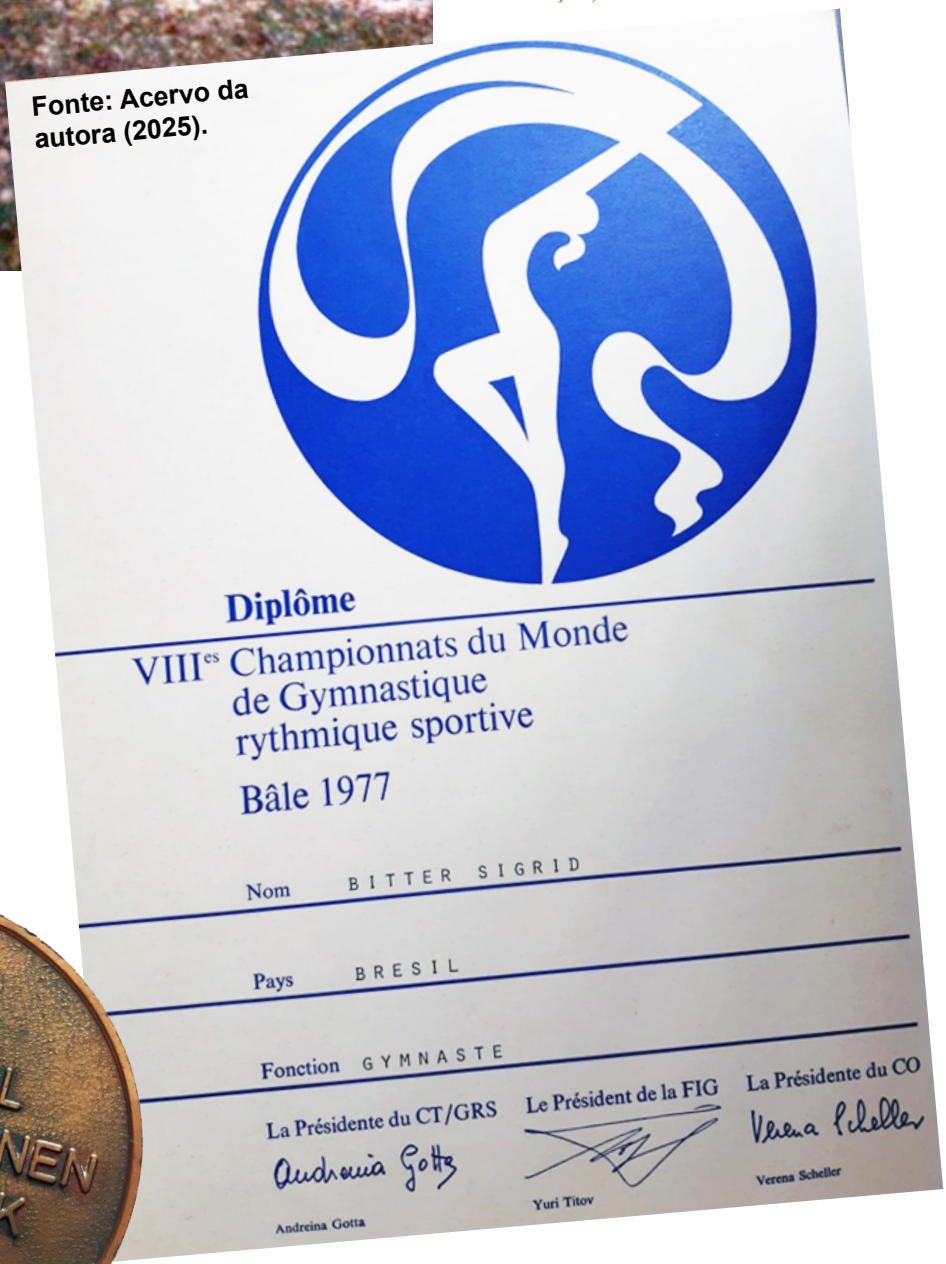
Le Secrétaire général / The Secretary general: **Max Bangerter**

Fonte: Acervo da autora (2025).

Imagem 25 – VIII Campeonato Mundial de Ginástica Rítmica Desportiva, Suíça (1977)

Imagem 26 – Diploma de participação no VIII Campeonato Mundial, em Basiléia/Suíça (1977 – 18ª colocação)

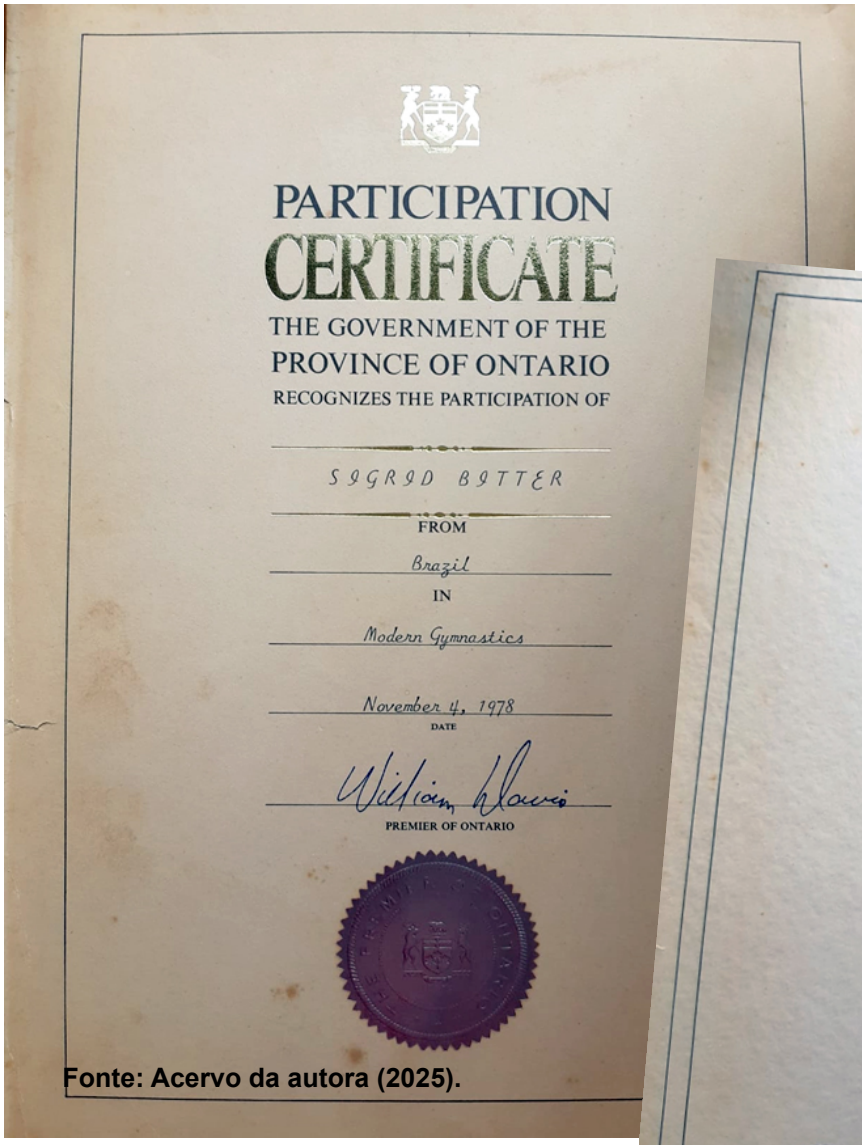
Fonte: Acervo da autora (2025).



Fonte: Acervo da autora (2025).

Imagem 27 – Medalha (frente) de participação do Festival de Ginástica Moderna, Alemanha (1977)

Imagem 28 – Medalha (verso) de participação do Festival de Ginástica Moderna, Alemanha (1977)



Fonte: Acervo da autora (2025).

Imagem 29 – Certificado de participação no I Pan Pacific Championship, em Montreal, Canadá (novembro de 1978 – 2ª colocação)

Imagem 30 – Agradecimento da Federação de Ginástica do Canadá pela participação no I Pan Pacific Championship, em Montreal, Canadá (novembro de 1978 – 2ª colocação)

Fonte: Acervo da autora (2025).

Imagem 31 – Boton do I Pan Pacific Championship, em Montreal, Canadá (novembro de 1978)

Fonte: Acervo da autora (2025).

Imagem 32 – Recebendo a premiação do I Pan Pacific Championship, em Montreal, Canadá (novembro de 1978 – 2ª colocação)

Fonte: Acervo da autora (2025).

Fonte: Acervo da autora (2025).

Imagem 33 – Participação no IX Campeonato Mundial, em Londres, Inglaterra (julho de 1979 – 21ª colocação)

Fonte: Acervo da autora (2025).

Imagem 34 – Boton do IX Campeonato Mundial, em Londres, Inglaterra (julho de 1979)

Fonte: Acervo da autora (2025).

Imagem 35 – Convite do Jantar de Gala do IX Campeonato Mundial, em Londres, Inglaterra (julho de 1979)

Fonte: Acervo da autora (2025).

Imagem 36 – Campeonato Internacional em Bradford, Inglaterra - Campeã na modalidade conjunto (1979)

Dessa fase, consegui resgatar algumas reportagens que capturam momentos marcantes da minha trajetória como atleta. Elas não apenas relembram conquistas e desafios, mas também refletem a dedicação e o esforço que estavam por detrás de cada apresentação: histórias de superação, de treinamento árduo, de emoções intensas vividas nas competições. Ao revisitar essas reportagens, percebo como minha educação germânica, voltada para a disciplina e a perseverança, me deram suporte para esse período competitivo, e o quanto essas características continuam a influenciar minha trajetória até hoje.

Arcos, bolas e outros aparelhos preparam as 12 moças que irão ao Mundial em outubro

Leveza e harmonia fazem a Seleção de Ginástica Rítmica

Ao som de uma melodia familiar, em poucos minutos a bola acrobacia seus corpos, o arco desliza pelas pernas até o chão, a fita gira no ar, enquanto elas executam progressivamente suas séries, um difícil balé. Flexibilidade, leveza, coordenação, sincronia, ritmo e delicadeza caracterizam as 12 meninas da Seleção Brasileira de Ginástica Rítmica. Desde o dia 25 de julho ela estão treinando diariamente uma média de sete horas para a apresentação no Campeonato Mundial, de 13 a 16 de outubro, na Suíça, com a participação de 24 países.

Esta não é a primeira vez que o Brasil participa de uma competição mundial do gênero. Em 1975, em Madri, entre 18 países ficou em 9º lugar e em maio deste ano alcançou a décima colocação entre os 19 participantes do Torneio Internacional Individual, realizado na Bulgária e na França. Tudo ano, em setembro, é disputado o Campeonato Brasileiro, onde são selecionadas as melhores ginastas que representarão o país nos torneios internacionais. O último foi realizado em Londrina, onde a equipe do Copa Leme Clube foi bicampeã e serviu de base à convocação das ginastas que irão à Suíça.

Olimpíadas

A União Soviética, uma das grandes potências da ginástica rítmica desportiva, como país sede, a data de 1980 e já pediu ao Comitê Olímpico Internacional (COI) a entrada da ginástica rítmica.

"A ginástica rítmica embora ainda esteja em uma fase de afirmação, principalmente no Brasil, está ganhando a adesão de vários países. Sua entrada nas Olimpíadas significaria seu desenvolvimento como esporte e maior divulgação, conseqüentemente um maior apoio por parte das autoridades", afirma Ingeborg Crause, membro do Conselho de Assessores de Ginástica da CBD e juiz da Federação Internacional de Ginástica (FIG).

Antes sob regulamentação da FIG, enquanto a ginástica olímpica trabalha sobre aparelhos (cavalo, trave e solo), a ginástica rítmica adestra-se com os materiais (bola, fita, corda, maças e arco) que acompanham os movimentos fluentes, contínuos e rítmicos das ginastas.

O Campeonato consta de dois tipos de provas: uma, de conjunto e outra, individual, em que são apresentadas séries, basicamente criadas pela técnica. Na primeira prova é realizada uma série de maça, que este ano, no Mundial em Basiléia, terá uma variação do regulamento interno. Normalmente, cada país teria direito a se apresentar uma só vez durante o Campeonato, mas agora poderá fazê-lo duas vezes. Nas séries individuais são utilizados quatro aparelhos (arco, bola, corda e fita) e o mais importante é o estilo próprio de

O julgamento é feito por quatro juízes e um julgado para uma série obrigatória, e oito juízes e dois julgados para uma série livre, em que um grupo julga a composição e o valor técnico, e o outro, a técnica de execução e a harmonia geral.

Dedicação

A falta de um ginásio atapetado, comum em países onde este esporte é mais desenvolvido e em competições internacionais, obriga as ginastas a treinarem com faixas de 15 em volta da cintura e joelheiras para proteger a região lombar e os meniscos.

Sob a coordenação e orientação de Daisy Regina Pinto Barros, técnica da Seleção Brasileira de Ginástica Rítmica, e sob a supervisão técnica de Ingeberg Crause, as 12 ginastas convocadas pela CBD treinam inclusive aos sábados e domingos, de 9h às 13h e de 14h às 19h no ginásio do Copa Leme Clube.

Clarisse Pinto Lopes, campeã brasileira de adultos, Valéria Stanislau de Araújo, Dalva de Carvalho (representantes do Brasil no Torneio Internacional na Bulgária e na França), Laura Seixas (campeã brasileira juvenil), Laura Monteiro, Gilda Fontenelle, Silvia de Souza Oliveira, Deise Terricelli, Sigrid Ritter, Regina Andrade, Cristina Jordão e Salete Cypriano formam a Seleção que embarca dia

Fonte: Arquivo pessoal de Laura Seixas, enviada em 2024.

Imagem 37 – Jornal não identificado (1977). Preparação para o VIII Campeonato Mundial de GR em Basiléia, Suíça

Domínio dos movimentos, ritmo e o progresso obtido nos treinos dão grande esperança à Seleção que vai ao Mundial

Seleção de Ginástica Rítmica mostra exercícios para Mundial

As ginastas do Campeonato Mundial de Ginástica Rítmica, que será realizado de 13 a 16, em Basiléia, na Suíça, a Seleção Brasileira, composta por 15 ginastas, apresentou ontem no ginásio do Copa Leme Clube as séries de conjunto e individuais, com as quais representará o Brasil, mostrando os bons resultados alcançados depois de quatro meses de treinamento intensivo.

Com a presença do diretor de esportes amadores da CBD, Hélio Bahe, e dos superintendentes, Walter Bastos e Fábio dos Santos, além de amigos e parentes, as ginastas impressionaram pela segurança e domínio de seus movimentos, cuja leveza e graciosidade fazem de cada série um verdadeiro balé sensual.

Objetivo

A Seleção Brasileira embarca hoje, às 23h50m, para Zurique, de onde irão para Basiléia. Alemanha Ocidental e Oriental, Bulgária, Hungria, Japão, Tchecoslováquia e União Soviética são as mais fortes concorrentes entre as 24 países inscritos. Cada país tem direito a duas apresentações na série de conjunto, da qual participam seis ginastas, que dentro de uma coreografia determinada, trabalham com um dos aparelhos da ginástica rítmica: a maça. Apenas três ginastas de cada país participam das séries individuais, em que cada uma tem direito a quatro apresentações com aparelhos diferentes: bola, arco, corda e fita.

Ficar entre os oito países finalistas é a meta da Seleção Brasileira, que acredita na entrada da ginástica rítmica nas Olimpíadas de 1980, em Moscou, devido ao interesse demonstrado pela União Soviética com direito a incluir dois esportes nos Jogos como país anfitrião. Uma boa colocação no Campeonato Mundial da Suíça, representa a possibilidade de participar das Olimpíadas.

A delegação brasileira está composta por Ingeborg Ingrid Crause, chefe da delegação e membro do Conselho de Assessores de Ginástica da CBD, Angela Maria Mendonça, supervisora administrativa e financeira; Daisy Regina Pinto Barros, técnica, Lúcia Maria Borges, auxiliar técnica, Haroldo Pereira Braga e Hália Antunes da Fonseca, pianistas e autores da trilha sonora, Deyse Ribeiro Martinho, juíza, e as ginastas Clarice Pinto Lopes (campeã brasileira de adultos), Valéria de Araújo, Dalva de Carvalho, Laura Seixas (campeã brasileira juvenil), Laura Monteiro, Gilda Fontenelle, Silvia Oliveira, Deise Terricelli, Sigrid Ritter, Regina Andrade, Cristina Jordão, Kalher Lima, Maura Monteiro de Moraes, Marcia dos Santos, e Salete Cypriano.

JORNAL DO BRASIL — Quinta-feira, 6/10/77 — 1º Caderno

Fonte: Arquivo pessoal de Laura Seixas, enviada em 2024.

Imagem 38 – Reportagem do Jornal do Brasil (1977)

Em meio a todos esses compromissos esportivos, vivenciei com a equipe nacional um verdadeiro "sequestro-aventura" durante o Mundial de 1977, na Basiléia, Suíça.

O Brasil participou com sua equipe de conjunto e com os individuais. Éramos 21 ginastas, um pianista, uma técnica e uma chefe de delegação. Após a competição, algumas equipes foram convidadas a se apresentar na matriz da Mercedes-Benz, em Sindelfingen, uma cidade ao sul da Alemanha. Entre elas, estava a equipe brasileira. Ainda na Basiléia, porém, nossa equipe recebeu outro convite para se apresentar em Söst, cidade ao norte da Alemanha. Garantiriam-nos transporte, alimentação e acomodações. Assim, ficou combinado que sairíamos de ônibus de Sindelfingen rumo a Söst após o evento da Mercedes Benz.

Até então, tudo parecia correr bem. O ônibus realmente estava lá, conforme combinado, acompanhado pela pessoa que nos havia feito o convite. Tratava-se de um homem alemão de meia idade, bastante simpático, chamado Heinrich Selp.

A viagem teve início. Foi um percurso longo, pois, praticamente percorremos a Alemanha do extremo sul ao extremo norte (455 km). Heinrich Selp era uma pessoa hiperativa, alegre e comunicativa. Porém, como ele não falava português e, na equipe, apenas eu e a chefe da delegação falávamos o idioma alemão, a conversa sempre era mediada por nós duas.

Durante a viagem, começamos a perceber certa estranheza no comportamento daquele homem. Para exemplificar: ele possuía uma câmera fotográfica superpotente, com uma objetiva de longe alcance, com a qual havia tirado fotos do Campeonato Mundial que acabávamos de participar. Ou seja, sem motivo aparente, ele queria nos presentear com o equipamento. Outras situações também nos pareceram suspeitas, ainda que não conseguíssemos entendê-las completamente. Assim, uma certa desconfiança começou-se a perpetrar entre nós. Por isso, solicitamos que, assim que chegássemos à cidade, fôssemos levadas para o local onde seria a apresentação da nossa equipe, marcada para o dia seguinte.

Porém, ao chegarmos em Söst, já estava anoitecendo, e o alemão alegou que não poderíamos visitar o local, porque se encontrava fechado. Em vez disso, percorremos a cidade como uma forma de primeiro reconhecimento, até pararmos em sua residência, onde sua esposa nos aguardava, visivelmente muito nervosa. Foi-nos servido um jantar e, durante a refeição, eu pude perceber uma discussão entre o casal em um cômodo ao lado. Logo depois, fomos levados a uma casa bem distante da cidade, que só possuía aquecimento em um dos quartos. Conclusão: toda a equipe precisou se aglomerar nesse único cômodo, que contava apenas com duas camas de casal.

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 39 – Primeiro pernoite em Söst, Alemanha (1977)

Apenas eu, a técnica e a chefe de delegação ficamos na cozinha madrugada adentro planejando nossa fuga, pois estávamos literalmente trancadas naquela casa. Foi um momento bastante tenso. O silêncio que encobria aquela noite era, vez em quando, interrompido pelos apitos que vinham dos trens fugazes, os quais passavam bem ao longe dali.

Enfim, traçamos uma estratégia. Antes mesmo do amanhecer, conseguimos arrombar uma janela, por onde eu e a chefe da delegação pulamos para fora. Caminhamos em direção à cidade mais próxima e, ao chegarmos lá, ela foi em busca de uma agência de turismo para reservar as passagens de volta, enquanto eu fui procurar ajuda na prefeitura. Felizmente, tivemos êxito em nossas buscas. A prefeitura logo disponibilizou um ônibus para buscar todo o grupo, porém, havia um problema: eu não sabia o endereço da casa onde tínhamos pernoitado naquela noite.

Por sorte, Heinrich já era bem conhecido na região, e o motorista conseguiu localizar a casa rapidamente. Chegamos lá bem no horário do almoço e Heinrich já havia levado metade do grupo para um restaurante. Os funcionários da prefeitura, no entanto, resolveram a situação prontamente e nos conduziram a um hotel na cidade. O prefeito local se desculpou pelo acontecido e nos fez um convite especial para participar da "Festa da Sopa de Feijão Branco", que aconteceria naquela noite pelas ruas da cidade. Foi um momento bem gostoso e, finalmente, tivemos uma noite bem repousante.

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 40 – Casa onde ficamos "presas" em Söst, Alemanha (1977)

No dia seguinte, um ônibus já nos esperava para levar a delegação ao aeroporto. Após o café da manhã, seguimos nossas direções. Eu era a única que não retornaria com a delegação, pois meu tio viera me buscar depois de ver os noticiários da Alemanha.

Quando o ônibus começou a sair, pude ver a cena do Heinrich correndo atrás dele, chorando e gritando para que não fôssemos embora. Foi um momento de dar dó. Heinrich era um ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, traumatizado, muito sensível, amável e cheio de vida, porém, considerado por todos como louco.

HEIMATSPORT — Samstag/Sonntag, 22./23. Oktober 1977 — ANZEIGER SOESTER KREISBLATT

Das ist die Nationalmannschaft Brasiliens in der künstlerischen Gymnastik gestern vor ihrem Domizil in Einecker Vöhde, kurz bevor Heinrich Seip sie in seinem Pkw schubweise zum Training in die Turnhalle Borgeln fuhr, das die Gemeinde drei Stunden genehmigt hatte.

Heinrich Seip (TV Borgeln) lud brasilianische Nationalmannschaft der Gymnastik in eigener Regie ein

22 südamerikanische Sportlerinnen mit falschen Vorstellungen nach Welver gelockt, dann isoliert

ANZEIGER überzeugte sich — Delegationsleiterin bat um Hilfe — Neue Sporthalle in Einecke war nicht zu sehen

Welver. (hg) Seit gestern spielt sich im Ortsteil Einecke der Gemeinde Welver eine Art sportlicher Köpenickiade ab, die für den an kleineren, aber grundehrlichen Wettstreit gewohnten Normalverbraucher des Heimatsportes zunächst kaum faßbar ist. Was seit Freitagnacht dort mit einer Delegation hochqualifizierter ausländischer Sportlerinnen geschieht, ist keine Komödie mehr, obwohl sie anfangs so erscheint. Das ist ein Trauerspiel, das seinesgleichen sucht.

„Die Nationalmannschaft Brasiliens in der künstlerischen Gymnastik kommt an diesem Wochenende nach Welver und wird in zwei Veranstaltungen am Freitag anläßlich der Einweihung einer neuen Sporthalle in Einecke und der gleichzeitigen Gründung des TV Eineckerhöfen auftreten. Am Samstag ist außerdem ein Schauturnen der Brasilianerinnen zusammen mit den Vereinen TV Borgeln, TV Flerke, VfL Kamen und TuWa Beckum-Hövel in der Schützenhalle vorgesehen." Eine aufsehenerregende Nachricht dieser Art erreichte am Donnerstag die Sportredaktion. Initiator war Heinrich Seip, bekannter Sportfunktionär des TV Borgeln.

Sporthalle nur Fata morgana

Nachprüfungen der Redaktion ergaben, daß erstens eine Turn- oder Gymnastikhalle in Einecke, die am Freitag eingeweiht werden sollte, am Tage zuvor noch gar nicht ausgeschachtet war, daß zweitens die Gemeinde Welver, wie der TV Borgeln sich von der geplanten Turnschau distanziert und keinerlei Verantwortung dafür übernehmen wollten, über dieses internationale Großereignis nicht unterrichtet war und viertens die vorhandene Räumlichkeit in der Schützenhalle für Samstag bei weitem nicht ausreichte, um solch ein sportliches Ereignis angemessen über die Bühne zu bringen.

Erkundigungen beim Reisedienst Streh klärten uns am Donnerstag auf, daß aber tatsächlich ein Reisebus dieses Unternehmens nach Stuttgart gestartet war, um die brasilianische Mannschaft nach Welver abzuholen. Also doch kein übler Spaß, den sich Heinrich Seip mit der Sportredaktion leistete? Sollte tatsächlich alles wahr sein? Eine Nationalmannschaft nach Welver geholt und alles in eigener Regie? Welch ein tolles, nie zuvor erlebtes Unternehmen!

Journalisten sind bekanntlich hartnäckig, wenn ein Vorhaben dieser Art mit solchen Mysterien umgeben ist wie die geplante Veranstaltung in Welver.

Mädchen schliefen auf Fußboden

„Die Brasilianer sind da!", war das erste Echo mehrerer Anrufe gestern morgen. ANZEIGER-Fotograf und Sportredakteur starteten sofort. Was wir erlebten, wollen wir beide lange nicht vergessen. Über 20 Personen, der 22 südamerikanischen Sportler-Delegation, meist junge, graziöse Mädchen, einige Begleiterinnen und ein Pianist hatten die Nacht in zwei bis drei kleinen Räumen im Erdgeschoß eines einschlägigen Hauses in Einecker-Vöhde zugebracht, teils auf dem Sofa, meist auf dem Fußboden, inmitten all des Gepäcks, ohne jeden Service, wie man ihn ausländischen Gästen inmitten stilvollerer Gegenden in Hotels, Pensionen oder Privathäusern als Mindestmaß zu bieten gewohnt ist. Herr Seip fuhr mit seinem Pkw hin und her, besorgte eine Genehmigung der Gemeinde, von zehn bis ein Uhr in der Turnhalle Borgeln ein Training der Gymnastinnen-Gruppe durchführen zu können. Ehe er alle Damen hingebracht hatte, fast 20 an der Zahl, war es schon fast zwölf. Von den Veranstaltungen auf seinem eigenen Grundstück in Einecke, wo auch neun Stunden vor dem Auftritt nichts von einer Halle zu sehen war, und in der Schützenhalle heute abend sprach nur noch er.

„Wir wollen nur noch heim!"

„Wir wollen nur noch weg hier, wir sind maßlos enttäuscht, bitte helfen Sie uns", wandte sich Frau Krause, die Leiterin der Nationalmannschaft, eine Brasilianerin mit eingewanderten deutschen Vorfahren, an uns. „Wir sitzen hier auf dem Dorf, zwar landschaftlich reizvoll, aber das nutzt uns nichts. Wir sind von jeder Verbindung zur Umwelt abgeschnitten. Wir können nicht telefonieren, können nichts unternehmen, weil wir ja kein Fahrzeug haben. Wir sind vollkommen auf Herrn Seip angewiesen. Bitte, helfen Sie uns doch wenigstens! Bringen Sie uns zu einem Reisebüro, damit wir unsere Rückreise buchen können, bitte warten Sie nicht!" Mit Frau Krause und zwei ihrer Teamkameradinnen fuhr der ANZEIGER-Pkw mittags noch nach Soest.

„Wie aber konnte das alles entstehen? Wie konnten Sie dieser Einladung folgen?", fragten wir auf der Rückfahrt. Frau Krause dazu: „Herr Seip hat uns bei der Weltmeisterschaft in Basel angesprochen, hat uns als durchaus glaubwürdiger Vertreter des deutschen Turnsportes zu sich eingeladen, weil dort eine Sporthalle eröffnet werden sollte. Wir kommen aus Sao Paolo, aus Rio de Janeiro, aus Gerais, wir sind alle sehr deutschfreundlich. Wir bewunderten Ihr Land und waren auch etwas gespannt auf die Reise dahin. In Stuttgart holte uns Herr Seip mit einem Reisebus ab. Es war eine herrliche Fahrt mit Gesang und Spiel und Fröhlichkeit. Erst bei der Ankunft stürzte eine Welt für uns zusammen. Das enge Haus für all die vielen Menschen. Der kalte Fußboden. Wir kommen aus einer ganz anderen Klimazone, sind das nicht gewohnt. Höchstens übernachten wir noch einmal hier, weil wir nicht wissen, wohin. Dann wollen wir nichts als nur nach Hause".

Aufruf an Kreis und Gemeinde

Die Gemeinde Welver, in deren kommunaler Zuständigkeit sich das alles abspielt, sagt freilich formal zu recht, das sei eine Privatveranstaltung und gehe sie nichts an. Auch der TV Borgeln möchte nicht tangiert werden. So aber geht das nicht. Hier steht mehr auf dem Spiel als nur die Glaubwürdigkeit von Heinrich Seip, der sich offenbar gewaltig übernommen hat. Verwerfliche böse Motive kann man ihm kaum unterstellen. Nur Planung und Wirkung klaffen meilenweit auseinander. Die Brasilianer kosten immerhin 2 500 DM. Der ANZEIGER ruft deshalb die gewählten Organe des Kreises Soest wie die Gemeinde Welver nachdrücklich auf: Helft den brasilianischen Sportlerinnen, die unverschuldet in diese Notlage geraten sind. Helft ihnen heimzukommen, wenn sie heute morgen, da Sie diese Zeilen lesen, noch immer in ihrem „Logis" in Einecker Vöhde sind. Sorgt dafür, daß ihr letzter Eindruck von Deutschland und von der Reise nach Welver besser ist als er ihnen gestern mittag erschien!"

Heute abend soll ab 20 Uhr laut Herrn Seip in der Schützenhalle von Einecker Höfen eine große Turnschau mit den Brasilianerinnen stattfinden. Das sei pflichtgemäß erwähnt. Wer gestern die Mannschaft besuchte, kann aber nur sagen: „Die Botschaft hör' ich wohl, allein mir fehlt der Glaube!"

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 41
Reportagem sobre o "sequestro-aventura" na Alemanha (1977)

Voltando às reportagens das competições das quais participei, encontro resquícios de momentos inesquecíveis.

Imagem 42 – Reportagem do Jornal dos Esportes de 1978. Campeonato dos Quatro Continentes de Ginástica Rítmica, em Montreal/Canadá (1978)

Fonte: Arquivo pessoal de Laura Seixas, enviada em 2024.

JORNAL DOS SPORTS, Sexta-feira, 3/11/1978

Laura Monteiro dá um show com a bola

Marcina: um destaque nas maças

Brasil vai otimista. O 6º lugar já será um bom negócio. Certo?

Texto de Vanderlei Borges, Estagiário da SUSE

A delegação brasileira de ginástica rítmica viajou para o Canadá, para participar do Campeonato Mundial de Ginástica Rítmica, que será realizado hoje em Toronto. A delegação é representada pelo Clube tetracampeão brasileiro.

O grupo é chefiado pela Crause, juíza brevetada pela federação Internacional de que já participou de vários internacionais representando o Brasil. A técnica será Deise Barros, ex-ginasta que já defendeu o país em várias competições internacionais.

As ginastas são: Laura Monteiro, Gilda Fontenelle, Sigrid Bitter, Márcia Chame, Clarice Pinto Lopes, Marcina Melo. Viaja junto com a equipe o pianista Haroldo Braga.

A chefe da delegação, Crause, acredita que o Brasil poderá fazer uma boa apresentação no Mundial, e até chegar entre os primeiros colocados, na frente de países ocidentais que ocupam segundo plano em relação aos orientais. Ela diz mais:

— Mesmo sem incentivo

estuda, trabalha, ou faz as duas coisas, e isso impede que se faça um trabalho melhor. No ano passado, eu repeti ano por causa dos

em 1973, o Brasil participou de outro Mundial, na Holanda. Desta vez o Brasil ficou em 13º lugar em

— Foi a maior emoção da minha vida, por três motivos: primeiro, porque foi a primeira vez que participei competindo internacionalmente; segundo, porque eu estava ajudando a divulgar ao mundo inteiro o nome de meu País; e terceiro, porque eu me classifiquei em 25º lugar entre 45 concorrentes.

Depois do torneio na França, ela participou dos torneios da Bulgária e do Canadá, com excelentes atuações ao lado de Laura Seixas.

Gilda Fontenelle é outra ginasta que vai representar o Brasil no Canadá. Apesar de ser a mais nova da delegação (17 anos), já tem experiência internacional. No ano passado, ela participou do Campeonato Mundial da Suíça, se classificando na 52ª colocação entre 87 concorrentes, e participou, também, com boa atuação, no Festival da Alemanha Ocidental. Este ano, ela adquiriu mais experiência nos torneios da Bulgária e França e se mostrou uma das esperanças de nossa Seleção.

Sigrid Bitter começou na ginástica olímpica em Minas Gerais, e em 1975 passou para a ginástica rítmica do Copaleme, tendo participado do Campeonato Mundial na Espanha. No ano passado, ela competiu no Mundial, na Suíça, e no Festival, na Alemanha. E, este ano, foi campeã brasileira pelo Copaleme.

Márcia Chame também iniciou sua carreira na ginástica olímpica no Rio de Janeiro, e em 1976 passou para a rítmica. Também já participou de competições internacionais como no Mundial do ano passado e no Festival na Alemanha.

Clarice Pinto Lopes também tem muita experiência internacional. Representou o Brasil em várias competições; excetuando os torneios na França, Canadá e Bulgária do ano passado, ela participou de todas as competições desde 1975.

Marcina Melo vai participar pela primeira vez de uma competição desse nível, apesar de ser ginasta desde 1972. Seu maior sonho é que a ginástica rítmica seja, um dia, conhecida por todos os brasileiros, ou que pelo menos alcance a mesma projeção que a ginástica olímpica:

— Alcançando grande repercussão, a ginástica rítmica terá mais adeptos e isso vai melhorar o seu nível, como foi o caso da olímpica. Quando isto acontecer estou certa de que o Brasil poderá formar uma equipe para competir a nível dos melhores do mundo.

O BRASIL NA GINÁSTICA RÍTMICA — O Brasil foi representado pela primeira vez num Campeonato Mundial em 1967, na Dinamarca. Deise Barros, a técnica atual da seleção, representou muito bem o Brasil e ficou em 16º lugar na classificação geral. Seis anos depois,

conforme as aptidões e tendências apresentadas pela criança. A prática da ginástica rítmica não está só ao alcance dos ricos. Para ensinar, os clubes do Rio de Janeiro cobram em média duzentos cruzeiros por mês.

OS APARELHOS — São cinco os aparelhos para a prática da ginástica: corda, arco, bola, maças e fita.

A corda é de dânhamo por exigência da Federação Internacional de Ginástica. O comprimento é em média de 2,80m e varia de acordo com a altura da ginasta. Os movimentos permitidos com a corda são circulares, em oito, balanceados e giros.

O arco, de madeira, pode ser encapado com fita plástica ou pintado em cores diferentes de ouro prata ou bronze. O diâmetro, de acordo com o regulamento internacional pode variar entre 80 e 90 centímetros; pesa no mínimo 300 gramas. Com o arco se faz exercícios de impulsão, balanceamento, circundações, rolamento, inversão, lançamento e saltos por cima ou através.

A bola tem 18 a 20 centímetros de diâmetro, pesa no mínimo 400 gramas e as cores podem ser variadas exceto dourada, prateada ou cor de bronze. Os movimentos permitidos com a bola são de rolar, quicar, lançar e pegar e equilibrar no dorso ou na palma da mão.

As maças são de formato de uma garrafa; sua divisão é conhecida em cabeça, pescoço e corpo. Pesam no mínimo 150 gramas e medem de 40 a 50 centímetros. Os exercícios são feitos obrigatoriamente com duas maças, em qualquer seqüência. Os movimentos permitidos são de impulso, circundações, balanceamento, lançar e pegar, bater e movimento com as mãos formando pequenos círculos.

A fita é a peça de maior efeito coreográfico. Sua medida tem que ser exatamente 6 metros de comprimento e de 4 a 6 centímetros de largura, com peso de no mínimo 35 gramas. A fita é presa a um estilete que permitirá à ginasta locomovê-la em circundações, ondas, espirais, serpentinas, impulsos, em oito e lançamentos. Ela pode ser de qualquer cor.

Todos os exercícios individuais, obedecendo ao regulamento da Federação Internacional de Ginástica, têm a duração mínima de um minuto e máxima de um minuto e meio. E o julgamento, pela comissão julgadora, é baseado nas características de cada aparelho, valor técnico da composição, ou seja; distribuição das dificuldades apresentadas, trabalho espacial e variações de ritmo, planos e direções. Isto tudo aliado à técnica de execução tanto corporal como no manejo do aparelho.

Imagem 43 – Reportagem de Jornal não identificado (1978), relatando um pouco das ginastas explicando o que é a Ginástica Rítmica

Fonte: Arquivo pessoal de Laura Seixas, enviada em 2024.

EQUIPE DO

COPALEME

PRAIA CLUBE
RIO DE JANEIRO

CLARICE PINTO LOPES:
1975 – 1976 – 1977: Tri-Campeã – Conjunto – Campeonato Brasileiro. 1976 – 1977: Campeã Individual – Campeonato Brasileiro. – 1976: Participante da Seleção Brasileira na Abertura dos Jogos Olímpicos de Montreal – Canadá. – 1976 Torneio Internacional de Ginástica – Alemanha – Individual – 16o. lugar. – 1975/77 – Participou dos Campeonatos Mundiais de Madrid e Basel.

MARCINA DE MORAES MELLO:
1974 – Campeonato Carioca – Individual: 3o. lugar – bola. – 5o. lugar – fita – 1975 Campeonato Carioca – Individual – 2o. lugar – bola – 4o. lugar – corda. – 1976 Campeonato Brasileiro – Individual Geral – 9o. lugar.

MARCIA CHAMME DOS SANTOS:
1976 – Campeonato Estudantil do Rio de Janeiro – Conjunto Fita – 1o. lugar. – 1977 Participante da Seleção Brasileira no Festival de Ginástica Rítmica Desportiva em Sindelfingem – Alemanha Ocidental. – 1977 Campeonato Brasileiro – Conjunto Maça – 1o. lugar. – Individual por equipe – 1o. lugar.

SIGRID BITTER:
1975 – Campeonato Mundial – Espanha – 7o. lugar no Conjunto. – 1977 Campeonato Mundial – Suíça – 18o. lugar no Conjunto. – 1977 Festival de Sindelfinger – Alemanha. – 1977 Campeonato Brasileiro: 4o. lugar geral – Campeã em fita – Campeã por equipe. – 1976 Curso Nacional e Continental de GRD.

LAURA FREITAS DE SEIXAS:
A partir de 1974 – Campeã Brasileira Estudantil, – 1976 Campeonato Brasileiro – Individual e Conjunto – 1o. lugar. – 1976 Integrante da Seleção Brasileira na Abertura dos Jogos Olímpicos de Montreal – Canadá. – 1977 Campeonato Brasileiro – Individual e Conjunto – 1o. lugar geral. – 1978 Participante da Seleção Brasileira no 4o. Torneio Internacional de Ginástica Rítmica Desportiva – Corbeil – Essonnes França. – Finalista e 7a. colocada no Torneio Internacional de Toronto. – Miss Torneio Internacional em Sófia – Bulgária.

GILDA FONTENELLE:
1976 – Campeonato Carioca – Campeã Carioca – 3o. lugar Categoria. – 1977 – Campeonato Brasileiro – Vice-Campeã-Geral. – 1978 – Participante da Seleção Brasileira no 4o. Torneio Internacional de Ginástica – Corbeil – Essonnes – França. – 1978 Campeã Estudantil

Imagem 44 – Revista de divulgação das ginastas campeãs brasileiras de Ginástica Rítmica (1978)

Fonte: Arquivo pessoal de Laura Seixas, enviada em 2024.

Fonte: Arquivo pessoal (2025). Fotógrafo e data não identificados.

Imagem 45 – Em uma das viagens internacionais representando o Brasil

2.2.1.1 Medalhas

Apresento aqui algumas medalhas que fazem parte do reconhecimento que obtive pela minha dedicação, perseverança, resiliência, abdicações, garra, luta, ambição em sempre melhorar e comprometimento, durante a minha fase de ginasta. Qualidades estas, que me foram muito úteis e importantes posteriormente. Cada uma dessas medalhas carrega consigo uma história de muitos desafios enfrentados até as vitórias conquistadas.

Imagem 46 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Campeonato Brasileiro (frente)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 47 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Campeonato Brasileiro (verso)

Imagem 48
Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Campeonato Brasileiro e Torneio Nacional Interclubes (frente)

Imagem 49
Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Campeonato Brasileiro e Torneio Nacional Interclubes (verso)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 50 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Campeonato Brasileiro (frente)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 51 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Campeonato Brasileiro (verso)

Imagem 52 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Jogos Escolares Brasileiros em Natal-RN; Inauguração da nova sede do Minas Tênis Clube Unidade Serra, Belo Horizonte-MG (1985); Semana do Exército, Belo Horizonte-MG (1975); Aniversário de Brasília/DEFER; Federação Mineira de Ginástica; Federação Carioca de Ginástica; Competição de GA Brasil/México/Venezuela (1979) (frente)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 53 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Jogos Escolares Brasileiros em Natal-RN; Inauguração da nova sede do Minas Tênis Clube Unidade Serra, Belo Horizonte-MG (1985); Semana do Exército, Belo Horizonte-MG (1975); Aniversário de Brasília/DEFER; Federação Mineira de Ginástica; Federação Carioca de Ginástica; Competição de GA Brasil/México/Venezuela (1979) (verso)

Imagem 54 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Secretaria Municipal de Esportes de SP; Festival de Ginástica de São Paulo (1974); 44º Jogos Abertos do Interior, Araçatuba/SP, Federação Paulista de Ginástica (frente)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 55 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – Secretaria Municipal de Esportes de SP; Festival de Ginástica de São Paulo (1974); 44º Jogos Abertos do Interior, Araçatuba/SP, Federação Paulista de Ginástica (verso)

Imagem 56 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – medalha de participação do VII Campeonato Mundial de Ginástica Rítmica Desportiva, em Madrid, Espanha (1975) (frente)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 57 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – medalha de participação do VII Campeonato Mundial de Ginástica Rítmica Desportiva, em Madrid, Espanha (1975) (verso)

Imagem 58 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – homenagem da Bahia (1978) (frente)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 59 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – homenagem da Bahia (1978) (verso)

Imagem 60 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – homenagem ao Ano Internacional da Pessoa Deficiente, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais (1981) (frente)

Imagem 61 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – homenagem ao Ano Internacional da Pessoa Deficiente, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais (1981) (verso)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 62 – Medalha conquistada no percurso gímnico - 2º lugar no Pan Pacific Championship, Canadá (1978) (frente)

Imagem 63 – Medalha conquistada no percurso gímnico - 2º lugar no Pan Pacific Championship, Canadá (1978) (verso)

Imagem 64 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – variedades (frente)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 65 – Medalhas conquistadas no percurso gímnico – variedades (verso)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

É interessante mencionar que, enquanto lustrava minhas medalhas para as fotos que compõem este memorial – e, diga-se de passagem, era a primeira vez que as limpava, aos 65 anos de idade – me dei conta de um fato que me decepcionou bastante. Ou seja, possuo essas medalhas há pelo menos 50 anos, mas, ao observá-las atentamente, percebi algo frustrante. Se repararem nas medalhas das duas últimas fotos, vocês irão perceber que nelas não há qualquer identificação: nem o campeonato, nem o local, nem a data e, muito menos, a classificação. E pior, algumas representam outros esportes, como futebol, basquete e atletismo, ou trazem apenas alusão a Zeus, menções genéricas de honra ao mérito ou oferta da Coca-Cola. Isso reflete o tamanho do descaso das autoridades ao premiar atletas que mereciam algo mais digno, algo que pudesse ser lembrado no futuro. No entanto, o que restou foi apenas um pedaço de metal sem registros, sem identidade, sem valor... Deixo aqui um alerta aos técnicos, organizadores e demais profissionais responsáveis por uma competição!

Por outro lado, esse processo de retirar o que encobria as medalhas para deixá-las mais visíveis foi também um processo terapêutico. A cada medalha que se colocava em minhas mãos, minha memória resgatava cenas, lembranças, sentimentos e histórias vividas. Esse processo durou, pelo menos, um final de semana inteiro. E a escrita deste Memorial também tem sido uma jornada. É incrível! Estou retirando os véus que foram me cobrindo ao longo dos anos, enquanto essa escrita vai me despindo, desvelando, revelando, mostrando-me por inteira...

2.2.2 Arbitragem

Como árbitra internacional, tive a oportunidade de atuar em eventos marcantes, como o Konica Cup, nos Estados Unidos, em 1987, e em Breisgau, na Alemanha, entre 1990 e 1993, período em que também cursava o mestrado. Essas experiências internacionais trouxeram mais bagagem para a minha vida profissional e pessoal. Trabalhar em competições me proporcionou ter uma visão mais ampla dos cenários estaduais, nacionais e internacionais, possibilitando uma observação mais crítica sobre o comportamento de cada ser humano em suas mais diversas funções.

Imagem 66
Boton do Campeonato Internacional Konica Cup, em Princeton, Estados Unidos (1987)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 69
Participação no Kinderturnfest, Alemanha (1990) (frente)

Imagem 67
Crachá como Árbitra Internacional no Konica Cup, em Princeton, Estados Unidos (1987) (frente)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 68
Crachá como Árbitra Internacional no Konica Cup, em Princeton, Estados Unidos (1987) (verso)

Imagem 70
Participação no Kinderturnfest, Alemanha (1990) (verso)

Como árbitra nacional, atuei em várias competições. Infelizmente, não possuo registro dessas atuações. No entanto, consegui encontrar crachás de algumas delas.

Imagem 71
Participação como árbitra nacional de Ginástica Rítmica dos Jogos Escolares Brasileiros (1981, 1982 e 1983)
Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Atuei como coordenadora de GRD dos XIV JEB - Fase Regional Centro-Oeste (1985). Essa experiência foi bastante desafiadora e enriquecedora, pois me permitiu organizar e coordenar um evento de grande porte, com atletas de diversas regiões, e gerenciar todas as demandas e expectativas envolvidas.

Imagem 72 – Participação como árbitra nacional Ginástica Rítmica dos Jogos Escolares Brasileiros (1988)
Fonte: Arquivo pessoal (2025).

2.2.3 Gestão Esportiva

Após minha fase como atleta, continuei contribuindo para a ginástica, atuando nas seguintes funções:

- Membro do Comitê Técnico de GRD da Federação Mineira de Ginástica (FMG) no biênio 1985/1986;
- Membro da Comissão de Capacitação de Recursos Humanos da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) no biênio 1986/1987;
- Diretora de Arbitragem da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) em 1986 e 1987;
- Membro da Comissão Técnica de GRD da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) no biênio 1988/1989.

2.3 Andanças em trilhas que se entrelaçam

Apesar de meu perfil ser bastante racional, sempre fui atraída por acontecimentos enigmáticos. Instiga-me o desafio de desvelar o misterioso, porém, nunca com uma fé cega. Assim, trilhar por caminhos holísticos tornou-se algo natural para mim.

Quando surgiu um movimento contrário à alta performance, incluindo a antiginástica[9], senti-me um tanto quanto incomodada, pois estava no ápice da minha vida esportiva, atuando como ginasta da Seleção Brasileira de Ginástica Rítmica. Pensava que o surgimento desse movimento havia sido motivado por pessoas preguiçosas em relação à atividade física, o que me levou, inclusive, a repudiar o termo "antiginástica". Curiosamente, nessa fase, por volta dos meus 20 anos, adquiri livros de Thérèse Bertherat, Yvonne Berge, Ehrenfried, entre outros, que abordavam essa outra visão do movimento, mais voltada para processos de autoconhecimento e terapêuticos. Sinceramente, não sei o que me motivou a essa atitude, pois só vim a lê-los muitos anos depois. Talvez tenha sido pelas grandes mudanças que ocorreram na minha vida nessa fase. Uma delas foi a concepção do meu filho, que, por sinal, foi a experiência mais linda que já tive.

9 A antiginástica é um método que proporciona o autoconhecimento por meio de movimentos sutis, precisos e rigorosos. Foi criada no começo dos anos 1970 pela fisioterapeuta francesa Thérèse Bertherat. Esse método considera os pensamentos, as emoções e os afetos, respeitando a integridade da estrutura corporal, particularmente, as leis mecânicas do corpo, descobertas pela fisioterapeuta francesa Françoise Mézières. Disponível em: http://fisioterapeutasdeplantao.blogspot.com.br/2015/09/antiginastica-therese-bertherat.html. Acesso em: 2 mar. 2024.

Na realidade, na visão médica da época, seria muito difícil eu engravidar, pois alguns fatores estruturais e hormonais poderiam impedir essa experiência. No entanto, enquanto esperava o próximo ciclo menstrual para iniciar uma bateria de exames com um médico que conheci em um curso de Ginástica para Gestantes e com o qual tive bastante afinidade, descobri que já estava grávida.

A alegria tomou conta de mim, apesar dos enjoos quase insuportáveis. Para meu alívio, eles cederam ao final do terceiro mês e, a partir daí, pude vivenciar plenamente a gestação. A barriga ia crescendo, e o primeiro sinal de movimento do feto foi bastante simbólico: aconteceu aos cinco meses de gravidez, enquanto eu assistia ao filme *Fernão Capelo Gaivota*[10].

Minha gravidez se deu aos 24 anos e, dialogando com meu médico, deixei claro que desejava um parto natural (de preferência o parto Leboyer[11], na água). Contudo, como naquela época ainda não havia suporte para o parto humanizado no Brasil, pedi que ao menos fosse sem anestesia. Nesse momento, o médico aconselhou-me a praticar Yoga. Inicialmente, achei a sugestão sem propósito – quase uma ofensa para uma atleta de alta performance. Eu tinha a convicção de que demonstraria que eu não sentiria dor na hora do parto. Mas, para meu espanto, percebi estar enganada.

Acabei sentindo todas as dores do parto, como qualquer outra mulher. Porém, no momento das contrações de expulsão, por não ter sido anestesiada, pude vivenciar o melhor dessa experiência. É justamente nesse momento que as mulheres costumam ser anestesiadas e impedidas de vivenciar o ápice desse acontecimento em toda a sua potência. No meu caso, pude experimentar o cessar de todas as dores e uma sensação de prazer e calor envolvendo todo o meu corpo. A sensação foi comparável a um orgasmo de intensidade nunca antes vivida. Tempos depois, esse tipo de parto foi documentado e passou a ser denominado "Parto Orgásmico"[12].

10 Essa narrativa fílmica "é uma alegoria sobre a importância de se buscar propósitos mais nobres para a vida. O autor usa uma gaivota como personagem principal. Um pássaro que, diferente dos outros de sua espécie, não se preocupa apenas em conseguir comida, está preocupado com a beleza de seu próprio voo, em aperfeiçoar sua técnica e executar o mais belo e veloz dos voos. Uma metáfora sobre acreditar nos próprios sonhos e buscar o que se quer, mesmo quando tudo parece conspirar contra isso. Disponível em http://www.livrariacultura.com.br/p/fernao-capelo-gaivota-551510. Acesso em: 11 jan. 2016.

11 Esse tipo de parto é feito com pouca luz, para não incomodar o bebê; silêncio, principalmente depois do nascimento; massagens nas costas do bebê para estimular seus pulmões; banho do bebê perto da mãe, que pode ser dado pelo pai; ambiente quente, como o abdômen da mãe, a fim de atenuar o impacto da diferença entre o mundo intrauterino e o extrauterino; e amamentação precoce. No parto Leboyer, o cordão umbilical somente é cortado quando para de pulsar, para facilitar a transição da respiração (Moraes, s.d.).

12 Em 2007, o filme norte-americano *Orgasmic Birth* (algo como "Parto Orgásmico") causou uma grande comoção por onde foi exibido, por mostrar as potencialidades emocionais, físicas e espirituais do parto (Carvalho, 2014).

Imagem 73 – Com o renomado professor de Yoga, José Hermógenes de Andrade (in memoriam), autor de vários livros na área

Meu interesse pelo Yoga surgiu cerca de 16 anos mais tarde, quando busquei e frequentei um curso de formação de professores de Yoga na Escola Suddha Dharma Mandalam[13]. Nessa escola, fui convidada a ministrar aulas tanto no curso de formação quanto para a comunidade. Além do curso de Hatha Yoga, composto de *ásanas* (posturas psicofísicas), *pranayamas* (técnicas respiratórias) e relaxamentos, também frequentei um curso, na mesma escola, de Raja Yoga, um ramo do Yoga voltado ao estudo de técnicas meditativas. Outra formação foi na Sahaja Yoga[14].

13 É uma escola de sabedoria de existência milenar, que visa habilitar o aspirante a estudar a natureza do homem e do universo, compreender sua posição na existência cósmica e coordenar sua vida interior e exterior. Dessa forma, mediante a síntese do Yoga, o indivíduo pode realizar as potencialidades humanas que o conduzirão à obtenção da paz e da felicidade, por meio da prática de seus princípios (O que é a Suddha Dharma Mandalam).

14 É um método de autorrealização que busca a união da consciência com o Ser Interior, a dimensão divina presente em cada pessoa. Criado na Índia pela mestra e médica Shri Mataji Nirmala Devi, esse método propõe o desenvolvimento da consciência espiritual e o despertar do potencial humano.

Imagem 74 – Primeiro Curso de Formação em Yoga da Suddha Dharma Mandalam, em Uberlândia-MG (2000)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Fui professora de Yoga por doze anos, em instituições, academias e escolas nas cidades de Uberlândia e Araxá. Nesse período, também participei de congressos voltados para os estudos do Yoga. A partir dessa formação, comecei a transmitir essa filosofia para os meus alunos da graduação na Universidade Federal de Uberlândia.

Imagem 75 – Segunda iniciação na Escola de Yoga Shudha Dharma Mandalam

Fonte: Arquivo pessoal (2025). Fotógrafo não identificado, 2002.

Tive acesso à Saúde Quântica após meus 50 anos. Mas a curiosidade nesse campo não se deu somente em minha idade mais avançada. Desde a adolescência, como já mencionado anteriormente, sempre me interessei e busquei informações sobre as áreas holísticas. A seguir apresento alguns dos caminhos pelos quais peregrinei como paciente e/ou participante e/ou profissional, movida pelo interesse nas questões do sensível, sutil e subjetivo:

- **Terapias Ayurvédicas** – Ciência milenar hindu que integra recursos como plantas medicinais, dietas, yoga, meditação, astrologia, massagem, aromaterapia, gemoterapia, entre outros.
- **Técnicas do Osho** – Mestre da meditação e ex-professor de filosofia que desenvolveu técnicas meditativas dinâmicas e passivas.
- **Terapias fisioterápicas naturais da visão** – Ginástica para os olhos.
- **Renascimento ou Grito Primal** – Terapia que induz estados alterados de consciência por meio de técnicas respiratórias, possibilitando catarses a partir da repetição da experiência do nascimento.
- **Diferentes linhas de Yoga** – Hatha (psicofísica) e Raja (meditação), incluindo a Sahaja Yoga, criada pela médica hindu Shri Mataji.
- **Homeopatia** – Medicina que busca compreender a totalidade da pessoa, considerando suas singularidades e focando nas vias naturais de cura do organismo.
- **Linhas espiritualistas** – Catolicismo, Umbanda, Espiritismo e Xamanismo.
- **Tai Chi Chuan** – Arte marcial chinesa que combina exercícios corporais, respiração, concentração e preceitos da medicina tradicional chinesa.
- **Reiki (níveis I e II)** – Sistema natural de harmonização e reposição energética por meio da imposição das mãos.
- **Liang Gong** – Ginástica terapêutica chinesa que trabalha suavemente as articulações, prevenindo e tratando dores no corpo.
- **Grupo de Mantras** – Prática de entoação de sons sagrados que auxiliam na meditação.
- **Terapias na Medicina Antroposófica** – Abordagem que amplia a medicina acadêmica, considerando a relação do ser humano com a natureza, sua vida emocional e sua individualidade.
- **Dança Terapia** – Uso da dança e do movimento em um processo terapêutico que promove integração emocional, cognitiva, física e social.

- **Método Feldenkrais** – Técnica de Educação Somática[15] que busca promover a consciência corporal por meio da experimentação do movimento.
- **Sistema Laban Bartenieff** – Análise do movimento baseada na teoria dos sistemas, fundamentada em quatro elementos centrais: corpo, espaço, esforço e forma.
- **Biodança** – Estimula a comunicação da pessoa consigo mesma e com os outros.
- **Do-in e Shiatsu** – Técnicas de massagem oriental que utilizam pressão sobre pontos dos meridianos de energia. O Do-in é a automassagem; o Shiatsu é aplicado por um profissional.
- **Xamanismo** – Filosofia ancestral que busca a reconexão do ser humano com a natureza e seu mundo interior.
- **Microfisioterapia** – Técnica fisioterápica manual fundamentada na embriologia e na filogênese.
- **Osteopatia** – Técnica fisioterápica manual com enfoque nas disfunções articulares e teciduais.
- **Terapia Crânio-Sacra** – Técnica fisioterápica manual que utiliza toques suaves nos ossos da cabeça, coluna vertebral e sacro, ativando a capacidade de autocura do corpo.
- **Eutonia** – Prática de Educação Somática que equilibra o tônus muscular.
- **Saúde Quântica** – Visão multidimensional da existência humana, buscando integrar ciência e espiritualidade no processo de cura.
- **Gestalt-terapia** – Abordagem psicológica com visão holística, fenomenológica e existencial do ser humano.
- **Psicanálise** – Método terapêutico que interpreta conteúdos inconscientes por meio de palavras, ações e produções imaginárias do indivíduo.
- **Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC)** – Abordagem psicológica de curto prazo que busca modificar pensamentos e sentimentos disfuncionais.
- **Psicodrama** – Abordagem psicológica que utiliza a encenação de situações incômodas para estimular reflexões e mudanças de comportamento.
- **Cristaloterapia** – Uso da ressonância e vibração dos cristais para restabelecer a harmonia e o equilíbrio energético do ser humano.
- **Atividades corporais diversas** – Capoeira, Karatê, Judô, Aikidô, Dança de Salão, entre outras.

15 Educação Somática foi definida pela primeira vez por Thomas Hanna em 1986, como “a arte e a ciência de um processo relacional interno entre a consciência, o biológico e o meio-ambiente. Estes três fatores vistos como um todo agindo em sinergia” (HANNA, 1986, p. 7)

Em uma destas buscas, frequentei um acupunturista chinês que comentou que eu tinha muita energia, mas não sabia preservá-la, consumindo-a além do considerado normal, o que poderia acelerar meu processo de envelhecimento. Na época, não compreendi e achei o discurso um tanto quanto exagerado, já que, no meu entendimento, enquanto tivermos energia, devemos aproveitá-la ao máximo. Sempre gostei de uma vida alegre, com muito movimento e em conexão com a natureza, mas ao vivenciar a Eutonia, percebi o quanto podemos economizar energia sem perder o élan e a *finesse*[16] do movimento.

No decorrer das minhas experiências corporais e profissionais – ao vivenciar o romper dos meus limites no esporte e, consequentemente, sofrer lesões crônicas (enquanto atleta de alta performance); ao experienciar um corpo que, apesar de deficiente, possui um potencial (enquanto técnica de um grupo de Ginástica Rítmica e Dança em Cadeiras de Rodas); ao trabalhar o corpo com pacientes (enquanto propositora e atuante do Projeto Movimento, na Clínica de Internação Psiquiátrica Vila Holanda, em Uberlândia/MG); ao respeitar os limites do corpo no Yoga (enquanto aluna e professora); ao explorar a Eutonia com a professora Fernanda Beviláqua (percebendo o movimento dos ossos para a pele e da pele para os ossos); e, atualmente, ao praticar Pilates, Musculação, Natação e *Stand Up Padle* (sentindo o prazer nessas modalidades esportivas e não mais a competição, nem comigo e nem com o outro) – fui entendendo que existe um tempo e um limite para tudo e que, se respeitados, nos permitem ampliar horizontes sem esgotarmos nossa força, sem enfrentarmos resistência, mas sim desenvolvendo resiliência e, consequentemente, sem colecionarmos dores e sequelas em quaisquer níveis. Porém, essa consciência só se torna possível depois que atravessamos campos de saberes diversos, os quais nos possibilitam aprender, sentir, compreender, refletir, questionar, assimilar e aplicar conteúdos importantes na nossa formação.

16 Élan refere-se ao entusiasmo, disposição; *finesse*, à elegância do movimento, finura (Ferreira, 1986).

2.4 Espirais conquistadas e espirais partilhadas

2.4.1 Formação

Ao revisar as escolas por onde passei durante meu ensino formal, fiquei espantada com a quantidade. Nem sei apontar um único motivo, mas uma das razões foi a constante mudança geográfica que vivenciamos, eu e minha família, tanto entre bairros de uma mesma cidade quanto entre estados.

No **ENSINO INFANTIL**, frequentei a escola das freiras “Helena Guerra” (Belo Horizonte/MG). Vale citar que, como meu pai também fazia arte sacra, ele constantemente trabalhava para essas freiras. Chegou a montar toda a Capela da escola. Interessante que o que ele recebia de retribuição era um “Deus lhe pague”. Nessa escola, não tive muitas experiências positivas. Passei por três episódios que me marcaram bastante.

O primeiro deles foi assim que cheguei à escola. Ali, tive meu primeiro choque cultural pelo fato de não falar português. Em um determinado momento, precisava ir ao banheiro, mas a freira não me deixou sair da sala. Então resolvi a minha necessidade lá mesmo, em um cantinho. O segundo episódio aconteceu no momento de deslocamento da sala de aula para um palco, onde tínhamos aula de música. Eu saia do meio da fila e fugia pelos vastos espaços da escola, pois as professoras sempre me davam o triângulo e queria mesmo era tocar os enormes pratos. Por fim, o terceiro episódio ocorreu quando as freiras, que costumavam nos levar (eu e minhas irmãs) para casa em um carro enorme que parecia mais um micro-ônibus. Para variar, eu tinha aprontado na escola. As freiras sempre me deduravam, mas, nesse dia, parecia que seria diferente. Elas queriam me ouvir cantando uma música em alemão, prometendo, em troca, não contarem

nada ao meu pai sobre minhas traquinagens. Mais que rapidamente comecei a cantar. Não cantei uma música apenas... a cantoria rendeu a viagem inteira tamanha minha alegria por achar que naquele dia, ao menos, não iria apanhar... Porém, assim que elas nos deixaram em casa e partiram, e eu já subindo as escadas rumo ao meu quarto, ouço meu pai me chamar e... apanhei novamente.

No **PRÉ-PRIMÁRIO**, frequentei o Grupo Escolar Leon Renault (Belo Horizonte/MG), onde meu pai era o professor de artes.

No **ENSINO PRIMÁRIO**, foram duas escolas: uma escola em Manaus-AM e Grupo Escolar Lúcio dos Santos, em Belo Horizonte/MG.

A **ADMISSÃO AO GINÁSIO** ocorreu no Colégio Sindicato dos Bancários, em Belo Horizonte/MG.

No **ENSINO 1º GRAU**, frequentei a Escola Estadual Milton Campos – Anexo Serra, a Escola Izabela Hendrix e o Colégio Pitágoras, todas em Belo Horizonte/MG.

No **ENSINO 2º GRAU**, foram duas instituições de ensino, ambas no Rio de Janeiro-RJ: Instituto de Tecnologia - ORT – curso de eletrônica e Colégio Anglo-Americano.

Quando eu me inscrevi para o vestibular, fiquei na dúvida entre cursar Educação Física ou Eletrônica. Eu gostava muito da Eletrônica, porém decidi pela Educação Física pelo fato de já estar inserida nessa área por conta da vivência esportiva. Assim, meu percurso acadêmico iniciou-se antes mesmo do meu ingresso na Universidade. Enquanto ginasta, participei de cursos nas áreas de treinamento, metodologia, aspectos técnico-pedagógicos, arbitragem, entre outros. Alguns desses cursos foram ministrados pelo Prof. Dr. Manoel Gomes Tubino (*in memoriam*), profundo conhecedor em treinamento e ex-presidente da Federação Internacional de Educação Física - FIEP; pelo Prof. Ms. Darcymires do Rego Barros (*in memoriam*), especialista em Psicomotricidade Escolar; pela Profa. Ms. Ingeborg Ingrid Crause, *expert* em Ginástica Rítmica e ex-presidente da Comissão Técnica de GRD da Confederação Brasileira de Desportos - CBD, além de Chefe de Delegação em várias competições internacionais; por professoras e técnicas estrangeiras vinculadas à Ginástica e Dança da Federação Internacional de Ginástica - FIG, como a Profa. Henriette Abàd (*in memoriam*), da Hungria, com a qual tive maior proximidade, já que também fui sua intérprete e assistente; a Profa. Gurga Nedielkova (*in memoriam*), dentre outros profissionais.

Como integrante da Seleção Brasileira de Ginástica Rítmica Desportiva (GRD, denominação da época), supervisionada pela técnica Daisy Barros (*in memoriam*), treinei na Escola de Educação Física do Exército, no Rio de Janeiro; no Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes – CEFAN, também no Rio de Janeiro, e em Centros de Concentração no Rio de Janeiro e em outras cidades do Brasil, conforme as necessidades das fases pré-competitivas; além de treinar no próprio Clube Copa Leme, na capital fluminense.

Logo após meu ingresso na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ainda como aluna, mas sob supervisão, ministrei aulas de Ginástica Laboral na Fundação Getúlio Vargas (FGV), de ginástica rítmica e ginástica geral no Clube Central em Niterói-RJ. Também formei um grupo infantil de ginástica rítmica no Clube Umuarama em Volta Redonda-RJ; ministrei aulas de ginástica, dança/jazz, natação e educação física em escolas, academias e condomínios no Rio de Janeiro, além de atuar em uma Colônia de Férias do município do Rio de Janeiro-RJ.

Duas dessas experiências marcaram profundamente minha formação por terem sido vivências intensas, nas quais pude perceber situações de caráter humanitário. Uma delas foi com o Grupo Infantil em Volta Redonda-RJ, pelo afeto das crianças e por ter sido meu primeiro contato, como professora, com a inocência, a veracidade e a autenticidade que guiavam os comportamentos daquele grupo. A outra ocorreu na Colônia de Férias da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, na Tijuca, ao vivenciar a realidade de crianças moradoras em favelas. Ali, pude perceber que os verdadeiros vilões eram os adultos infiltrados naquela comunidade e que aquelas crianças necessitavam apenas de uma oportunidade para se desenvolverem como pessoas dignas e capazes. No entanto, infelizmente, essas crianças já nasciam carregando um estigma.

Na UFRJ, fui monitora da disciplina Ginástica Rítmica Desportiva (GRD), nos anos de 1981 e 1982. Ministrei cursos técnico-pedagógicos de ginástica rítmica em algumas cidades do Brasil, como Florianópolis, Sergipe, Natal, Recife e Brasília. Atuei também como árbitra nessa modalidade esportiva em nível nacional e internacional, conforme mencionei anteriormente. Em determinados momentos de minha vida, trabalhei como tradutora do idioma alemão. Todas essas atividades me proporcionaram, precocemente, experiências com grupos de crianças, adolescentes e adultos, além de contribuírem para meu amadurecimento na área que escolhi como profissão.

Após concluir a Licenciatura Plena em Educação Física pela UFRJ, em 1982 e o curso de pós-graduação *lato-sensu* em Didática do Ensino Superior pela Unigranrio, em 1984, continuei minha trajetória por diversas áreas da Educação Física. De volta a Belo Horizonte, em 1985, trabalhando em escolas do ensino fundamental e médio; em academias, ensinando ginásticas e danças; em clubes, ensinando natação, iniciei, pela primeira vez, minha atuação no ensino superior, na Pontifícia Universidade Católica (PUC), em 1986, no Campus de Ipatinga/MG. Nesse mesmo ano, fui aprovada no concurso para professor de Educação Física – nível P3 – do Estado de Minas Gerais, atuando em Belo Horizonte. No ano seguinte, fui aprovada no concurso da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Nesta instituição, dediquei-me de corpo e alma ao ensino, desenvolvi vários projetos de extensão, realizei algumas pesquisas e participei ativamente da gestão, principalmente, integrando conselhos e colegiados, como subchefe de departamento, além de atuar ativamente em diversas comissões, incluindo aquelas ligadas à Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC).

Três anos após meu ingresso na UFU, ou seja, em 1990, segui rumo à Alemanha com o meu filho de cinco anos a tiracolo para cursar o mestrado. Em princípio, não poderia levá-lo nos seis primeiros meses, mas, mesmo assim, paguei sua passagem e o levei comigo, mesmo correndo o risco de ter que voltar ao Brasil.

Foram três anos bastante difíceis. Além dos desafios normais de adaptação, passamos por momentos muito tensos. Em um deles, sentimos diretamente as consequências da revolta dos alemães ocidentais após a derrubada do muro de Berlin. Essa insatisfação decorria do fato de que, para reconstruir a antiga DDR (Alemanha Oriental), um valor era descontado mensalmente do salário de cada cidadão alemão do Ocidente. Esse contexto fomentou a intolerância contra estrangeiros, e o lema que se espalhou era: “AUSLÄNDER RAUS!” (“ESTRANGEIROS FORA!”).

Mesmo eu e o meu filho possuindo cidadania alemã, não éramos bem-vindos. Diziam que havia cinco aspectos que me tornavam “indesejada” naquele momento: (1) ser mulher, (2) ser solteira, (3) com um filho pequeno, (4) vinda de um país do terceiro mundo e (5) ser estudante.

Encontrar moradia com uma criança pequena era bem complicado. Muitos locadores preferiam aceitar um inquilino com um animal de estimação a alguém com um filho, alegando que o animal era passível de controle, enquanto uma criança, ao chorar, não poderia ser contida. Os alemães prezam muito pelos horários de silêncio, principalmente após o almoço.

Temporariamente, nos instalaram em um vestiário situado entre as quadras de tênis, afastado do prédio principal da universidade, ou seja, eu e meu filho ficamos isolados, com uma Autobahn (autoestrada) passando ao lado. As paredes externas desse vestiário eram todas pichadas, e não havia sequer iluminação externa. Vale lembrar que Frankfurt registrava altos índices de drogaditos.

Foi colocada uma cama entre algumas grades para mim, e a do meu filho ficava sob os chuveiros. Cederam-nos um fogareiro de duas bocas para que eu pudesse esquentar água ou preparar um chá ou uma sopa instantânea, mas ele ficava próximo dos vasos sanitários. Para nossa segurança, eu dormia com um chifre de boi que ganhara de presente de um açougueiro, caso fosse necessário me defender ou contra-atacar, tamanha era a nossa vulnerabilidade naquele momento. Por sorte, essa situação não durou muito tempo. Talvez, uns três meses.

Outro momento difícil foi por conta da Guerra no Golfo. O Iraque ameaçava a Europa com bombas químicas e biológicas. Naquele período, eu e meu filho morávamos em uma casa de três andares, muito antiga (acredito que ela tivesse uns 200 anos), estruturada com madeira e terra. A casa havia sido cortada ao meio para dar passagem a uma linha férrea construída posteriormente. O porão possuía um alçapão de fuga e vivia cheio de água. A casa sacudia toda quando um trem ou um ônibus ou um caminhão por ali passava. Eu dizia que era o “balança, mas não cai” da Alemanha. Era evidente que aquela casa não possuía qualquer proteção contra qualquer tipo de ataque. Foi ali, numa madrugada, que passei por um terremoto, seguido de outro no dia seguinte. Foi assustador! Para piorar, justo no dia em que eu faria a minha primeira avaliação final (de um total de três) do mestrado.

Outro momento também bem tenso aconteceu no dia em que a guerra estourou. Eu não conseguia sair da universidade para atravessar a cidade de Frankfurt e buscar meu filho na escola, pois a cidade estava toda tomada pelo Exército Americano. Na ocasião, fiquei sabendo que a maior Base Militar dos EUA na Europa ficava em Frankfurt. Foi um momento muito angustiante para mim: saber que meu filho estava a poucos quilômetros de mim, mas que eu não podia estar com ele por conta de um exército em guerra a milhares de quilômetros dali...

Um outro desafio que enfrentei foi quando, por seis meses, o CNPq parou de enviar o valor da bolsa por conta de uma falha administrativa entre a UFU e aquele órgão. E justamente no período da minha mudança de Staufen para Frankfurt! Sem recursos, montei todo o mobiliário da casa com os móveis descartados nas ruas pelos

moradores. Para a minha sorte, pude contar com a ajuda das famílias de Staufen, cidade onde passei os seis primeiros meses realizando o curso de alemão no Goethe-Institut e concluindo com a avaliação da Universidade de Freiburg. Essas famílias foram – e ainda são – pessoas muito queridas, com as quais mantenho contato até hoje.

Eu e meu filho vivenciamos outros momentos complicados, que nos colocaram à prova inúmeras vezes. Costumo dizer que passei por um teste de sobrevivência mais intenso do que qualquer treinamento militar. Isso fez com que desenvolvesse "todas" (risos) ou, pelo menos, "quase todas", as doenças psicossomáticas possíveis! E tudo se agravava com as condições climáticas. Um episódio de grande tensão e risco aconteceu quando, repentinamente, uma tempestade de neve inesperada começou a engolir a cidade. Eu não tinha as correntes de neve para os pneus, essenciais para trafegar nas ruas em períodos de nevascas. Estava a caminho da escola para buscar o meu filho. Para percorrer o trajeto, eu precisei de 5 horas, enquanto o normal era 30 minutos. O carro simplesmente patinava sobre a neve, deslizando de um lado para outro, às vezes até subindo no passeio. A visibilidade era extremamente ínfima. Ao final, exausta e com o meu filho nos braços, chegamos são e salvos ao aconchego de casa.

As estações do ano também eram um desafio. Normalmente eram oito meses de inverno para quatro meses de verão. Oito meses de tempo fechado, escuro, quando o cinza e o frio predominavam, sem permitir que um único raio solar perfurasse a atmosfera para nos acalentar um pouquinho. Era de um sombrio isolador. Porém, nos alegrávamos com os primeiros flocos de neve que caiam do alto, cobrindo tudo que encontravam e formando um tapete branco, que chegava a incomodar nossa retina de tão branca e reluzente que era essa neve. Os pinheiros também ficavam gradativamente todos encobertos, vestindo-se de branco. Era realmente lindo! Esse cenário sempre nos convidava a sair de nossas casas e brincar feito crianças com todos que ali se encontravam. Era quando a nossa criança interna explodia de contentamento sem constrangimento algum. Ao caminhar pelas ruelas ao entardecer ou já de noite, mesmo com frio intenso, a sensação era muito bonita e até romântica. O contraste entre o lado de fora e o lado de dentro das moradias fazia com que tudo compensasse. Apesar da sensação solitária e triste do lado de fora, as luzes amareladas que transpunham as vidraças anunciavam que dentro de casa havia um aconchego, um calor acolhedor e de muita serenidade. Mesmo assim, de vez em quando, eu sentia um aperto no coração... era a saudade do Brasil.

Nos quatro meses de verão, éramos brindados pelas mesclas de infinitas tonalidades de azuis no céu, cortado vez em quando por algumas nuvens brancas passageiras e pelo calor irradiado de cada raio solar, que tocava sutilmente a pele de cada ser vivente que por ali também passava. Quatro meses era o período em que podíamos contemplar as fases da lua, as estrelas cintilantes naquele manto escuro e, com alguma sorte, o trânsito frenético de cometas e estrelas cadentes.

Mesmo diante de todas as adversidades, eu não me entregava. Tinha sede de novos conhecimentos e, para além da Universidade onde cursava o mestrado, filiei-me à Sociedade de Pesquisa em Dança (GTF) (*Gesellschaft für Tanzforschung*), participando dos seguintes eventos e formações na área:

- Jornada da GTF, com abordagens sobre Ginástica de Medau, Ginástica de Dore Jacobs e o Sistema Laban/Bartenieff, promovida pela Universidade de Konstanz, Alemanha (12 a 14/04/1991);
- Curso intensivo de dança, percussão e improvisação, realizado na Oficina de Dança Inge Missmahl, em Konstanz, Alemanha (julho de 1991);
- Simpósio “Dança entre arte, pedagogia e terapia”, promovido pela Universidade de Bremen, Alemanha (20 a 22/09/1991);
- Jornada “Formação em dança e ginástica na escola: análise de planos de ensino e perspectivas”, promovida pela GTF e Universidade de Hannover, Alemanha (1 a 3/05/1992);
- Congresso “Ginástica hoje e amanhã – campo de atuação – formação – conteúdos” na Escola Timmermeister de Münster, Alemanha (18 a 20/09/1992);
- Curso de dança artística por meio de improvisação com música e materiais, com base na Escola Palucca, promovido pela GTF e Universidade de Marburg, Alemanha (16 a 18/10/1992);
- Formação continuada em Dança Elementar com Graziela Padilla, promovida pela GTF e Universidade de Colônia, Alemanha (29 a 31/01/1993).

É interessante perceber a aproximação entre personalidades e conteúdo que as áreas da Ginástica Rítmica e da Dança possuem. A dança foi uma das correntes influenciadoras para o surgimento da GR, com nomes como Rudolf Laban,

Isadora Duncan, Rudolf Bode, Heinrich Medau. No campo da música, destaca-se Jaques Dalcroze; nas artes cênicas, François Delsarte; e pensadores como Rousseau e Johann Heinrich Pestalozzi, na pedagogia.

Nessa ocasião, já em Frankfurt, meu desejo era pesquisar e desenvolver algo no campo da Dança-Terapia. No entanto, os cursos disponíveis eram particulares e seus custos, bastante elevados. Essa área do saber ainda não havia entrado na academia. Então, tive que me contentar com as oportunidades que tinha: o mestrado – um grande sonho que realizei na Alemanha – e todos os cursos de meu interesse que surgiam, além da participação, como árbitra, em competições, para as quais era convidada. Assim transcorreram três anos ininterruptos, até o momento de voltar para o Brasil.

Outra mudança nada fácil, tanto no aspecto físico, emocional, energético, emocional quanto no logístico. Talvez o mais sensível tenha sido deixar para trás todas as amizades construídas ao longo daquele tempo, em Staufen, em Frankfurt e em todas as cidades por onde peregrinei, participando de cursos, congressos, encontros, eventos...

Enfim, em março de 1993, conclui mais um desafio em minha vida, porém, apenas em 8 de outubro do mesmo ano, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFU aprovou o meu pedido de reconhecimento do título de Mestra, expedido pela Johann Wolfgang Goethe-Universität de Frankfurt am Main.

Em 2013, embarquei no doutorado em Artes Cênicas do DINTER-UNIRIO/UFU. Foi uma experiência incrível: outras personalidades, outras formas de ver o mundo, outros conteúdos. Foram quatro anos de grande transformação pessoal, com experiências intensas e profundas, quase terapêuticas. Porém, ao buscar esse curso, eu havia estipulado alguns critérios. Um deles era que ele fizesse sentido para mim, alinhando-se aos pensamentos do educador espanhol, Jorge Larossa Bondía. Outros critérios: o de ter prazer nas atividades, o de não aceitar professores torturadores e o de não adoecer, aspectos esses de suma importância para o deslanchar de um processo, principalmente criativo.

O primeiro ano foi bastante rico por conta das disciplinas das quais participei. Foi um mergulhar profundo em minhas próprias questões e em todo o conteúdo artístico que trazia comigo. No ano seguinte, essa riqueza se expandiu ainda mais por meio da participação em vários congressos. Neles, pude conhecer várias pessoas da área e de áreas afins, trocar experiências, discutir conceitos, ideias e pesquisas. Foram anos nos quais pude reunir conteúdos que ofereceram o suporte teórico para minha pesquisa.

Novamente, elucido a importância que a dança teve para mim, desde a fase de atleta, pois compunha a nossa preparação corporal, até minha formação acadêmica. Treinávamos no Clube Copaleme (no Leme/RJ). E, nesse mesmo clube, o Corpo de Baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro ensaiava todos os sábados, permitindo nossa participação em suas aulas de balé. Como trabalhei na academia do Prof. Álvaro Barreto[17], onde a Marly Tavares[18] ministrava aulas de Jazz, muitas vezes acompanhada pelo Lennie Dale[19] (*in memoriam*), tive a oportunidade de ser aluna desses renomados professores. Outras modalidades de dança também eram acrescentadas ao meu repertório.

Em resumo, minha formação percorre o seguinte caminho: Licenciatura Plena em Educação Física pela UFRJ (1982); especialização em Didática do Ensino Superior na Unigranrio (1984); mestrado em Ciências do Esporte pela Johann Wolfgang Goethe Universität – Frankfurt, Alemanha (1993); e doutorado em Artes Cênicas pelo DINTER UNIRIO/UFU (2017). Em 1990, obtive o certificado de Intérprete do idioma Alemão pelo Goethe-Institut e Universidade de Freiburg, Alemanha.

Vale pontuar que, durante minha graduação em Educação Física, tive aulas de dança com o grupo de pesquisa da Profa. Helenita Sá Earp[20](*in memoriam*) e, durante o mestrado na Alemanha, fui filiada à Sociedade de Pesquisa em Dança – GTF (*Gesellschaft für Tanzforschung*), que contemplava três eixos de saberes na dança: Dança Pedagógica, Dança Terapia e Dança de Espetáculo.

Até este momento, é possível perceber, por meio da minha escrita, que trago comigo, desde a infância, uma paixão pelo movimento. Como sonhava em ser trapezista, equilibrista, talvez tenha sido por isso que caminhei por várias modalidades esportivas, entre elas a Ginástica Artística e a Ginástica Rítmica, além da Dança.

17 Álvaro Barreto foi professor na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro e proprietário de uma academia localizada no Posto 6, na cidade do Rio de Janeiro.

18 Marly Tavares foi uma das pioneiras da Dança Jazz no Brasil, na década de 1950, no Rio de Janeiro. Ela se envolveu ativamente no processo de capacitação e ensino desse estilo de dança, contribuindo para o seu desenvolvimento no país.

19 O surgimento da Dança Jazz no Brasil também pode ser atribuído à disseminação da técnica de Lennie Dale. Norte-americano, Dale veio ao Brasil pela primeira vez no final dos anos 1950.

20 Em 1939, Helenita Sá Earp introduziu a dança nas universidades brasileiras. Criou um grupo de pesquisa na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e estabeleceu uma estrutura teórica para o ensino e a criação em dança, formando profissionais que disseminaram esses princípios em cursos superiores por todo o Brasil.

2.4.2 Extensão

a) **Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas**

Assim que retornei ao Brasil, mais especificamente a Uberlândia, retomei minhas atividades no curso de Educação Física da UFU. Foi então que iniciei o trabalho com pessoas com deficiência (física, auditiva, visual e mentais leves), criando o Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas da UFU, composto por 36 integrantes. Nesse mesmo período, como sócia fundadora, atuei na diretoria da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA), exercendo a função de secretária-geral no biênio 1996/1997.

O início desse trabalho com o Grupo surgiu a partir de um pedido de duas pessoas deficientes que já participavam do Programa de Atendimento às Pessoas Deficientes da Faculdade de Educação Física da UFU, programa este pioneiro no Brasil. Eles me abordaram em um dos corredores do Campus Educação Física, posicionando-se literalmente à minha frente e solicitando a criação de um grupo de ginástica e dança. Não tive como dizer não, mesmo sem nenhuma experiência na área até então. Logo nos organizamos logisticamente, e eu já começava a pensar nas atividades que desenvolveria com eles. Pesquisei, consultei profissionais, troquei ideias e, mesmo assim, viajei longe. Planejei a primeira aula como se eu estivesse lidando com atletas de alto rendimento. Foi um desastre! Pensei que ninguém retornaria. Mas, para minha surpresa, todos estavam lá na aula seguinte.

Assim, fomos construindo juntos uma metodologia de GR em cadeiras de rodas. Fomos adaptando os aparelhos da GR de acordo com cada participante, considerando o tipo da deficiência e o grau de comprometimento articular e muscular de cada um. Conseguimos desenvolver movimentos com os aparelhos: corda, bola, arco e fita. Apenas com as maças não foi possível, pois elas exigem o uso simultâneo das duas mãos para a execução dos elementos técnicos do aparelho, inviabilizando o manejo da cadeira. Com a corda, foi possível, mesmo que, em alguns momentos, fosse necessário o uso das duas mãos, porém, isso ocorria de forma passageira, já que existem outros elementos técnicos que podem ser realizados com apenas uma das mãos. O momento mais incrível foi quando um dos participantes conseguiu pular a corda com sua cadeira

de rodas. Naquele momento, estava surgindo um trabalho inédito no Brasil. Dessa experiência, brotou um capítulo de livro.

Meu foco, nesse trabalho, sempre foi desenvolver o potencial que eles possuíam. Com eles, pude aprender que, por mais limitações que uma pessoa tenha, sempre há um potencial a ser descoberto e desenvolvido. Assim como eu os desafiava, eles também me desafiavam – principalmente no manejo da cadeira de rodas. Após vários tombos, fui conquistando habilidades com a cadeira.

Viajamos pelo Brasil para apresentações e participações em eventos científicos. Cada viagem era um aprendizado para mim e para o grupo. E o mais impressionante foi perceber o quão rápido qualquer ser humano pode, de uma hora para outra, estar em uma cadeira de rodas, assim como, de uma hora para outra, enfrentar um surto psicótico...

Imagem 76 – Arte feita por uma monitora para o Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas, na Universidade Federal de Uberlândia

Na sequência, alguns registros fotográficos do trabalho com o Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas da UFU:

Imagem 77 – Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas. Projeto de Extensão da FAEFI/UFU, desenvolvido sob a coordenação da Profa. Sigrid Bitter, entre 1993 e 1997. Foi um trabalho inédito – Conjunto

Imagem 78 – Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas. Projeto de Extensão da FAEFI/UFU, desenvolvido sob a coordenação da Profa. Sigrid Bitter entre 1993 e 1997. Foi um trabalho inédito – Aparelho corda

Imagem 79 – Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas. Projeto de Extensão da FAEFI/UFU, desenvolvido sob a coordenação da Profa. Sigrid Bitter entre 1993 e 1997. Foi um trabalho inédito – Aparelho bola

Imagem 80 – Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas. Projeto de Extensão da FAEFI/UFU, desenvolvido sob a coordenação da Profa. Sigrid Bitter entre 1993 e 1997. Foi um trabalho inédito – Aparelho arco

Imagem 81 – Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas. Projeto de Extensão da FAEFI/UFU, desenvolvido sob a coordenação da Profa. Sigrid Bitter entre 1993 e 1997. Foi um trabalho inédito – Aparelho fita

Imagem 82 – Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas. Projeto de Extensão da FAEFI/UFU, desenvolvido sob a coordenação da Profa. Sigrid Bitter entre 1993 e 1997. Foi um trabalho inédito – Dupla de cadeirantes

Imagem 83 – Grupo de Ginástica e Dança em Cadeiras de Rodas. Projeto de Extensão da FAEFI/UFU, desenvolvido sob a coordenação da Profa. Sigrid Bitter entre 1993 e 1997. Foi um trabalho inédito – Dupla cadeirante/andante

Com esse Grupo de GR e Dança em Cadeiras de Rodas, participamos de Eventos Científicos e apresentações esportivas e culturais, como:

- Festa de encerramento do "Programa de Atendimento à Pessoa Portadora de Deficiência", novembro de 1993, na Escola de Educação Física da UFU;
- Festa de encerramento do "Programa de Atendimento à Pessoa Portadora de Deficiência", em junho de 1994, na Escola de Educação Física da UFU;
- Semana do Deficiente, promovida pela Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Uberlândia, em setembro de 1994;
- Festa de encerramento do "Programa de Atendimento à Pessoa Portadora de Deficiência", em novembro de 1994, na Escola de Educação Física da UFU;
- VI Festival Aberto de Ginástica da Universidade Federal de Uberlândia (FAGI/UFU), por mim coordenado e promovido pelo Departamento de Educação Física e Esportes da UFU e pela Secretaria Municipal de Esportes da Prefeitura de Uberlândia, no período de 3 a 6 de dezembro de 1994;
- V Simpósio Paulista de Educação Física Adaptada, promovido pelo Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP) e pelo Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (CEPEUSP), realizado em São Paulo, no período de 8 a 11 de dezembro de 1994;
- Confraternização natalina da Associação dos Paraplégicos de Uberlândia (APARU), realizado em Uberlândia, no dia 16 de dezembro de 1994;
- Festa de encerramento do "Programa de Atendimento à Pessoa Portadora de Deficiência", em junho de 1995, na Escola de Educação Física da UFU;
- Encontro Gímnico das Escolas Estaduais de Uberlândia, por mim coordenado, no dia 24 de junho de 1995, na Escola de Educação Física da UFU;
- I Congresso da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada, IV Seminário de Atividade Física Adaptada e III Simpósio de Atividade Física e Adaptação, promovido pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), realizado em Campinas/SP, no período de 30 de outubro a 1º de novembro de 1995;
- X Festival de Dança do Triângulo, a convite da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia, realizado em Uberlândia/MG, no período de 9 a 14 de julho de 1996;
- II Festival Mineiro de Ginástica e participação no Dia da Ginástica Mineira, promovido pela Federação Mineira de Ginástica, realizado em Belo Horizonte/MG no dia 30 de novembro de 1996;

- VI Simpósio Paulista de Educação Física Adaptada, promovido pelo Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (CEPEUSP) e pelo Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano da Escola de Educação Física da USP, no período de 12 a 15 de dezembro de 1996;
- II Congresso da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA), promovido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Física e Deficiência (NEPED) do Departamento de Educação Física e Esportes (DEEFE) da Universidade Federal de Uberlândia, realizado em Uberlândia, de 28 de outubro a 1º de novembro de 1997;
- III Festival Mineiro de Ginástica e Dia da Ginástica Mineira, realizado em Belo Horizonte, no dia 21 de novembro de 1997;
- Coreógrafa do lançamento do CD Sem Barreiras de Jesus Garcia – 2000
- Apresentação em todos os Painéis de Dança da FAEFI/UFU entre 1993 e 1999.

Trabalhando com o grupo de pessoas com deficiência intelectual atuei como:

- Coordenadora da Ginástica Rítmica Desportiva para pessoas com deficiência intelectual do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa em Atividade Física e Saúde (NIAFS) da Universidade Federal de Uberlândia, de 2001 a 2003;
- Coordenadora nacional da modalidade de Ginástica Rítmica Desportiva das Olimpíadas Especiais do Brasil, no período de 2001/2002;
- Participação na reunião de coordenadores nacionais de modalidades das Olimpíadas Especiais do Brasil, realizado em Valinhos/SP, no período de 06 a 08 de julho de 2001;
- Coordenadora de arbitragem da Ginástica Rítmica Desportiva da 3ª Olimpíada Regional do Triângulo Mineiro das APAEs (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), realizada em Araguari/MG, em 6 de outubro de 2001.

b) Dança de Salão Esportiva em Cadeiras de Rodas

Atuei, ainda, na Dança de Salão Esportiva em Cadeiras de Rodas. A convite da Profa. Dra. Eliana Lucia Ferreira, pela qual tenho imensa gratidão, pude me inserir nesse novo universo. Nessa modalidade, participei dos seguintes cursos e eventos:

- Curso de capacitação de recursos humanos para formação de árbitros em dança esportiva em cadeira de rodas, ministrado por três professores internacionais vinculados ao Comitê Paraolímpico Internacional. O curso, promovido pela Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas (CBDCR), em parceria com o Ministério do Esporte, a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e a Prefeitura de Juiz de Fora, foi realizado na UFJF, no período de 20 a 27 de novembro de 2005, com carga horária de 120 horas;
- Participante do Simpósio Científico de dança esportiva em cadeira de rodas, 2005;
- Árbitra no Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, 2005.

c) III Parapan-americanos

Participei, a convite do Comitê Organizador do Rio de Janeiro/RJ, do III Parapan -Americanos em 2007. Abaixo, algumas imagens dessa participação:

Imagem 84 – Participação no III Parapan-Américas (2007)
Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 85 - Participação no III Parapan-Américas (2007)

d) Projeto com pacientes psiquiátricos

Nessa mesma época, iniciei um projeto com pacientes psiquiátricos, na Clínica Vila Holanda, em Uberlândia/MG. Foi uma experiência incrível, em que pude perceber que algumas atividades motoras eram extremamente benéficas para certas patologias, enquanto para outras não eram nada recomendadas. Pude participar de reuniões com a equipe médica, composta por psiquiatras, enfermeiros e psicólogos. Esses encontros eram momentos de grande aprendizado, reflexões e planejamento das atividades, em que cada patologia era considerada, especialmente, no que dizia respeito ao desenvolvimento de estratégias motoras para amenizar os efeitos colaterais dos medicamentos.

Nesse período, tive uma grande motivação, orientação e força vindas do Prof. Ernst Jonny Kiphard[21](*in memoriam*). Ele também foi o responsável por momentos significativos de reflexão sobre minha atuação profissional. Sua orientação foi imprescindível tanto no campo da psiquiatria, quanto no campo do Yoga.

21 O Prof. Kiphard foi considerado internacionalmente o papa da psicomotricidade, além de ter tido uma larga experiência em Yoga, principalmente em hospitais psiquiátricos. Uma particularidade sua era que viajava pelo mundo proferindo palestras com a sua maleta de mágico e palhaço, sua arte circense, ofício este que aprendeu em sua tenra idade. Ele veio várias vezes ao Brasil, quando pude ter um contato mais próximo.

ℭ) Yoga

No ano de 2000, enveredei pelo caminho do Yoga, realizando duas formações: uma em Hatha Yoga[22] e a outra em Raja Yoga[23]. Foi um período muito auspicioso. Com a meditação diária, pude comprovar os verdadeiros benefícios dessa prática. Dando continuidade à minha busca espiritualista, cheguei a participar do grupo da Sahaja Yoga[24] por vários anos, vivenciando encontros locais e nacionais de trocas enriquecedoras. Além dessas práticas, estudei e vivenciei o Mindfulness[25].

A meditação é um recurso essencial em diversas áreas do conhecimento, como o Yoga, a Física Quântica, a Antroposofia, dentre outras. Ao acalmar a mente e relaxar os músculos[26], conseguimos atingir um estado de consciência alterado, permitindo o aflorar de todo o potencial do nosso Ser. Isso se dá porque a meditação provoca uma redução na frequência cerebral, o que oportuniza o fluir de sensações únicas, maior clareza nos pensamentos e, consequentemente, ampliação das possibilidades criativas.

Quando meus alunos souberam dessa formação, pediram que eu trouxesse algo sobre o Yoga para nossas aulas. E assim eu fiz. Acabei desenvolvendo uma metodologia de criação coreográfica baseada no que emerge dos estados meditativos, culminando na minha tese de doutorado. Trago aqui, o resumo dessa pesquisa de doutoramento:

> Ao perceber como são trabalhados os processos coreográficos na Educação Física, venho propor uma metodologia que valorize a história e as vivências de cada aluno, além de desenvolver o seu potencial criativo de movimento. Pensando numa educação que valorize a experiência, dando sentindo aos conteúdos, busco apoio em Edgar Morin, Paulo Freire e Jorge Larrosa Bondía. Ao propor um estado de consciência alterado, em plena atenção, possibilitando o aflorar de sensações que podem resultar em *insigths*, apoio-me nos ensinamentos da *Mindfulness*, do Raja Yoga e da Antroposofia. A descoberta do potencial de movimento de cada indivíduo e o desenvolvimento de sua criatividade é possível através da vivência de conteúdos fundamentados na Análise de Movimento, de Rudolf Laban. Diante disso, trago, nesta tese, a possibilidade de um processo coreográfico partindo de estados meditativos. Essa metodologia foi desenvolvida com oito turmas de alunos do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), durante o período de 2009 a 2013. O método proposto para este trabalho foi a pesquisa participante do tipo sociopoética, conforme explicada por Lia Carneiro Silveira (Bitter, 2017).

22 Hatha Yoga é a atividade do Yoga que foca nos exercícios de *ásanas* (posturas psicofísicas), *pranayamas* (técnicas respiratórias) e relaxamentos.

23 Raja Yoga é o campo do Yoga que trabalha com técnicas meditativas.

24 Sahaja Yoga foi idealizada pela médica indiana Shri Mataji Nirmala. A Sahaja Yoga atua no sistema sutil dentro do sistema nervoso central, que registra a totalidade da experiência humana. Trata-se da integração das atividades físicas, emocionais, mentais e espirituais. O principal foco da Sahaja Yoga são as vibrações, vale dizer, a energia espiritual primordial que controla o movimento de cada célula viva.

25 *Mindfulness* se fundamenta nos estudos da terapia cognitiva, na redução do estresse e em preceitos budistas. Essa técnica consiste em estar plenamente consciente do momento presente, sem julgamentos, ou seja, consiste na atenção plena.

26 Ressalto que, apesar da menção separada à corpo e mente, minha visão não é dicotômica e sim Holística. Corpo e mente estão entrelaçadas, mesmo atuando em níveis diferentes.

Ainda na extensão, atuei com projetos duradouros e relevantes não apenas para mim, mas para a extensão na UFU e em outras Instituições:

- Participação no treinamento de 100 crianças para a apresentação no Clube Regatas Vasco da Gama, abrindo as festividades de Natal, apresentadas pelo cantor Roberto Carlos, promovida pela Rede Globo de Televisão/Fundação Roberto Marinho, em 1979, no Rio de Janeiro/RJ.
- Idealizadora do Festival Aberto de Ginástica (FAGI), na Universidade Federal de Uberlândia, que ocorreu nos anos 1987, 1988, 1989, 1993 e 1994;
- Técnica do Grupo de Ginástica e Dança da UFU, que participou no VII e no VIII Festival Nacional de Ginástica (FEGIN), realizados em Ouro Preto/MG, em 1987 e 1988;
- Coordenadora da escolinha de Ginástica Rítmica Desportiva do Núcleo de Apoio ao Desenvolvimento de Programas na área de Esportes, Recreação e Aptidão Física do (NADEP) na Universidade Federal de Uberlândia, no período de 1996 a 2000;
- Orientadora da prática da Ginástica Rítmica Desportiva nas Escolas da Comunidade, no período de 1987 a 1995;
- Idealizadora do Grupo Masculino de Ginástica Rítmica, em 1993;
- Idealizadora do Grupo de Ginástica Rítmica em Cadeiras de Rodas, desenvolvido no período de 1993 a 2000;
- Idealizadora do Painel de Dança da Educa da Universidade Federal de Uberlândia, desenvolvido no período de 1996 a 2013;
- Idealizadora do Projeto “O corpo em Movimento” na Clínica de Internação Psiquiátrica Vila Holanda, em Uberlândia/MG, desenvolvido nos anos de 1997 e 1998;
- Membro do Conselho de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Uberlândia desde 2000;
- Coreógrafa do lançamento do CD Sem Barreiras, de Jesus Garcia, em 2000;
- Coordenadora do Grupo de Ginástica Rítmica e Deficiência Mental da Universidade Federal de Uberlândia, no período de 2000 a 2003;
- Idealizadora do Projeto “Saúde, Integração e Movimento” (SIM), de Ginástica Laboral para os técnicos administrativos e docentes da Universidade Federal de Uberlândia, sob a tutela da Pró-reitoria de Recursos Humanos, da Diretoria de Administração de Programas Sociais, da Diretoria de Provimento, Acompanhamento e Administração de carreiras, da Diretoria de Desenvolvimento de Pessoal e da Faculdade de Educação Física, desenvolvido no período de 2000 a 2009;

- Idealizadora dos projetos de Hatha e Raja-Yoga para a comunidade, desenvolvido no período de 2000 a 2008;
- Coordenadora de Arbitragem da Ginástica Rítmica Desportiva da 3ª Olimpíada Regional do Triângulo Mineiro das APAEs (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), realizada em Araguari/MG, em 2001;
- Coreógrafa da festa de final de ano da ACS – Call Center, Uberlândia, em 2001;
- Coordenadora regional e nacional da modalidade de Ginástica Rítmica nas Olimpíadas Especiais, nos anos 2001 e 2002;
- Idealizadora do Painel de Dança do Centro Universitário do Planalto de Araxá (Uniaraxá), desenvolvido de 2003 a 2006.
- Coordenadora da Ginástica Laboral para professores corretores de provas do vestibular, a convite da Diretoria de Processos Seletivos (DIRPS) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no período de 2009 a 2012.

Um dos primeiros projetos de extensão que desenvolvi na UFU, assim que iniciei efetivamente minha trajetória como docente, em 1987, foi o FAGI (Festival Aberto de Ginástica), que teve diversas edições, inclusive em âmbito nacional. Além de grupos da UFU e da região, participaram equipes como a da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), o Grupo de Ginástica de Niterói-RJ, a da Universidade Estadual de Londrina (UEL), a do CEFET/Belo Horizonte/MG e o Grupo de Ginástica e Dança de Goiânia/GO, entre outros.

Esse projeto teve uma breve pausa entre 1990 e 1993, período em que cursei o mestrado na Alemanha. No entanto, assim que regressei, retomei o FAGI e os Painéis de Dança, que falarei deles mais adiante. Nesse período, também foi formado um grupo de dança – o EDUCADANÇA – a partir do interesse dos próprios estudantes de Educação Física que já praticavam ou tinham vontade de praticar dança. Esses alunos reservaram uma sala de aula e, semanalmente, treinavam e compunham coreografias juntos. A estreia do grupo aconteceu em um dos Painéis de Dança.

Entre 1996 e 2013, coordenei diversos Painéis de Dança, da Educação Física da UFU e do Uniaraxá. Apresento, a seguir, um recorte de alguns FAGI e dos últimos Painéis de Dança, por meio de seus respectivos cartazes. Não foi possível localizar todos, pois, naquela época, não havia sistematização de registros de projetos de extensão na universidade.

Os Painéis de Dança eram planejados, executados e avaliados pelos alunos de três disciplinas ministradas por mim. O evento era aberto para a comunidade acadêmica e para grupos da cidade e região. Posso dizer, sem receio, que ele se tornou um marco semestral no curso de Educação Física da UFU e do Uniaraxá, atraindo um público que lotava os ginásios. O Painel abarcava não só a Dança, mas também apresentações de final de semestre da Ginástica Rítmica e de outras linguagens corporais, além de trabalhos desenvolvidos por alunos dos cursos de Dança, Artes Cênicas e Música da UFU.

Como mencionado anteriormente, em cada edição do Painel de Dança da UFU, três turmas do curso de Educação Física estavam efetivamente envolvidas, além de alunos de outros cursos que participavam voluntariamente.

Para os alunos da disciplina "Estudos da Linguagem Corporal", oferecida no 4º período, o Painel de Dança representava, ao mesmo tempo, o primeiro contato com o evento e o ápice da vivência experimentada ao longo do semestre, com a apresentação das coreografias por eles criadas. Para muitos, era um momento de revelação de suas potências criativas.

Para outra turma, da disciplina Prática Pedagógica do Estudo da Linguagem Corporal (PIPE07), oferecida no 5º período, o objetivo principal era proporcionar o conhecimento necessário sobre o funcionamento de um evento de Dança que, nesse caso, consistia em planejar, organizar, desenvolver e avaliar um Painel de Dança.

A disciplina também possibilitava trocas de experiências com outras áreas, como logística, finanças, marketing e demais setores correlatos. Para isso, a turma era organizada em comissões (Comissão Geral, Secretaria, Financeiro, Divulgação, Painel Prático[27], Painel Teórico[28] e Cerimonial), cada uma responsável por tarefas específicas para que a engrenagem funcionasse com o máximo de optimização possível. Já o *design* gráfico dos *flyers* e cartazes, e o *slogan* eram de responsabilidade coletiva da turma. Outro objetivo era oportunizar a interação e o compartilhamento de informações com a comunidade acadêmica e com a sociedade local e regional.

A terceira turma envolvida era a dos alunos da disciplina Prática Pedagógica da Ginástica Rítmica (PIPE09), oferecida no 6º período. Ao final do semestre, esses alunos tinham como tarefa apresentar uma coreografia da modalidade no Painel de Dança. Vale destacar que eles já haviam cursado a disciplina Ginástica Rítmica, em que

27 Painel prático refere-se às coreografias apresentadas.

28 Painel teórico refere-se à exposição das pesquisas desenvolvidas pelos alunos da disciplina "Estudos da Linguagem Corporal".

Imagem 86 – 1º FAGI, realizado em 27 de novembro de 1987

puderam se familiarizar mais com o conteúdo, oportunizando um maior amadurecimento tanto de conhecimento teórico quanto de vivência prática. Suas criações incluíam coreografias individuais e em conjunto, com uso tanto de aparelhos oficiais (corda, bola, arco, maças e fita) quanto alternativos, que deviam ser vistosos e funcionais, pois, geralmente, são utilizados em abertura de grandes eventos esportivos, em espaços muito amplos.

Na sequência, apresento a produção artística de algumas turmas envolvidas nos FAGI e nos Painéis de Dança, demonstrando a capacidade criativa, a singularidade e a potência de cada grupo.

Imagem 87 – 2º FAGI, realizado em 30 de junho de 1988

Imagem 88 – 3º FAGI, realizado em 25 de novembro de 1988

Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 89 – Encontro Gímnico, realizado em 25 de agosto de 1989

Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 90 – 6º FAGI, realizado em 3 de dezembro de 1994

Novembro de 1994 UFU

Festival terá ginástica rítmica no UTC

Promoção do Depto. de Educação Física inclui ginástica em cadeira de rodas

Conjuntos acrobáticos, combinações de equilíbrio e força, sequência de saltos e muitas novidades como a Ginástica Rítmica Desportiva (GRD), em cadeiras de rodas apresentada por portadores de deficiência física, farão parte do VI Festival Aberto de Ginástica, de 03 a 06 de dezembro, no Uberlândia Tênis Clube (UTC), promoção do Departamento de Educação Física e Esportes da UFU.

O Festival, coordenado pela professora Sigrid Bitte, busca a confraternização dos profissionais e praticantes de ginástica, além de mostrar sua importância no desenvolvimento global do ser humano. "A ginástica pode e deve ser praticada por ambos os sexos e em qualquer idade", enfatiza Sigrid, que voltou da Alemanha recentemente, onde obteve seu mestrado.

Além da Ginástica em Cadeira de Rodas, outra novidade será a inclusão na programação deste ano, da GRD para portadores de deficiência auditiva, visual e mental. As duas modalidades fazem parte do Programa de Atendimento à Pessoa Portadora de Deficiência, do Departamento de Educação Física. Um dos aspectos mais importantes do Festival, revela a Coordenadora, é que será englobado o projeto de estágio em GRD, desenvolvido pelos alunos da Educação Física nas escolas de 1º e 2º graus de Uberlândia. O evento tem apoio da Secretaria Municipal de Esportes de Uberlândia e é aberto a toda a comunidade.

George Thomaz

Alunos ensaiam no gramado da Educação Física

O Festival pretende enfatizar a importância da ginástica

Ciência e ética

Jornada trouxe especialista em bioética

"Será que é correto colocar em prática tudo que a Ciência é capaz?" - a indagação é do profº Joaquim Cloret, P.h.D. em Filosofia pela Universidade de Barcelona e uma das maiores autoridades do mundo em Bioética, convidado especial da Organização Panamericana de Saúde para elaborar um programa de Bioética na América do Sul e Caribe. Nos dias 10,11 e 12 de novembro, Cloret esteve em Uberlândia para participar da 1 Jornada sobre Aspecos Jurídicos e Éticos da Responsabilidade Civil em Medicina, realizada na Sociedade Médica sob a coordenação dos Departamentos de Direito Processual Civil e Clínica Médica e Hospital de Clínicas da UFU.

Para entender o novo conceito, Joaquim Cloret enumerou várias situações decorrentes dos avanços tecnológicos da Medicina que agora merecem uma nova postura por parte dos profissionais de saúde. "Quem poderia imaginar há 20 anos que existiria um problema sobre qual seria a verdadeira mãe de uma criança? Hoje já distinguimos entre mãe genética e mãe biológica. Com a ajuda do apenas do Código de Ética Médica, como resolveríamos o problema hoje no Brasil de doentes terminais mantidos por aparelhos?". Segundo ele, o Código de Ética Médica ficou insuficiente para dar respostas a estas questões.

Diante da nova realidade, surgiu a Bioética, a aplicação dos princípios gerais da ética aos problemas surgidos com a introdução das novas tecnologias à prática médica.

Joaquim Cloret destacou que é preciso começar a implantar no Brasil Comitês de Ética nos hospitais e centros de saúde e Comitês de Ética nas pesquisas com seres humanos. Ele ressaltou que estes comitês são diferentes das comissões de ética existentes hoje nos hospitais que se preocuparm com a aplicação do Código de Ética Médica.

O eticista está confiante na introdução da Bioética no Brasil e ressaltou o interesse do Conselho Federal de Medicina no assunto. Segundo ele, as perspectivas são a implantação da Bioética como disciplina, o crescente interesse do concceito no país e uma legislação em nível nacional.

Joaquim Cloret esclareceu que não se trata de restringir a pesquisa científica, mas traçar e respeitar os limites além dos quais o avanço científico pode voltar-se contra a dignidade humana e , finalizou, utilizando uma frase que, para ele, resume tudo: "A Ciência sem consciência é o caos"

Responsabilidade civil

A profª de Direito da USP e membro do Instituto de Direito Luso-Brasileiro (Coimbra, Portugal), Daisy Gogliano, outra convidada da Jornada, retratou a nova responsabilidade civil do médico diante de uma quadro de miséria e fome num país em que os pacientes carentes se aglomeram pelos corredores dos hospitais públicos."Com a expansão dos convênios de saúde, o médico hoje deixa de ser um profissional liberal para se tornar um proletário".

De acordo com os coordenadores, a Jornada foi o resultado da reivindicação de vários médicos que buscavam orientações para suas condutas profissionais.

Imagem 91
Reportagem em jornal da UFU (1994)

Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

JORNAL da UFU

"Treineiro" terá novidade

Veja as alterações que valerão para o vestibular de janeiro/95.

Pág. 5

INFORMATIVO QUINZENAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - NOVEMBRO /1994 - Nº 03

COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

A Pesquisa na UFU faz simpósio em busca de parceiros no exterior

O I Simpósio de Cooperação Internacional, que reúne pesquisadores e representantes das agências financiadoras nacionais e internacionais, dá impulso à produção da pesquisa na UFU e estimula a criação do Escritório de Assuntos Internacionais, como resposta ao crescimento recente na titulação dos docentes. A valorização dos PETs, que também se reúnem esta semana, tem este mesmo sentido e é parte do rico momento vivido pela instituição.

Págs. 3 e 7

George Thomaz

A profa. Sigrid Bitte, coordenadora, ensaia no gramado da Educação Física

Elétrica fará programa para a Petrobrás

A UFU foi escolhida para desenvolver programa de computador que simula as condições da rede elétrica em profundidade de até 2 mil metros. A Petrobrás usará o programa no projeto de prospecção de petróleo em águas mais profundas. A escolha se justifica pela excelência da pesquisa desenvolvida no Depto. de Engenharia Elétrica.

Pág. 5

Cultura em novo tempo

A criação da diretoria de Extensão e Cultura e a revitalização dos cursos de Artes na UFU sinalizam tempos melhores para a Cultura. O MEC adota modelo de avaliação dos cursos de Artes elaborado na UFU.

George Thomaz

Págs. 6 e 12

Ginástica Rítmica

O Departamento de Educação Física promove de 03 à 06 de dezembro, no UTC, o VI Festival Aberto de Ginástica, que este ano inclui, além da Ginástica Rítmica, a ginástica em cadeira de rodas.

Pág. 11

Graduação define linhas para 95

Pág. 7

INTEGRAÇÃO UFU EM

Qualidade total no HC

Com palestra de especialista no assunto, o Hospital de Clínicas da UFU deu o primeiro passo para implantar seu programa de qualidade total.

Pág. 10

Professores do projeto "Educação para a Ciência"

UFU NA REDE DO

Imagem 92
Capa do jornal da UFU (1994)

Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

12

JORNAL da UFU

Memória musical

Arquivo

Acervo do CDHIS, doado pela família de Geraldo Ladeira

O Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS) da UFU, está expondo, desde o dia 12 de junho, o acervo de Geraldo Motta Baptista, conhecido por Geraldo Ladeira. O acervo, foi doado pela família em 1990 e está sendo exposto somente agora, porque passou por um trabalho manual de limpeza e catalogação em fichas. Segundo a coordenadora do Cedhis, professora Jane de Fátima Silva Rodrigues, futuramente, o acervo será processado através de um programa especial de computação, o que permitirá ao usuário um acesso mais rápido às informações como por exemplo: gênero musical, nomes do compositor e do cantor, qual a gravadora, data da gravação do disco, etc.

A Coleção Geraldo Motta Baptista é de fundamental importância, segundo set organizadores, enquanto do cumento histórico portado de significação social relativ a mensagens poética e políti cas contidas na produção cul tural brasileira datada de 1930 a 1970.

Geraldo Ladeira, como era conhecido, foi prefeito de Uberlândia e um dos sócios da Rádio Difusora Brasileira. O acervo contém 10 mil discos, em 78 rotações, contendo obras raras com gravações originais datadas de 1932.

A Coordenadora do CDHIS adianta que este acervo é um primeiro passo, para a criação, a médio prazo, do Museu da Imagem e do Som da UFU. Além dos discos, o Centro possue um importante acervo de material fotográfico que retrata momentos importantes da UFU e da cidade de Uberlândia.

Teatro criativo

Marcelo Babiuk

Alunos do curso mostram produção

Vianinha. Um nome de carinho para uma grande personalidade do teatro brasileiro: Oduvaldo Vianna Filho. A vida e obra Vianinha foi discutida, pela professora Rosângela Patriota, durante a 1ª Semana de Artes Cênicas, realizada pelo Departamento de Música e Artes Cênicas (Demac). O professor Augusto de Rezende, um dos coordenadores da Semana, explicou que o objetivo foi mostrar a produção dos alunos do Departamento em várias disciplinas. Durante a Semana foram discutidos "Édipo sem complexos" (por Irley Machado, da UFU); "O teatro na Obra de Chaplin" (por Robson Camargo da UFU); "a contribuição da dança popular à dança erudita" (por Antônio Lopes, da Universidade Federal de Alagoas UFAL); "A higiene vocal" (por Flávio Carvalho, da UFU) e a produção teatral amador (Sérgio Labruna, da UFU).

Um painel da dança

Marcelo Babiuk

Grupo de dança afro da UFU se apresentou no Painel

A UFU montou na última semana o VII Painel de Dança que tem participação dos alunos do curso de Educação Física da UFU e grupos convidados de Uberlândia e região. O Painel é realizado no campus da Educação Física já há três anos com alunos das disciplinas de Rítmica, Dança e Dança Afro, ministradas pelo professor Edilson Fernandes, e atualmente, pela professora Sigrid Bitter. O evento, que teve um público médio de 700 pessoas, se destacou pelo caráter didático-pedagógico. Este ano o Painel de Dança teve participação do grupo de dança de Rua "Família Brilho Negro", o grupo de dança Afro da UFU, o grupo Afrid da UFU (3ª Idade) e o grupo Ginástica Rítmica Desportiva (GRD) Infantil da Educação Física.

Imagem 93
VII Painel de Dança da UFU

Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

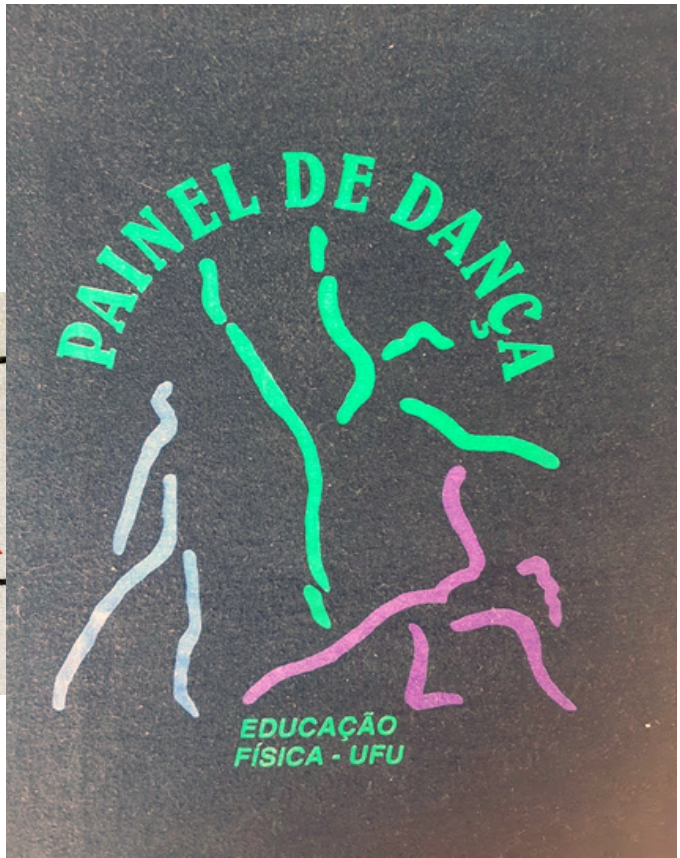
Imagem 94 - 3º Painel de dança do Uniaraxá, realizado no período de 14 a 17 de agosto de 2003

Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Imagem 95 - 5º Painel de dança do Uniaraxá, realizado em 24 de novembro de 2005

Imagem 96 - X Painel de Dança do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia

Fonte: Arquivo pessoal (2025).



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Imagem 97 -XXVIII Painel de Dança do curso de Educação Física da UFU, realizado em 4 de julho de 2009

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 98 -XXIX Painel de Dança do curso de Educação Física da UFU, realizado em 11 de dezembro de 2009

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 99 XXX Painel de Dança do curso de Educação Física da UFU, realizado em junho de 2010

Imagem 100 XXXI Painel de Dança do curso de Educação Física da UFU, realizado em 3 de dezembro de 2010

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 101 - XXXII Painel de Dança do curso de Educação Física da UFU, realizado em 17 de junho de 2011

Imagem 102 - XXXIII Painel de Dança do curso de Educação Física da UFU, realizado em 2 de dezembro de 2011

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 103 - XXXIV Painel de Dança do curso de Educação Física da UFU, realizado em 27 de outubro de 2012

Imagem 104 - XXXV Painel de Dança do curso de Educação Física da UFU, realizado em 5 de abril de 2013

Minha opção em reunir a Dança e a Ginástica Rítmica em um mesmo evento se deve ao fato de ambas as modalidades serem linguagens corporais que se complementam, agregando riqueza ao Painel. Riqueza não só estética, mas também vivencial, proporcionando aos alunos a oportunidade de trocar informações, conhecimentos, fracassos e sucessos. Uma grande oportunidade de colocar à prova a resiliência de cada um envolvido no processo.

Com o tempo, e principalmente após entrar no universo do Yoga, vivenciei momentos de grande transformação pessoal. Minha proximidade com os alunos tornou-se cada vez mais estreita e, ao adentrar seus universos, pude constatar suas ansiedades, angústias, medos, incertezas e crises. Isso intensificou ainda mais minha busca por algo que pudesse fazer sentido para eles. Partindo das experiências pessoais que tive no campo do movimento, recolhendo conteúdos holísticos e trazendo-os para a realidade dos meus alunos, resolvi propor, para oito turmas do curso de Educação Física da UFU, uma nova forma de olhar para a Dança. Um olhar que respeitasse e acreditasse no potencial individual e coletivo de criação, partindo das memórias e sensações de cada participante, desencadeadas pela meditação e complementada por um trabalho de consciência corporal, fundamentado na Dança Criativa de Rudolf Laban que se dava por meio da descoberta de um movimento próprio. Essa vivência começava com momentos meditativos e, o que emergia dessas meditações era transformado em movimentos –primeiro individualmente, para, em seguida, ser elaborado em grupos que se uniam por temas em comum ou sensações comuns surgidas ao longo do processo.

Este percurso me levou a buscar o doutorado, como já mencionado. Dois trabalhos desenvolvidos em duas disciplinas do doutorado foram especialmente marcantes para mim: uma desmontagem, intitulada “O veio artístico que me levou a chegar ao doutorado em artes cênicas”, e uma instalação de um livro-objeto atrelada a uma performance chamada “Um outro corpo” – um corpo, que agora, não é mais o corpo atlético, mas um corpo mais velho, maduro, com maior consciência do que seja um corpo sensível, subjetivo e criativo autêntico....

2.4.3 Ensino

Iniciei minha experiência no **ENSINO SUPERIOR** na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG), Campus Ipatinga, em 1986. No ano seguinte, fui aprovada no concurso da UFU, para o curso de Educação Física. Mais tarde, lecionei no Centro Universitário do Planalto de Araxá (UNIARAXÁ), de 2003 a 2008, no Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), de 2004 a 2007, e na Universidade de Uberaba (UNIUBE) em 2007.

Ao longo de minha trajetória no ensino superior, na **GRADUAÇÃO**, ministrei várias disciplinas, algumas das quais leciono até hoje:

- Educação Física Infantil;
- Fundamentos Metodológicos da Rítmica (teoria e prática);
- Dança;
- Danças Contemporâneas e Folclóricas Regionais;
- Ginástica Artística;
- Ginástica Rítmica Desportiva I e II;
- Esportes e Temas Complementares;
- Treinamento em Ginástica Rítmica Desportiva;
- Complementação de Estudos em Ginástica Rítmica Desportiva 2;
- Ensino Vivenciado;
- Estágio prático dos alunos da disciplina Ginástica Rítmica Desportiva 2 nas escolas da comunidade (1987,1988,1989,1993 e 1994),
- Prática de Ensino;
- Alemão Básico I, II e III;
- Recreação;
- Prática Desportiva (disciplina obrigatória oferecida a alunos de outros cursos da UFU);
- Estudos da Linguagem Corporal;
- PIPE 07 (Prática Pedagógica dos Estudos da Linguagem Corporal);
- PIPE 09 (Prática Pedagógica da Ginástica Rítmica);
- PIPE 10 (Prática Pedagógica da Ginástica Artística);
- Estágio Supervisionado III;
- Tópicos em Saúde: Experiências Subjetivas;
- Tópicos em Saúde: Yoga;
- Tópicos em Esportes: Ginásticas;
- Educação Física e Diversidade Humana;
- Trabalho de Conclusão de Curso I;
- Trabalho de Conclusão de Curso II.

Na **PÓS-GRADUAÇÃO** *latu-sensu*, minhas contribuições foram as seguintes:

- “Ginástica e Dança em cadeiras de rodas”, no Curso de Especialização em Atividade Motora Adaptada, promovido pela Universidade de Montes Claros (Unimontes), em Montes Claros/MG (2000);
- “Atividade física para portadores de deficiência física” no Curso de Especialização em Atividades Físicas para Grupos Especiais e de Terceira Idade, promovido pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), em Piracicaba/SP (2003);
- “Linguagem corporal: a prática pedagógica no ensino formal”, no Curso de Especialização em Arte-Educação: Linguagens Artísticas e Práticas Pedagógicas, promovido pelo Centro Universitário de Patos de Minas (Unipam), em Patos de Minas/MG (2007);
- Curso de Formação de Professores de Yoga da Suddha Dharma Mandalam/Ashram Ananda, em Uberlândia (2022).
- “Laboratório som, grafia e movimento”, na disciplina Tópicos Especiais em Estudos do Corpo, promovida pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas do (PPGAC) do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, em Uberlândia/MG (2023).

2.4.4 Pesquisa

Na **PESQUISA**, minha experiência decorre da participação em grupos de pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia e de outras instituições de ensino, em bancas de defesa de trabalhos de conclusão de curso, mestrado e doutorado, em bancas de concurso (como integrante e presidente), membro de sociedades científicas e publicações em eventos e revistas científicos[29].

Na atuação em **GRUPOS DE PESQUISA**, destaco:

- Núcleo de Estudos e Pesquisas na Área da Educação Física e Deficiência (NEPED) da Universidade Federal de Uberlândia, desenvolvendo estudos da Ginástica Rítmica Desportiva em Cadeiras de Rodas (1993 a 2000);
- Núcleo de Apoio ao Desenvolvimento de Programas nas Áreas do Esporte, Recreação e Atividade Física (NADEP) da Universidade Federal de Uberlândia (1996/2000);
- Núcleo Interdisciplinar de Fisiologia do Exercício e Psicobiologia da Universidade Federal de Uberlândia (NIFEP) da Universidade Federal de Uberlândia (1998 a 2002), coordenado pelo Prof. Dr. Marco Túlio de Mello[30];
- Núcleo de Estudos em Sociologia das Práticas Corporais (NESPAC) da Universidade Federal de Uberlândia (1999 e 2000);
- Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa em Atividade Física e Saúde da Universidade Federal de Uberlândia (NIAFS) (1993 a 2011);
- Grupo de Pesquisa em Ginásticas (GPG) da Faculdade de Educação Física da Universidade Metodista de Piracicaba (FACED/UNIMEP) (2001 e 2002), registrado no CNPq e coordenado pela Profa. Dra. Roberta Gaio;
- Grupo de Pesquisa em Arte, Corpo e Experiências Criativas em contextos de aprendizagem (SPIRAX da Universidade Federal de Uberlândia, registrado no CNPq e coordenado pelo Prof. Dr. Alexandre José Molina (2014 até o momento atual);
- SOMA/Ações Interdisciplinares da Universidade Federal de Uberlândia, registrado no CNPq e coordenado pela Profa. Luciana Arslan (de 2018 até o momento atual).

29 Outras publicações, participações em eventos científicos e em bancas de trabalhos de conclusão de cursos de graduação (orientação e/ou banca), de especialização (orientação e/ou banca) e de mestrado e doutorado (banca) estão cadastradas no currículo lattes. Esses registros refletem meu compromisso contínuo com o desenvolvimento acadêmico e científico, demonstrando minha contribuição em diversos contextos educacionais e de pesquisa.

30 Participei do NIFEP/UFU a convite do Prof. Dr. Marco Túlio de Mello, que me incentivou a participar dos encontros e me inseriu na organização dos eventos criados pelo grupo. Sou muito grata por ele ter confiado, valorizado e acreditado em mim, mesmo eu não tendo experiência nessa área.

Atuei e atuo como membro de **SOCIEDADES CIENTÍFICAS**, buscando sempre o aprimoramento e a troca de conhecimentos com pesquisadores e profissionais. Minha atuação nessas entidades proporcionou oportunidades valiosas de diálogo, colaboração e atualização científica, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa e da prática nas áreas em que tenho interesse. A seguir destaco algumas dessas entidades:

- GTF – Gesellschaft für Tanzforschung (Sociedade de Pesquisa na Área da Dança) – Alemanha, de 1990 a 1993;
- SOBAMA – Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada – sócia-fundadora desde 1994, e membro da diretoria na gestão 1996/1997;
- AFIFEP – Associação Fundo de Incentivo à Fisiologia do Exercício e Psicobiologia – sócia-fundadora desde 1998;
- ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas, desde 2013;
- ANDA – Associação Nacional de Pesquisadores em Dança, desde 2013.

Destaco, a seguir, algumas **PUBLICAÇÕES** que marcam momentos significativos da minha trajetória acadêmica e profissional, refletindo minha contribuição para o campo da Educação Física, da Educação Física e Deficiência, da Educação Física Adaptada, da Ginástica Rítmica Desportiva, da Dança e das Artes Cênicas:

- Membro do Conselho Editorial da *Revista Atuação* da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia em 1999;
- Trabalho aprovado no 11th International Symposium for adapted Physical Activity (ISAPA), realizado de 13 a 17 de maio de 1997, em Château, Fontenac, Quebec City, Canadá. O trabalho foi publicado no livro de programação do evento, na página 17, sessão de posters *Education: Bitter, Sigrid (Brésil/Brazil)* – The rythmic sportive gymnastics (RSG) in wheelchair;
- Autora do capítulo "A Ginástica Rítmica Desportiva (GRD) para pessoas portadoras de deficiência(s)" no livro *Educação Física e Esporte para Deficientes,* organizado pela Profa. Ms. Patrícia Silvestre de Freitas, editado pela Universidade Federal de Uberlândia, e publicado pelo INDESP/NEPED/NIFEP/UFU – Ministério da Educação e do Desporto/Instituto Nacional do Desenvolvimento do Desporto, 2000;

- Autora do capítulo “Criações coreográficas a partir de experiências meditativas”, no livro *Criações e pedagogias artísticas experimentais*, organizado por Ana Carneiro e Nara Keiserman, Jundiaí (SP): Paco Editorial, 2018;
- Autora do capítulo em conjunto com Nara Keiserman, e Michelle Soares: “Revelações de uma caminhada, pelos que caminham”, no livro *Se oriente: percursos compartilhados na construção de teses em artes cênicas*, organizado por Narciso Telles e Paulo Merísio, Rio de Janeiro-RJ: 7Letras, 2018;
- Autora do capítulo: “Desmontagem autobiográfica de uma atleta dançante”, no livro *Desmontagens: processos de pesquisa e criação nas artes da cena, organizados por* Ileana Diéguez e Mara Leal, Rio de Janeiro -RJ: 7Letras, 2018.
- Autora da apresentação do livro *Sociedade, Cultura, Educação e Extensões na Amazônia*, organizado por Artemis de Araujo Soares, Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2020.

Em meu trajeto profissional, tive a oportunidade de participar de diversas **BANCAS DE CONCURSOS**, contribuindo para a avaliação e a seleção de candidatos em diferentes níveis da carreira docente e em processos seletivos para pesquisadores e profissionais da área, reforçando meu compromisso com a qualidade da educação superior e com a valorização de profissionais qualificados. A seguir destaco algumas dessas participações:

- Presidente da banca do processo seletivo para professor substituto da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, na área da Recreação, Rítmica e Dança, realizado nos dias 10 e 11 de agosto de 2000, em Uberlândia/MG;
- Integrante da banca de concurso público de provas e títulos para preenchimento de vaga para professor substituto na área da Prática de Ensino da Universidade Federal de Uberlândia, 2001;
- Integrante da banca de seleção para o curso de Educação Física no Processo de Transferência da Universidade Federal de Uberlândia, nos anos de 2001 e 2002;
- Integrante da banca de seleção para o curso de Educação Física no Processo de Transferência da Universidade Federal de Uberlândia, no período de 15 a 17 de abril de 2002;

- Integrante da banca de concurso para professor substituto na área da Prática de Ensino e Didática da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, no período de 7 a 11 de junho de 2002;
- Presidente da banca do processo seletivo de professor substituto na área de Rítmica e Dança da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, realizado nos dias 17 e 18 de março de 2003;
- Integrante da banca do processo seletivo para contratação temporária de professor substituto na área de Rítmica e Dança da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, 2004;
- Integrante da banca de seleção para o curso de Educação Física no Processo de Transferência na Universidade Federal de Uberlândia, no período de 22 a 29 de janeiro de 2004.
- Integrante da banca de seleção para professor do curso de Educação Física da Faculdade de Ciências da Saúde de Patos de Minas (UNIPAM), em 2004.
- Integrante da banca de concurso para professor substituto da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, 2005.
- Integrante da banca de concurso para professor de ensino superior – assistente, 2010.
- Integrante da banca de concurso para professor de Fundamentos dos Esportes III, Esportes de Aventura, Atividade Física Adaptada, Fundamentos da Dança, Fundamentos da Ginástica III, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), 2010.

2.4.5 Gestão

Na gestão, colaborei e, ainda colaboro com algumas atividades, entre as quais destaco:

- Subchefe do Departamento de Educação Física e Esportes (DEEFE) da Universidade Federal de Uberlândia, no ano de 1995;
- Coordenadora da Comissão de Análise do Projeto Pedagógico da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia, em 2003;
- Membro do Conselho da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (CONFAEFI) da Universidade Federal de Uberlândia desde 1987;
- Membro do Colegiado do Curso de Educação Física (COLEFI) da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia em vários momentos, inclusive atualmente;
- Presidente da Comissão da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia e Escola de Educação Básica de Políticas de Cultura da Universidade Federal de Uberlândia, colaborando na elaboração do Plano de Cultura e Extensão dessa Universidade (PROEXC/DICULT);
- Membro do Fórum de Cultura da Universidade Federal de Uberlândia desde 2019 (PROEXC/DICULT);
- Coordenadora do Curso de Profissionais Provisionados na área da Educação Física, realizado em parceria entre o Conselho Regional de Educação Física da 6ª Região (CREF6/MG) e a Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia, de setembro de 2003 a janeiro de 2008.

2.5 Recompensas simbólicas valiosas

2.5.1 Homenagens

Antes de finalizar minha escrita, gostaria de elencar algumas homenagens que recebi por considerá-las importantes, pois representam o reconhecimento do trabalho que desenvolvi durante todo meu percurso profissional:

- Menção Honrosa, em 16 de setembro de 1993, da Federação de Ginástica do Rio de Janeiro pela participação como ginasta nos Campeonatos Brasileiros de Ginástica Rítmica Desportiva no período de 1974 a 1980;
- Homenagem da Secretaria de Educação e Cultura de Florianópolis/SC, dezembro de 1977;
- Homenagem da Federação Paulista de Ginástica, dezembro de 1977;
- Homenagem da Federação Pernambucana de Ginástica pela participação no Curso Internacional de Ginástica Rítmica, julho de 1986;
- Homenagem da 1ª turma de Educação Física da PUC/Ipatinga - Campus Vale do Aço, julho de 1989;
- Homenagem da 1ª turma de Educação Física noturno UNIPAM, janeiro 2006, como **patronesse**;
- Homenagem da 2ª turma de Educação Física diurno do UNIPAM, janeiro 2007;
- Homenagem da 23ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 1989;
- Homenagem da 29ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 1992;
- Homenagem da 38ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, janeiro de 1997;
- Homenagem da 39ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 1997, como **nome da turma**;
- Homenagem da 40ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, fevereiro de 1998;
- Homenagem da 44ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, janeiro de 2000;

- Homenagem da 45ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, agosto de 2000;
- Homenagem da 46ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, janeiro de 2000, como **madrinha da turma**;
- Homenagem da 47ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, agosto de 2001, como **madrinha da turma**;
- Homenagem da 51ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 2003;
- Homenagem da 56ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, 2005;
- Homenagem da 60ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, 2008;
- Homenagem da 63ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 2009;
- Homenagem da 64ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 2010;
- Homenagem da 68ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia;
- Homenagem da 72ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, dezembro de 2014;
- Homenagem da 73ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, fevereiro de 2015, como **madrinha de turma**;
- Homenageada da **2ª** turma da Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, agosto de 2024;
- Homenagem das 2ª e 3ª turmas do Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, agosto de 2024.

Imagem 105 - Homenagem da Secretaria de Educação e Cultura de Florianópolis/SC, dezembro de 1977

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

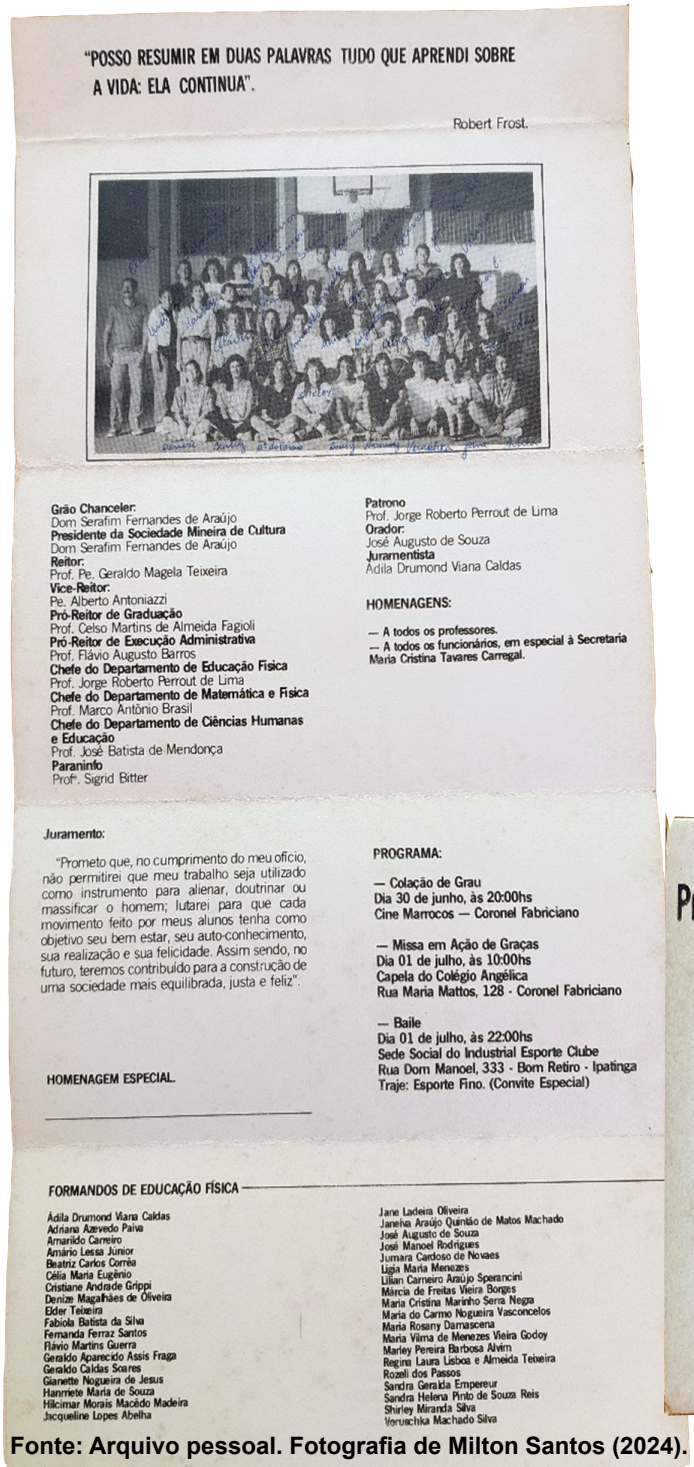
Imagem 106 - Homenagem da Federação Paulista de Ginástica, dezembro de 1977

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 107 - Homenagem da Federação Pernambucana de Ginástica pela participação no Curso Internacional de Ginástica Rítmica, julho de 1986

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 109 - Homenagem como Paraninfa da 1ª turma de Educação Física da PUC/ Ipatinga, julho de 1989 (verso)



"POSSO RESUMIR EM DUAS PALAVRAS TUDO QUE APRENDI SOBRE A VIDA: ELA CONTINUA".

Robert Frost.

Grão Chanceler:
Dom Serafim Fernandes de Araújo
Presidente da Sociedade Mineira de Cultura
Dom Serafim Fernandes de Araújo
Reitor:
Prof. Pe. Geraldo Magela Teixeira
Vice-Reitor:
Pe. Alberto Antoniazzi
Pró-Reitor de Graduação
Prof. Celso Martins de Almeida Fagioli
Pró-Reitor de Execução Administrativa
Prof. Flávio Augusto Barros
Chefe do Departamento de Educação Física
Prof. Jorge Roberto Perrout de Lima
Chefe do Departamento de Matemática e Física
Prof. Marco Antônio Brasil
Chefe do Departamento de Ciências Humanas e Educação
Prof. José Batista de Mendonça
Paraninfo
Profª. Sigrid Bitter

Patrono
Prof. Jorge Roberto Perrout de Lima
Orador:
José Augusto de Souza
Juramentista
Ádila Drumond Viana Caldas

HOMENAGENS:

— A todos os professores.
— A todos os funcionários, em especial à Secretaria Maria Cristina Tavares Carregal.

Juramento:

"Prometo que, no cumprimento do meu ofício, não permitirei que meu trabalho seja utilizado como instrumento para alienar, doutrinar ou massificar o homem; lutarei para que cada movimento feito por meus alunos tenha como objetivo seu bem estar, seu auto-conhecimento, sua realização e sua felicidade. Assim sendo, no futuro, teremos contribuído para a construção de uma sociedade mais equilibrada, justa e feliz".

HOMENAGEM ESPECIAL.

PROGRAMA:

— Colação de Grau
Dia 30 de junho, às 20:00hs
Cine Marrocos — Coronel Fabriciano

— Missa em Ação de Graças
Dia 01 de julho, às 10:00hs
Capela do Colégio Angélica
Rua Maria Mattos, 128 - Coronel Fabriciano

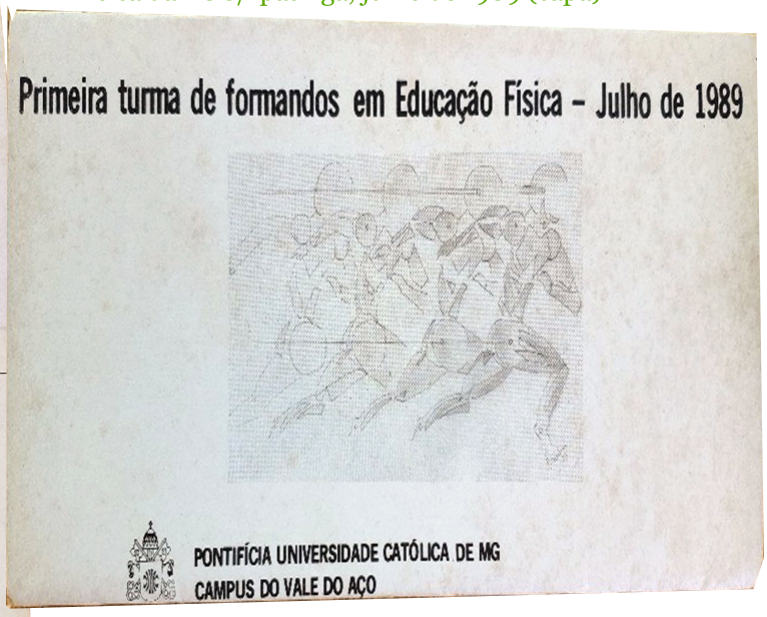
— Baile
Dia 01 de julho, às 22:00hs
Sede Social do Industrial Esporte Clube
Rua Dom Manoel, 333 - Bom Retiro - Ipatinga
Traje: Esporte Fino. (Convite Especial)

FORMANDOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Ádila Drumond Viana Caldas
Adriana Azevedo Paiva
Amarildo Carreiro
Amário Lessa Junior
Beatriz Carlos Corrêa
Célia Maria Eugênio
Cristiane Andrade Grippi
Denize Magalhães de Oliveira
Elder Teixeira
Fabíola Batista da Silva
Fernanda Ferraz Santos
Flávio Martins Guerra
Geraldo Aparecido Assis Fraga
Geraldo Caldas Soares
Gianette Nogueira de Jesus
Hanriete Maria de Souza
Hilcimar Morais Macêdo Madeira
Jacqueline Lopes Abelha
Jane Ladeira Oliveira
Janeiva Araújo Quintão de Matos Machado
José Augusto de Souza
José Manoel Rodrigues
Jumara Cardoso de Novaes
Ligia Maria Menezes
Lilian Carneiro Araújo Sperancini
Márcia de Freitas Vieira Borges
Maria Cristina Marinho Serra Negra
Maria do Carmo Nogueira Vasconcelos
Maria Rosany Damascena
Maria Vilma de Menezes Vieira Godoy
Marley Pereira Barbosa Alvim
Regina Laura Lisboa e Almeida Teixeira
Rozeli dos Passos
Sandra Geraldia Empereur
Sandra Helena Pinto de Souza Reis
Shirley Miranda Silva
Veruschka Machado Silva

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 108 - – Homenagem da 1ª turma de Educação Física da PUC/Ipatinga, julho de 1989 (capa)



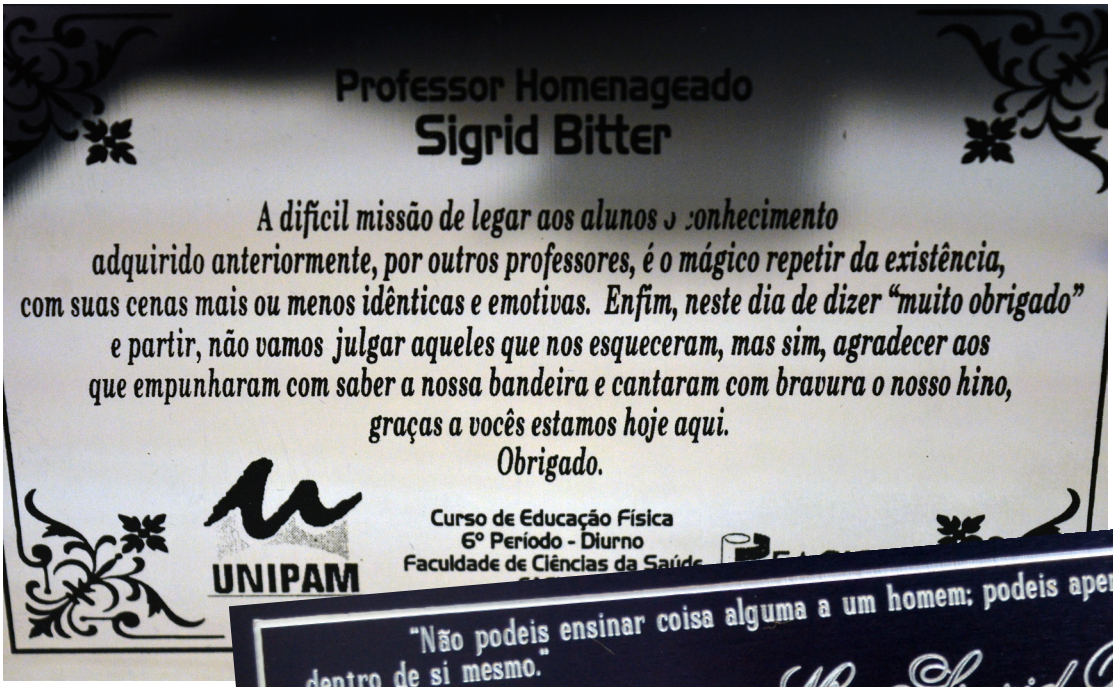


Imagem 110
Homenagem da 2ª turma do curso de Educação Física diurno do UNIPAM, janeiro 2007

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 111
Homenagem como Patronesse da 1ª turma de Educação Física noturno do UNIPAM, janeiro 2006

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

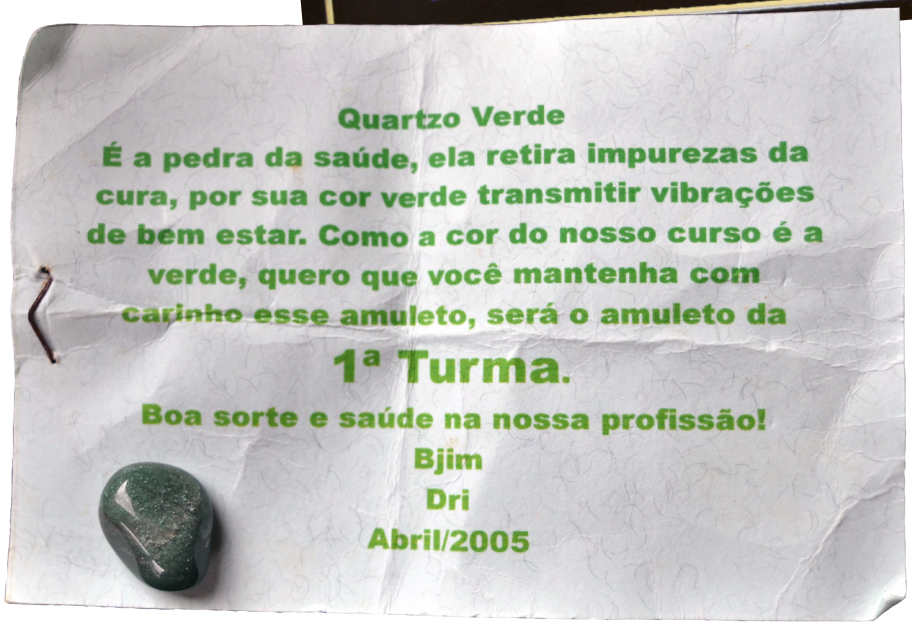
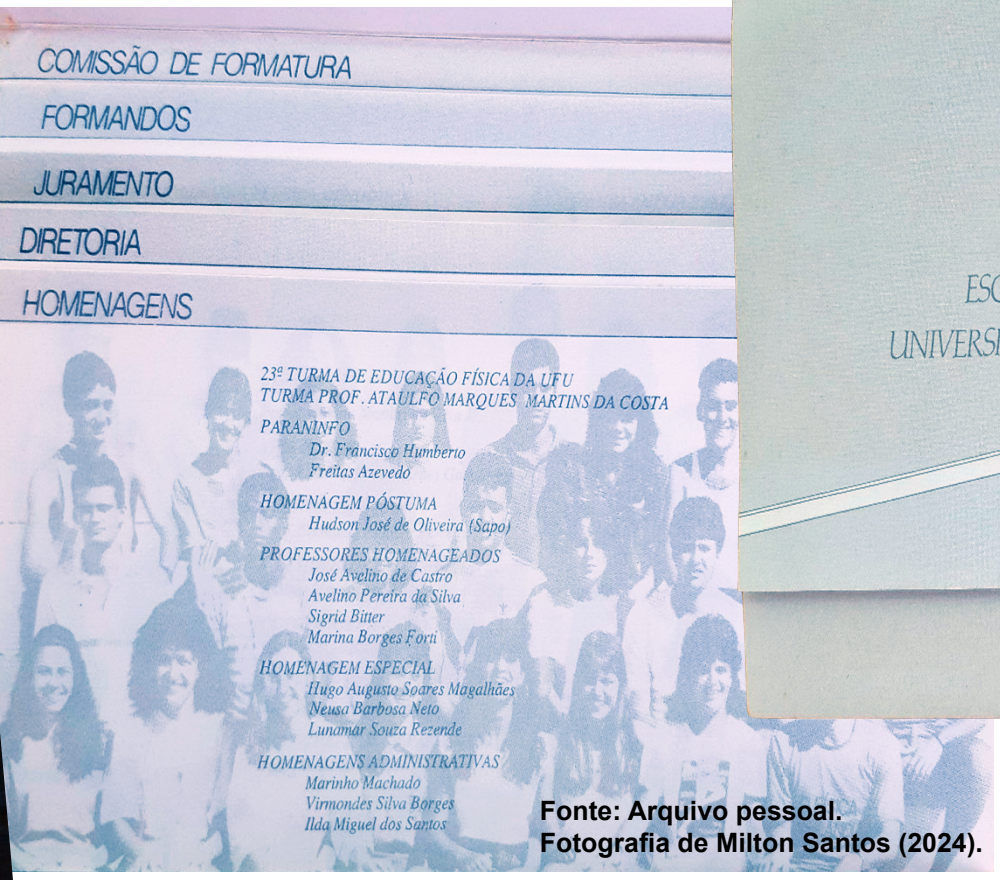


Imagem 112
Presente da 1ª turma do noturno Educação Física noturno do UNIPAM, abril de 2005

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

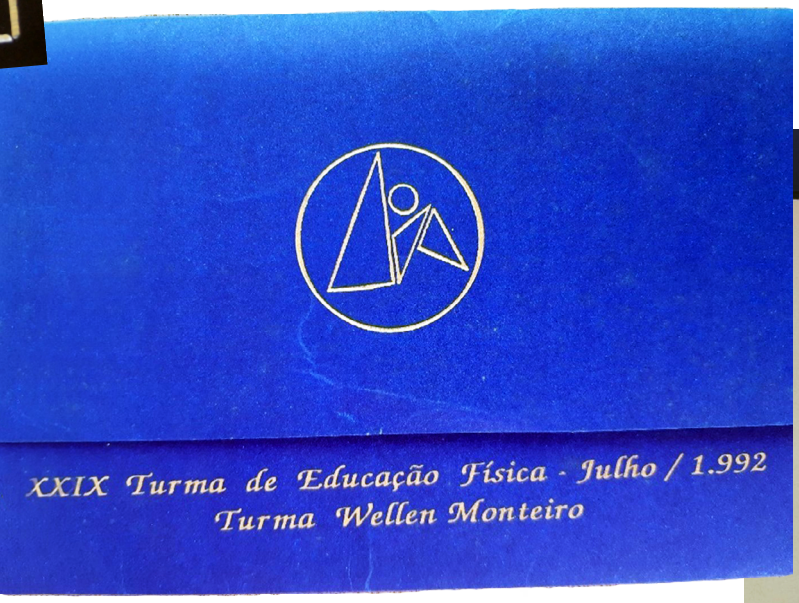
Imagem 113 - Homenagem da 23ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 1989 (capa)



Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 114 - Homenagem da 23ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 1989 (interno)

Imagem 115 - Homenagem da 29ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 1992 (capa)



Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 116 - Homenagem da 29ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 1992 (interno)

Imagem 117 - Homenagem da 38ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, janeiro de 1997

Fonte: Arquivo pessoal.
Fotografia de Milton Santos (2024).

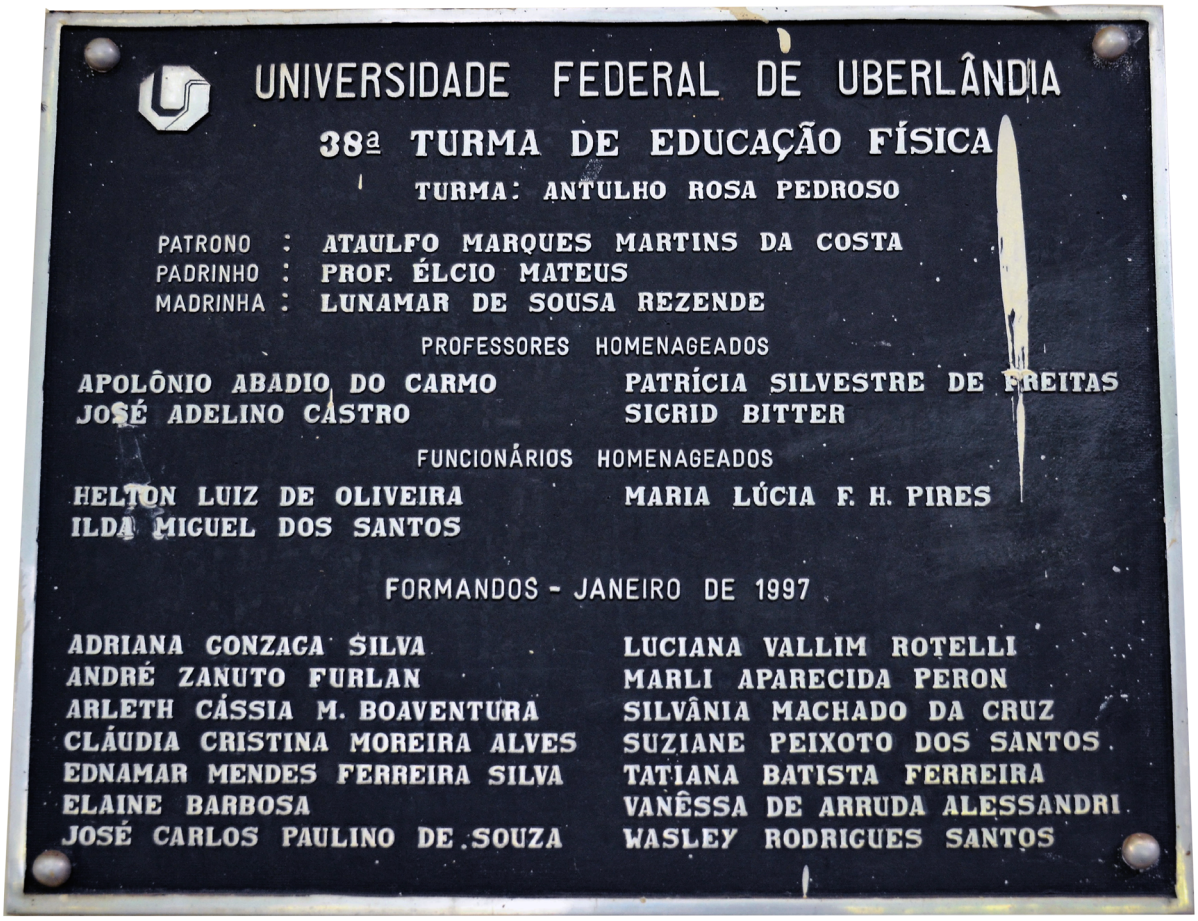


Imagem 118 - Placa de formatura da 38ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, janeiro de 1997

Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

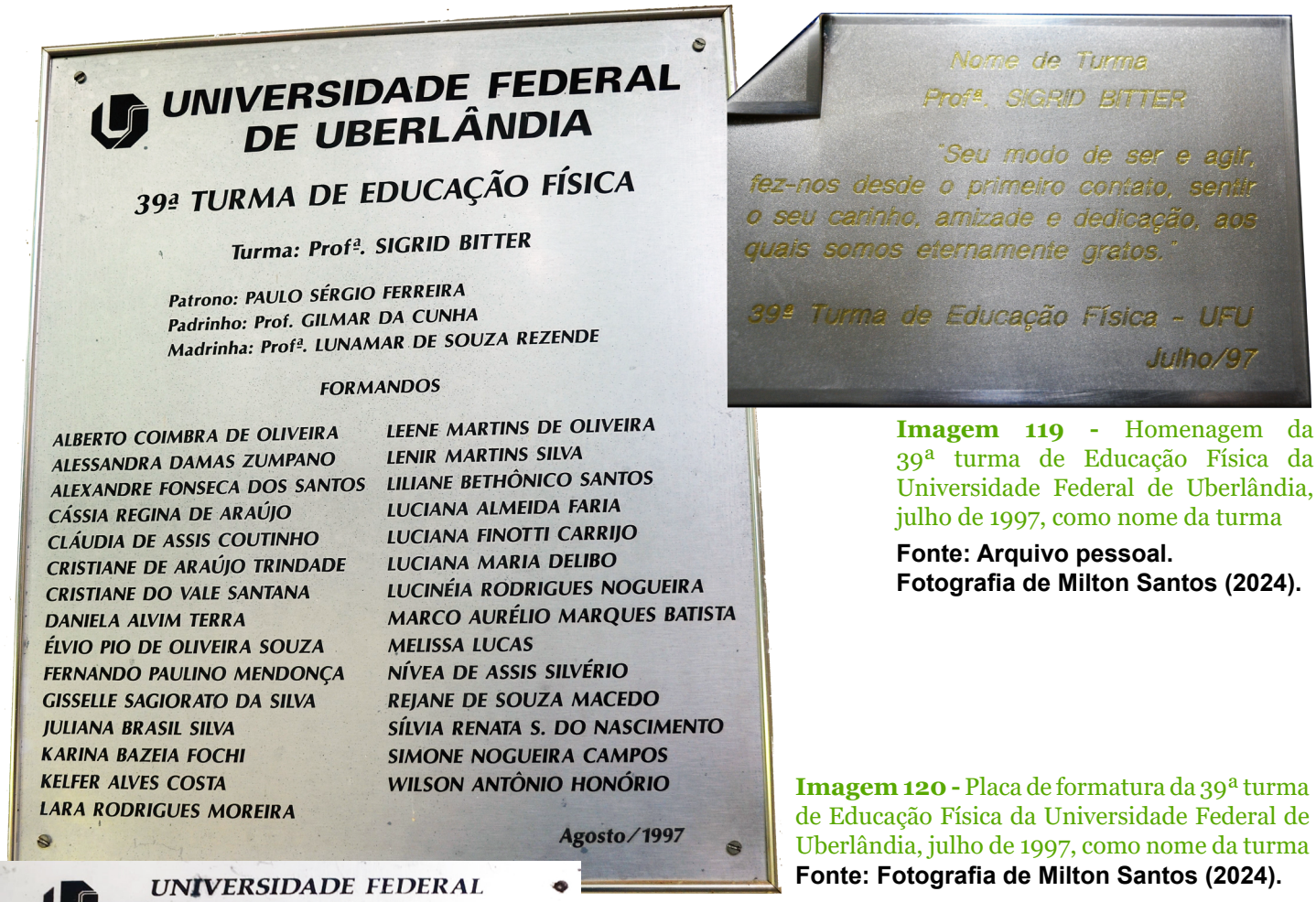


Imagem 119 - Homenagem da 39ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 1997, como nome da turma

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 120 - Placa de formatura da 39ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 1997, como nome da turma

Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

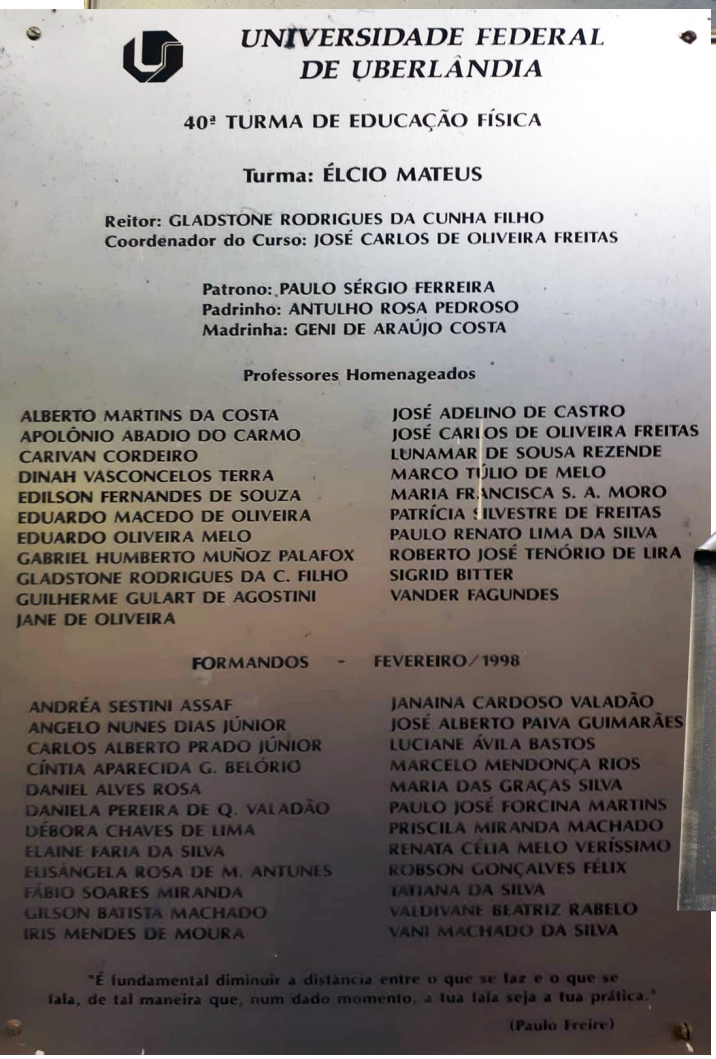


Imagem 122 - Placa de formatura da 40ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, fevereiro de 1998

Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 121 - Homenagem da 40ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, fevereiro de 1998

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 123 - Placa de formatura da 44ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, janeiro de 2000

Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 124 - Homenagem da 45ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, agosto de 2000

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 125 - Placa de formatura da 45ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, agosto de 2000

Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 126 - Homenagem da 46ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, dezembro de 2000, como madrinha da turma

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 127 - Placa de formatura da 46ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, dezembro de 2000, como madrinha da turma

Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 128 - Homenagem da 47ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, agosto de 2001, como madrinha da turma

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 129 - Placa de formatura da 47ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, agosto de 2001, como madrinha da turma

Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

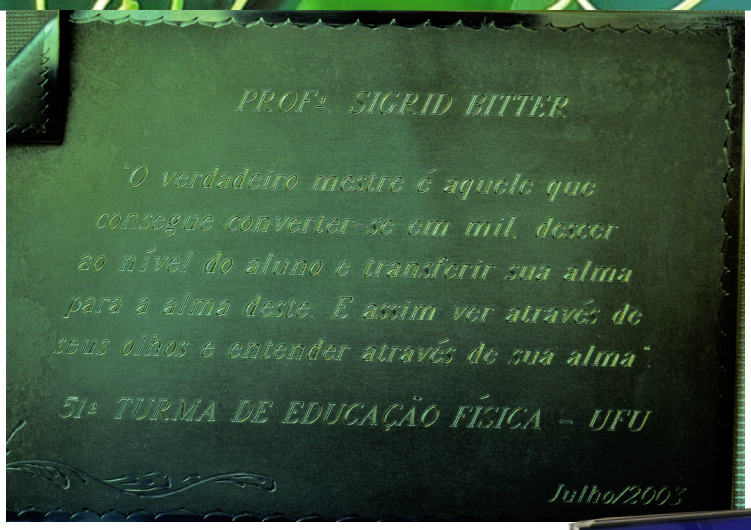


Imagem 130 - Homenagem da 51ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 2003
Fonte: Arquivo pessoal.
Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 131 - Placa de formatura da 51ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 2003
Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 132 - Placa de formatura da 56ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, 2005
Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 133 - Homenagem da 60ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, 2008

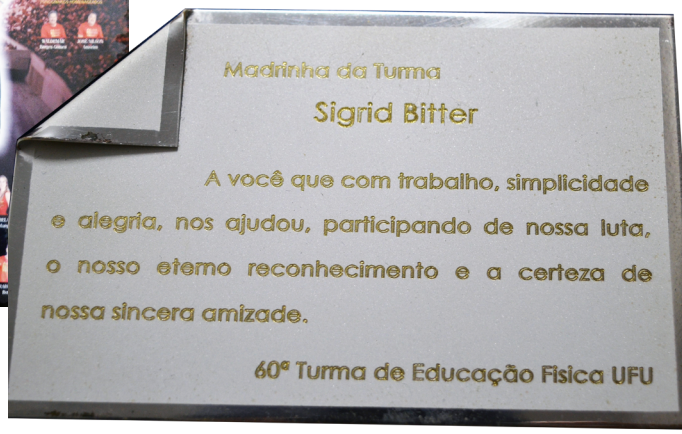


Imagem 134 - Placa de formatura da 60ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, 2008

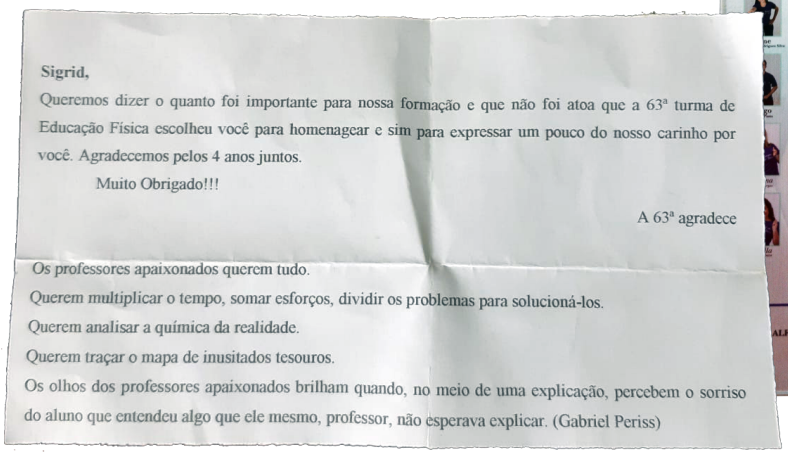
Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 135 - Presentes recebidos da 63ª e 64ª turmas de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 2009

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).


Sigrid,

Queremos dizer o quanto foi importante para nossa formação e que não foi atoa que a 63ª turma de Educação Física escolheu você para homenagear e sim para expressar um pouco do nosso carinho por você. Agradecemos pelos 4 anos juntos.

Muito Obrigado!!!

A 63ª agradece

Os professores apaixonados querem tudo.
Querem multiplicar o tempo, somar esforços, dividir os problemas para solucioná-los.
Querem analisar a química da realidade.
Querem traçar o mapa de inusitados tesouros.
Os olhos dos professores apaixonados brilham quando, no meio de uma explicação, percebem o sorriso do aluno que entendeu algo que ele mesmo, professor, não esperava explicar. (Gabriel Periss)

Imagem 136 - Homenagem da 63ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 2009

Imagem 137 - Placa de formatura da 63ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 2009

Imagem 138 - Homenagem da 64ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 2010
Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 139 - Placa de formatura da 64ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 2010
Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 140 - Placa de formatura da 68ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia
Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

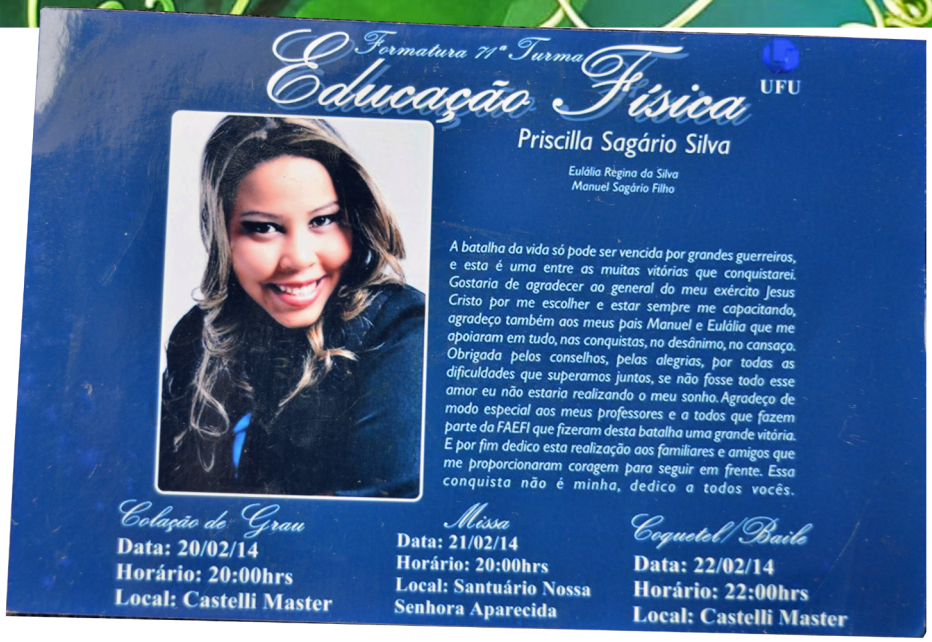


Imagem 141 - Homenagem da formanda Priscilla Sagário Silva, do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, fevereiro de 2014

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 142 - Placa de formatura da 72ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, dezembro de 2014

Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 143 - Presente recebido da 73ª turma de Educação Físicas da Universidade Federal de Uberlândia, fevereiro de 2015, como madrinha de turma

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 144 - Placa de formatura da 73ª turma de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, fevereiro de 2015

Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

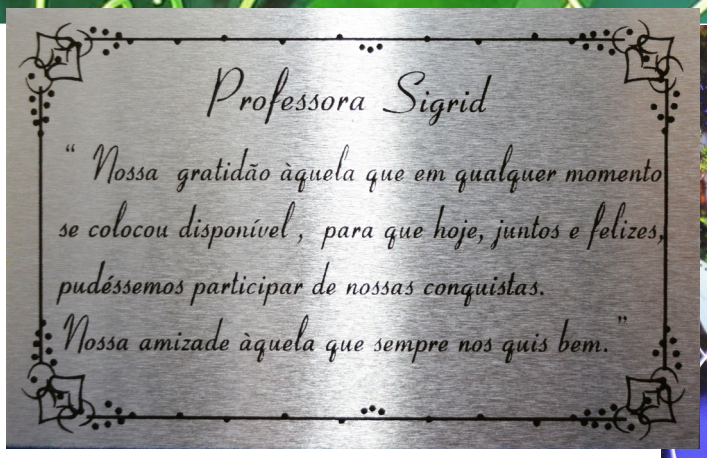


Imagem 145 - Homenagem sem referência

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Milton Santos (2024).

Imagem 146 - Homenagem da formanda Giuliana, do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia

Fonte: Fotografia de Milton Santos (2024).

Estive afastada para cursar o doutorado entre 2013 e 2017, quando retomei minhas atividades acadêmicas no curso de Educação Física da UFU. Nesse retorno, encontrei a Educa com dois novos cursos: Licenciatura e Bacharelado. Lecionei tanto nesses cursos quanto para os remanescentes do currículo antigo. Porém, após três anos, o mundo paralisou frente à pandemia de COVID-19. Inicialmente, acreditávamos que essa paralização não se prolongaria, mas o horror se estendeu por longos dois, três anos. Sentimos, na pele, nossa vulnerabilidade e passamos a conviver com a incerteza do amanhã. A apreensão e a angústia marcavam presença a cada dia que continuávamos vivos.

Tivemos que aprender a lidar com aulas on-line e a nos adaptar à nova realidade. O maior desafio surgia quando o conteúdo exigia aulas práticas, que só poderiam ser realizadas presencialmente. Desse modo, várias disciplinas não puderam ser ministradas em sua totalidade, deixando certos conteúdos reservados para o retorno das aulas presenciais. Isso acarretou uma complexidade na logística dos coordenadores quanto à organização dos componentes curriculares, à disponibilidade dos professores e ao uso do espaço físico.

Ainda assim, fui honrada, mais uma vez, com a homenagem de três turmas dos novos cursos: professora homenageada da **2ª turma da Licenciatura** em Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, e das **2ª e 3ª turmas do Bacharelado** em Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, cujas formaturas ocorreram em 1º de agosto de 2024.

2.5.2 Relatórios dos discentes

Outra forma de reconhecimento, que nós professores recebemos são os depoimentos dos alunos, principalmente após a conclusão de sua formação. Esse reconhecimento nos traz uma profunda sensação de gratidão.

Sempre tive o hábito de solicitar aos alunos um breve relatório em que eles pudessem mencionar aspectos positivos, negativos e sugestões sobre a disciplina, considerando elementos como conteúdo, metodologia, relação professor-aluno, interação entre colegas, entre outros.

O mais importante era que esse relatório não precisava ser assinado. Dessa forma, acredito que a escrita ficava mais autêntica e verdadeira. O objetivo desses relatórios é obter um *feedback* que balize o que pode ser mantido, modificado e até inovado a partir das sugestões dos alunos.

Esses relatos, além de representarem um reconhecimento significativo do meu trabalho, foram ferramentas valiosas para meu crescimento como docente. A troca de experiências e percepções dos alunos vem me permitindo aprimorar minha prática pedagógica, fortalecer vínculos e construir um ambiente de aprendizado mais dinâmico e colaborativo. Cada depoimento carrega não apenas impressões sobre a disciplina, mas também fragmentos de jornadas individuais, refletindo a importância da educação na vida das pessoas.

Como são inúmeros relatórios, apresentarei aqui apenas alguns. O primeiro, de um curso de pós-graduação; o segundo, da graduação, fruto de uma dinâmica em que cada participante escrevia em um papel colado nas costas dos colegas características que os definissem; e os outros seis seguem o modelo original, contemplando aspectos positivos, negativos e sugestões sobre a disciplina.

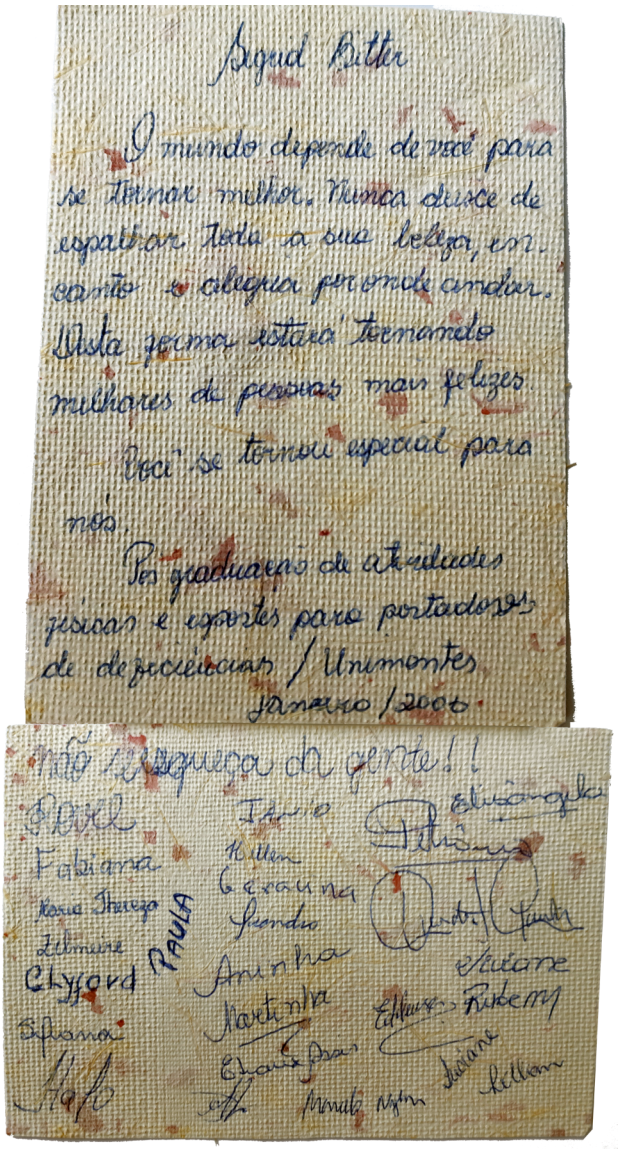


Imagem 147 - Depoimento dos alunos da pós-graduação da Unimontes, janeiro de 2000
Fonte: Arquivo pessoal (2025).

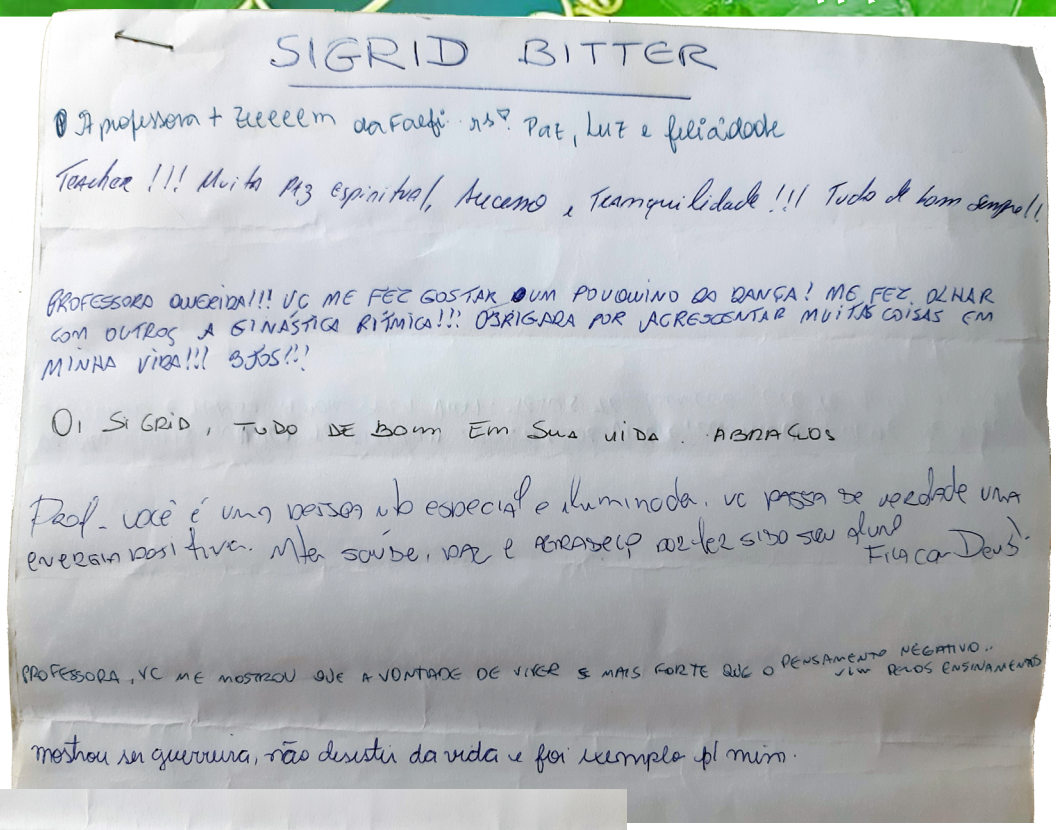


Imagem 148
Dinâmica em sala de aula. Cada participante escrevia as características da pessoa que estava com uma folha colada nas costas (primeira metade da folha)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

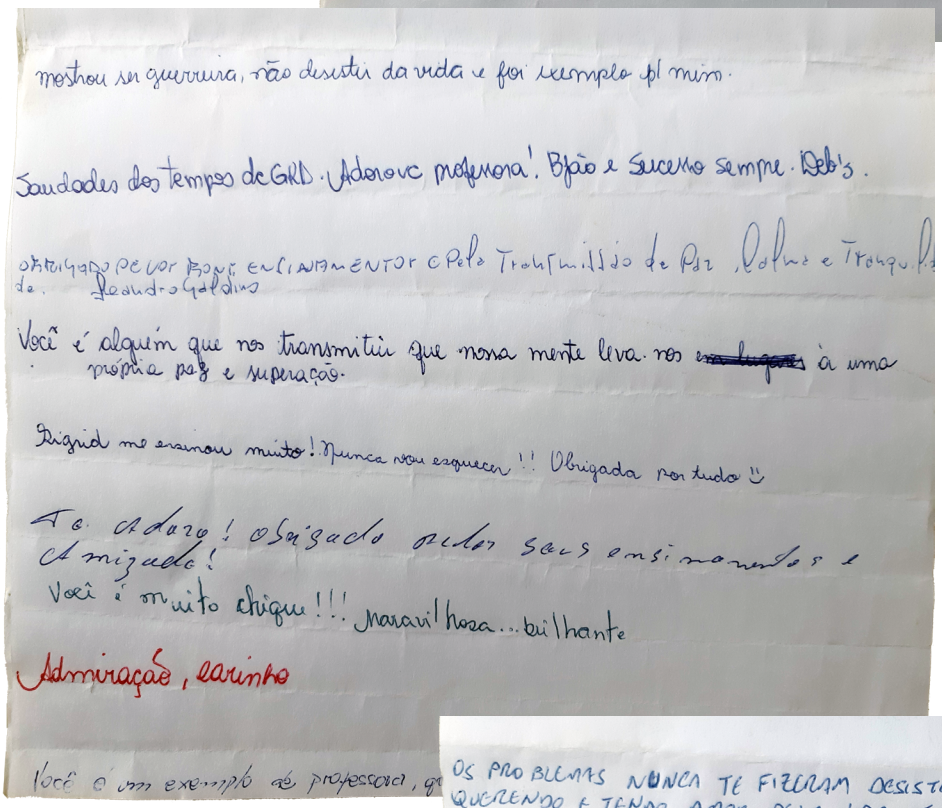


Imagem 149 - Dinâmica em sala de aula. Cada participante escrevia as características da pessoa que estava com uma folha colada nas costas (segunda metade da folha)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

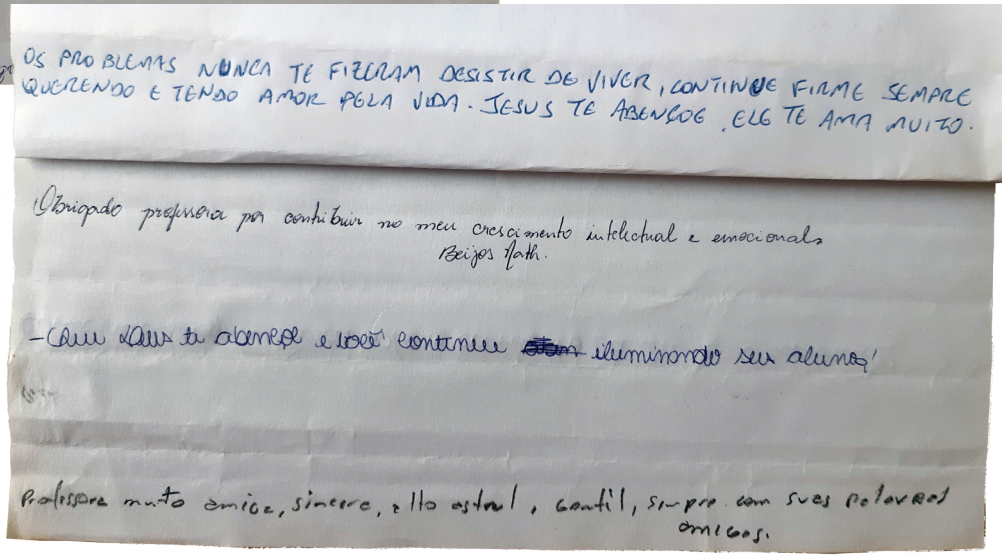


Imagem 150 - Dinâmica em sala de aula. Cada participante escrevia as características da pessoa que estava com uma folha colada nas costas (terceira metade da folha)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

De ambas as disciplinas eu aprendi muito e me interesso mais pela área. Amadureci muito com o planejamento e desenvolvimento do Painel de DANça. Aproximei mais de alguns colegas e fico feliz com isso. Além da experiência e tive a sensação de dever cumprido.

Sigrid, Agradeço por tudo que passamos nesti dois semestres, obrigada por ajudar no meu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Hoje eu percebo o quanto foi bom ter feito essas matérias com você, e vejo o quanto foi ótima todas experiências. Da sua metodologia e forma de conversar com os alunos foi o que mais gostei nas suas aulas. Todos os professores desta faculdade são muito parecidos, e você pensa completamente diferente e isso me fez aprender muito mais nas matérias que você ministrou. O Seu diferente é ótimo e espero poder fazer com os meus alunos o que aprendi com você. A sua forma de ver o mundo, a importância a coisas que não são matérias, isso me impressionou muito.

Muito Obrigada por Tudo! Comentei esses dias com um amigo já formado que se chama Elvis que ele mandou um abraço para você. Você foi a melhor professora que tive até Hoje nesta faculdade e em todos anos da minha vida. Você e o marquinho como professores estão de PARABÉNS!

Imagem 151
Relatório solicitado ao final do semestre, descrevendo aspectos positivos, negativos e sugestões da disciplina (1)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Em meu curso tirei proveito de vários assuntos, o mais marcante com direito foi o respeito a tudo, qualquer visão de mundo, costumes, etnia, religião, gênero não está errado, só é diferente. Na minha percepção eu já era bem resolvido com o certo de tudo, porém como vim de uma cidade menor, quando cheguei em Uberlândia a tão falada "diversidade humana" me surpreendeu como tudo aqui é mais ou menos do esperado que seria diferente.

E com os conhecimentos adquiridos em aula consegui me adaptar e a entender melhor tudo isso, o mundo ficou mais "fácil", em meio a esse mundo de preconceito essa matéria é muito importante no curso, ainda mais em Educação Física, onde formados iremos trabalhar com pessoas.

Senti falta de conteúdo ser direcionado para a área da educação física, foi muito geral, para essa matéria ficar ainda melhor; mesclar essa "geral" com Educação Física.

Imagem 152
Relatório solicitado ao final do semestre, descrevendo aspectos positivos, negativos e sugestões da disciplina (2)

Aspectos positivos

A liberdade dada em aula, a troca de experiências, todo o incentivo ao autoconhecimento e desenvolvimento de nossas habilidades e sensações, o desenvolvimento da sensibilidade promovido por experiências únicas, o respeito e o diálogo sempre presente!! Obrigado por acrescentar tanto em nossas vidas, e sim, reverberaram inúmeras coisas e estou me transformando pra melhor!

Aspectos negativos

A disciplina acaba, e a falta de tempo para discutirmos tantas coisas que dariam uma boa troca de experiências e conhecimentos

Sugestões

Não se preocupe com o interesse da turma, sua aula é super interessante, dinâmica, enriquecedora, a melhor que ja tive!! Só que ela é semelhante à natureza... Podemos aprender muito com ela, podemos realmente viver ela e sentir ela reverberando em nós, mas sempre terá aqueles que vão passar pelas paisagens da rodovia olhando para dentro do carro.... Sou muito grato a você por tudo!!

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 153 - Relatório solicitado ao final do semestre, descrevendo aspectos positivos, negativos e sugestões da disciplina (3)

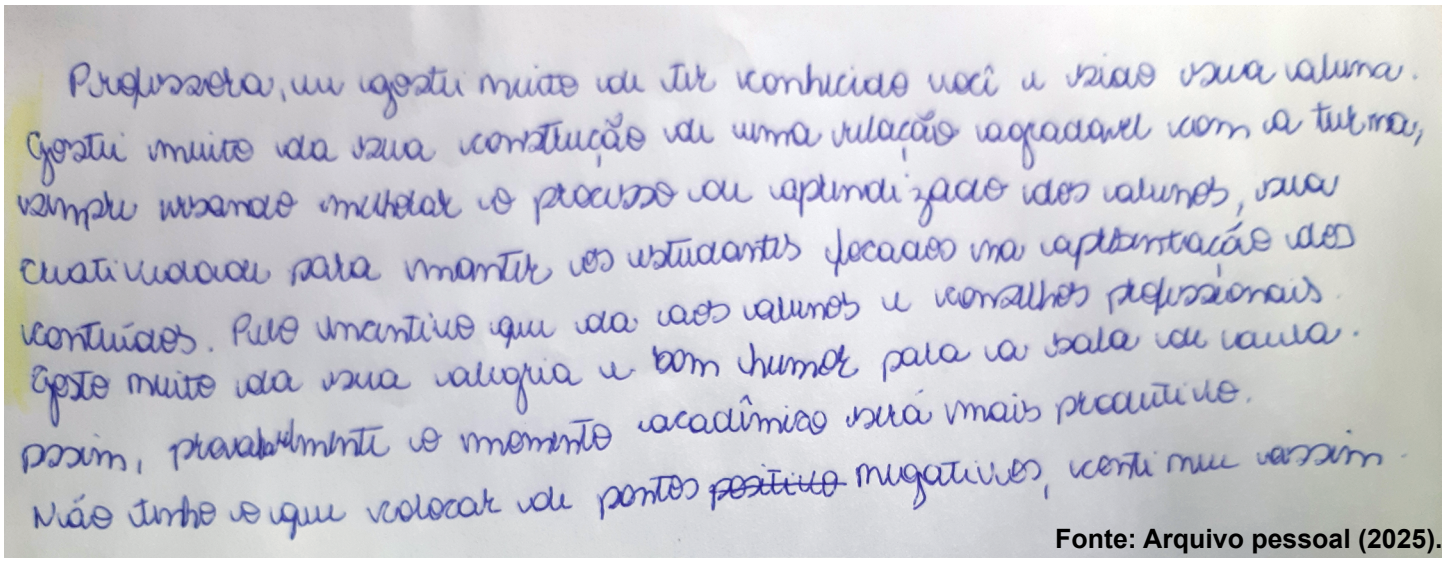
Imagem 154 - Relatório solicitado ao final do semestre, descrevendo aspectos positivos, negativos e sugestões da disciplina (4)

No começo do semestre, não tinha muita noção do que seria a matéria, pois nunca havia perguntado para os alunos de turmas passadas nem me informado a respeito. No inicio das aulas, tive meio que receio das atividades e fui meio "contra" tudo que era apresentado, não que eu não quisesse fazer, mas não conseguia imaginar aonde chegaríamos. Acho que isso foi o único contra da matéria, talvez ser meio obscura, meio sem sentido no inicio. Porem, acho que a culpa maior é minha disso, mas a matéria conseguiu me mostrar e provar muitas coisas, contrarias do que eu pensava, e foi EXCELENTE para mim!

Me interessei mais por danças, aprendi historia das danças, aprendi movimentos diferentes e técnicas para dançar, e me surpreendi muito com todo resultado, principalmente do painel!

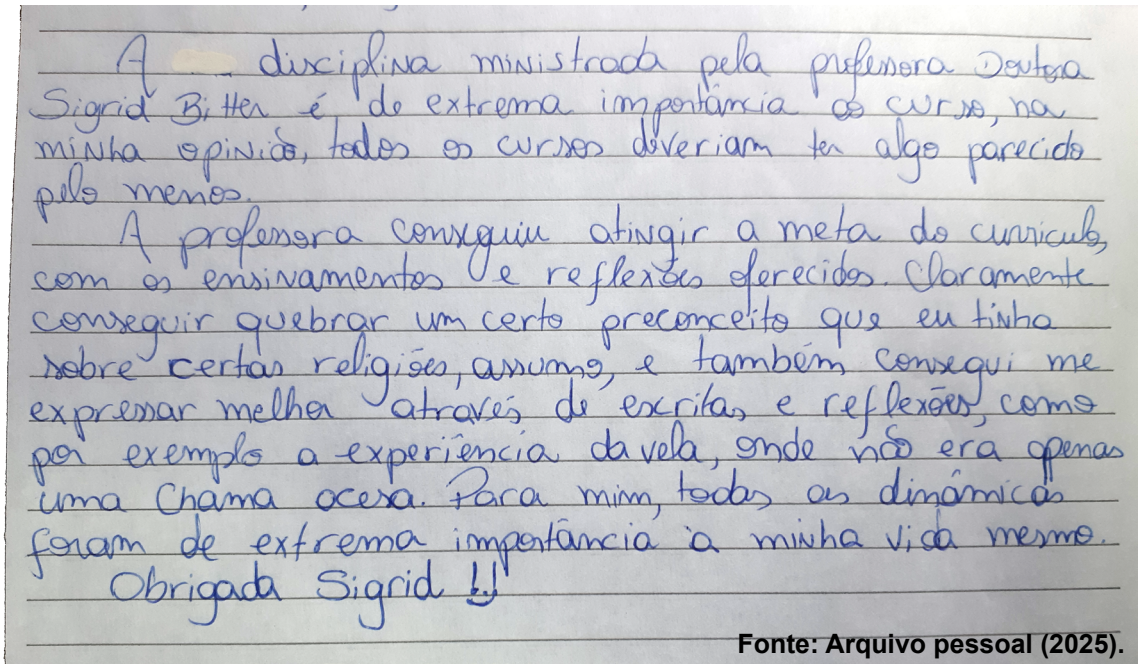
Então no meu ver, a matéria só agregou valores para mim, e aprendi muito nesse semestre, e acho que foi de grande valor tudo isso!

Fonte: Arquivo pessoal (2025).


Professora, eu gostei muito de ter conhecido você e viver sua aluna. Gostei muito da sua construção de uma relação agradável com a turma, sempre usando melhor o processo de aprendizagem dos alunos, sua criatividade para manter os estudantes focados na apresentação dos conteúdos. Pelo incentivo que dá aos alunos e conselhos profissionais. Gosto muito da sua alegria e bom humor para a sala de aula. Assim, provavelmente o momento acadêmico será mais produtivo. Não tenho o que colocar de pontos ~~positivos~~ negativos, acho mesmo assim.

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 155 - Relatório solicitado ao final do semestre, descrevendo aspectos positivos, negativos e sugestões da disciplina (5)


A disciplina ministrada pela professora Doutora Sigrid Bitter é de extrema importância do curso, na minha opinião, todos os cursos deveriam ter algo parecido pelo menos.

A professora conseguiu atingir a meta do currículo, com os ensinamentos e reflexões oferecidos. Claramente conseguir quebrar um certo preconceito que eu tinha sobre certas religiões, assumo, e também consegui me expressar melhor através de escritas e reflexões, como por exemplo a experiência da vela, onde não era apenas uma chama acesa. Para mim, todas as dinâmicas foram de extrema importância à minha vida mesmo.

Obrigada Sigrid !!

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 156 - Relatório solicitado ao final do semestre, descrevendo aspectos positivos, negativos e sugestões da disciplina (6)

Enfim, foram inúmeros *feedbacks* recebidos, sempre me mostrando que eu estava no caminho certo! Hoje, ao relembrar minha dúvida no período do vestibular – se optava pela Educação Física ou pela Eletrônica (que hoje seria Mecatrônica ou até Inteligência Artificial) – percebo, com muita paz e alegria, que fiz a escolha certa. Os alunos sempre foram para mim a bateria que recarregava minhas energias, que me mantinha jovem apesar do surgimento das rugas, que me atualizava com as novidades de suas gerações e que permitia à minha criança interna se expressar. Tudo isso, sempre com muito compromisso, dedicação e amor pelo que construíamos juntos.

Um fato é certo: sentirei muitas saudades dessas riquíssimas trocas!

3. Conclusão: fechando um grande ciclo

Finalizo este memorial com a sensação de chegar ao fim de mais uma espiral que constitui minha vida e, sem dúvida, de abrir espaço para uma nova que, espero, virá bem propulsora. Estou em um constante movimento de fazer e refazer linhas espiraladas, cada uma se interconectando e interrelacionando com o que fiz, faço e farei e no que eu fui, sou e serei.

Sigo esta nova jornada com uma companheira especial, cuja presença me envolve com um afeto genuíno, uma alegria contagiante e uma energia sem fim!

E como toda imagem é também textual, a imagem seguinte, em especial, conversa comigo, trazendo *flashes* dos lugares por onde meus olhos percorreram e das escritas de alguns autores:

- Olhar de criança curiosa! Paulo Freire.
- Experiência que faz sentido! Jorge Larossa.
- O todo no uno e o uno no todo! Edgar Morin e Yoga.
- Rastros impressos no ar pelo movimento! Rudolf Laban.
- Morar no interior do meu interior! Vander Lee.
- A alma é quem contempla! Sigrid Bitter.
- Memórias celulares! Candace Pert.
- Vida é poética! Sigrid Bitter.
- Metáfora dos porcos espinhos! Arthur Shopenhauer.
- A potência do "Neutro" de Roland Barthes e Maurice Blanchot – que aponta o estado latente da criatividade!

E, se me perguntarem sobre o meu legado, responderei: **"Acredito que eu consegui deixar algumas sementinhas pelas trilhas por onde peregrinei e, com certeza, algumas já se tornaram grandes e robustas árvores!"**

Neste momento, eu gostaria de encerrar essa escrita citando novamente Sérgio Pererê, com a sua música ***Refazendo a costura.*** Após uma longa jornada, aprendi várias coisas. Aprendi a ser mais verdadeira e autêntica comigo mesma, mais inteira. Mais paciente e compreensiva, principalmente com os contrários, sem que estes me afetem, me agridam, me derrubem. Aprendi a saber a hora de ir à luta e a hora de recuar. Aprendi a expor o meu verbo e o momento de silenciar. Aprendi a canalizar a minha energia para aquilo que realmente vale à pena. Sigo a minha trilha, acreditando, confiando e ainda com esperanças, apesar de tudo!

Refazendo a Costura,

de Sérgio Pererê,
https://www.youtube.com/watch?v=7qv8eJgRBxw

Letra

Eu tentei
Já tentei demais
Tentei

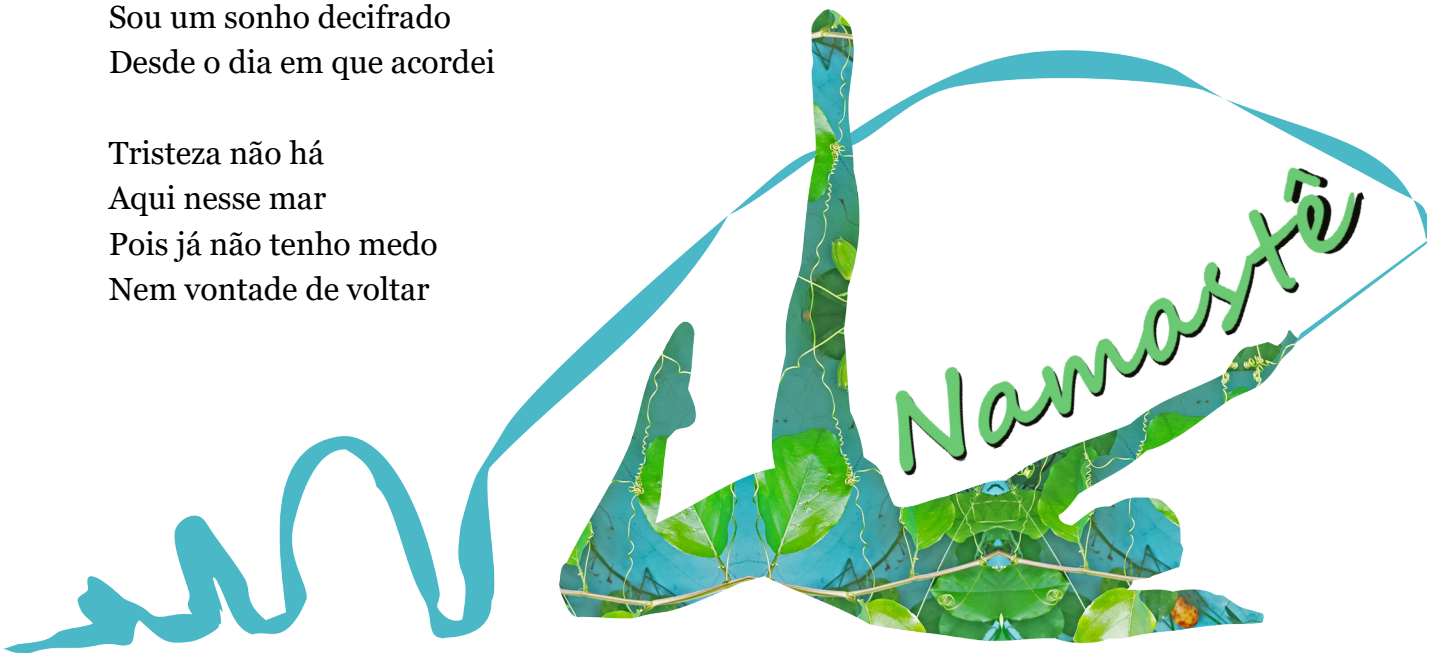
Hoje crio, invento e faço
Meu caminho
Minha lei

Eu sonhei
Já não sonho mais
Sonhei
Sou um sonho decifrado
Desde o dia em que acordei

Tristeza não há
Aqui nesse mar
Pois já não tenho medo
Nem vontade de voltar

Desenrolei
O novelo que a vida me deu
Desenrolei
E hoje quem faz a trama sou eu

(Sérgio Pererê, Refazendo a costura, 2020)



Referências

ANTIGINÁSTICA - Thérèse Bertherat. **Fisioterapeutas de Plantão**. 14 set. 2015. Disponível em: http://fisioterapeutasdeplantao.blogspot.com.br/ 2015/09/antiginastica-therese-bertherat.html. Acesso em: 2 fev. 2025.

BACH, Richard. **A história de Fernão Capelo Gaivota**. Rio de Janeiro: Nórdica, 2025.

BARTHES, Roland. Aula de 18 de fevereiro de 1978. *In*: BARTHES, Roland. **O neutro**: anotações de aulas e seminários ministrados no Collège de France, 1977-1978. Tradução de Ivone Castillo Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 5-43.

BARTHES, Roland. **Novos ensaios críticos seguidos de O grau zero da escritura**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas, Anne Arnichand e Álvaro Lorencicni. São Paulo: Cultrix, 1986. p. 117-120.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura. **Obras escolhidas I**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BITTER, Sigrid. **A meditação como ponto de partida para a criação coreográfica: o (in) visível de um corpo dançante.** Tese defendida no DINTER UNIRIO/UFU, RJ, 2017.

CARVALHO, Vicente. Você já ouviu falar no parto orgásmico? **Portal Gelédes**, 11 abr. 2014 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=93t0LPUZ05k&t=6s. Acesso em: 11 jan. 2025.

CLANDININ, Dorothy Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DAMÁSIO, Antônio. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DAMÁSIO, Antônio. **O mistério da consciência**. Tradução de Laura Teixeira Motta; revisão técnica de Luiz Henrique Martins Castro. 10. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DRUMOND DE ANDRADE, Carlos. **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1988.

EARP, Ana Célia Sá. Reflexões sobre a roteirização do documentário “Dançar: a vida de Helenita Sá Earp”. **Anais Abrace**, Campinas, v. 13, n. 1, 2012. Disponível em: https://www.iar.unicamp.br/publionline/abrace/hosting.iar.unicamp.br/publionline/index.php/abrace/article/view/2280.html. Acesso em: 15 jan. 2025.

FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. São Paulo: Nacional, 1959.

FERRAROTTI, Franco. Las histórias de vida como método. **Convergencia**, Toluca, v. 14, n. 44, p. 15-40, maio-ago. 2007. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1405-14352007000200002&script=sci_abstract&tlng=es. Acesso em: 15 jan. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Revisão da tradução de Ênio Paulo Giachini. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GLEISER, Marcelo. Pensamento noturno. **Leituras livres**, 2024. Disponível em https://www.facebook.com/share/p/15qWCtiQqc/. Acesso em: 14 set. 2024.

GODARD, Hubert. **Gesto e percepção**. *In*: GINOT, Marcelle; GINOT, Isabelle. **La danse au XXème siècle**. Tradução de Silvia Soter. Paris: Bordas, 1995. p. 11-24.

GOOD, Jack Goody. **Domesticação do pensamento selvagem**. Lisboa: Presença, 1988.

GOSWAMI, Amit. **A janela visionária**. São Paulo: Cultrix, 2000.

GOSWAMI, Amit. **Criatividade para o século 21**. São Paulo: Aleph, 2012.

GOSWAMI, Amit. **O universo autoconsciente**: como a consciência cria o mundo material. 3. ed. São Paulo: Goya, 2015.

HANNA, T. What is Somatics? **Somatics**, 5(4), 1986.

HUANG, Al Chung-liang. **Expansão e recolhimento**: a essência do Tai Chi. 4. ed. São Paulo: Summus, 1979.

JUNG, Carl. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

LABAN, Rudolf. **Der moderne Ausdruckstanz in der Erziehung**. 2. ed. Wilhelmshaven: Heinrichshofen, 1984.

LABAN, Rudolf. **Die Kunst der Bewegung**. Wilhelmshaven: Noetzel, Heinrichshofen-Bücher, 1988.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. Tradução de Anna Maria Barros De Vecci e Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1978.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação**. Tradução de João Wanderley Geraldi, n. 19, p. 20-28, jan.-abr. 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 10 jan. 2025.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LEGRAND, Michel. **L'approche biografique**. Marseille: Hommes et Perspectives, 1993.

LIBERMAN, Flavia. **Delicadas coreografias**: instantâneos de uma terapia ocupacional. São Paulo: Summus, 2008.

LIMA, João Gabriel; BAPTISTA, Luis Antônio. Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin. **Princípios**, Natal, v. 20, n. 33, p. 449-484, jan.-jul. 2013. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/7526. Acesso em: 11 fev. 2025.

MARTINS, José de Souza. Vida e história na sociologia de Florestan Fernandes (reflexões sobre o método da história de vida). **Revista USP**, São Paulo, v. 29, p. 14-19, mar.-maio 1996. Disponível em: https://revistas.usp.br/revusp/article/view/25606. Acesso em: 11 fev. 2025.

MEHTA, Rohit. **A ciência da meditação**. Brasília: Teosófica, 2009.

MEINERZ, Andréia. **Concepção de experiência em Walter Benjamin.** 2008. 81 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/15305. Acesso em: 13 jan. 2017.

MELO, José Pereira. **Desenvolvimento da consciência corporal**: uma experiência da educação física na idade pré-escolar. São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

MILLER, Jussara. **A escuta do corpo**: **s**istematização da técnica Klauss Vianna. São Paulo: Summus, 2007.

MORAES, Paula Louredo. Parto Leboyer. **Brasil Escola**. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/biologia/parto-leboyer.htm . Acesso em: 11 jan. 2025.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 22. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

PELBART, Peter Pál. Indivíduo e potência. *In*: NEUPARTH, Sofia; GREINER, Christine (org.). **Arte agora**: pensamentos enraizados na experiência. São Paulo: Annablume, 2011. (Coleção Leitura do Corpo).

PERDIGÃO, Andréa Bomfim. **Sobre o silêncio.** São José dos Campos-SP: Pulso, 2005.

PERERÊ, Sérgio. Costuras da vida. **Youtube**. 22 maio 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NG_ErFvTn04. Acesso em: 12 fev. 2025.

PERERÊ, Sérgio. Refazendo a costura. **Youtube**. 12 mar. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7qv8eJgRBxw. Acesso em> 12 fev. 2025.

PERT, Candace. **Conexão mente, corpo, espírito**. Tradução de Júlia Bárány Yaari. São Paulo: ProLíbera, 2009.

PERT, Candace. **Molecules of emotion**: the science behind mind-body medicine. New York: Simon & Schuster, 1999.

PERT, Candace. **Molecules of emotion:** why you feel the way you feel. New York: Pocket Books, 1997.

QUEIROZ, Lela. **Corpo, mente, percepção**: movimento em BMC e dança. São Paulo: Annablume, 2009.

ROBATTO, Lia. **Dança em processo, a linguagem do indizível**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

SAMAIN, Etienne (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SILVEIRA, Lia Carneiro. A sociopoética como dispositivo para produção de conhecimento. **Interface** (Botucatu), v. 12, n. 27, out.-dez. 2008. DOI 10.1590/S1414-32832008000400016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/icse/a/LKRgcGBrGYnnz47cWv5VZVL/?lang=pt. Acesso em: 7 mar. 2015.

TAIMNI, Iqbal Kishen. **A ciência do Yoga**. Tradução de Milton Lavrador. Brasília: Teosófica, 1996.

TINOCO, Rui. Histórias de vida: um método qualitativo de investigação. **Psicologia.com.pt**. 19 jul. 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/326655330_Historias_de_Vida_-_um_metodo_qualitativo_de_investigacao. Acesso em: 11 fev. 2025.